

Branco e Negro



A MANHÃ — Fresco de Hans Makart

PREÇO 50 RÉIS

N.º 84

Um volume (48.º da collecção) com 630 paginas, contendo além de tabellas e indicações práticas de utilidade para todos, uma interessantissima e abundante parte litteraria, anecdotica e charadistica, collaborada pelos melhores escriptores portuguezes e brasileiros.

LUSO BRAZILIBRO

NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1898

PREÇOS
240 réis brochado ou 320 réis cartonado em per-
caine. Pelo cor-
reio 280 ou
360 réis.

DIRIGIDO PELO
Dr. A. Xavier S.
Cordeiro

48.º ANNO

Pedidos á Livra-
ria do editor Antonio Maria
Pereira, rua Augusta, 50, 52 e 54
LISBOA

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1898

Redigido por **D. Guiomar Torrezão**

Um volume (28.º da collecção) contendo além das tabellas e demais materias proprias d'este genero de livros, uma desenvolvida secção de litteratura, — poesias, pequenos contos, biographias, charadas, enygmata, logogriphos, etc. — acompanhadas de uma grande collecção de retratos das personalidades mais em evidencia no momento actual em Portugal e no Brazil. No logar de honra figura o retrato e o perfil litterario da illustre romancista brasileira Julia Lopes de Almeida, auctora d'A Viuva Simões.

Preço 240 rs. broch. ou 320 rs. cart. — Pelo correio 260 ou 340 rs.

Pedidos á Livraria do editor A. M. Pereira.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 84

LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 1897

2.º ANNO

UM ESCULTOR EM MADEIRA

CONTÁ o Porto um distincto escultor em madeira que tem affirmado o seu inconfundível merecimento em numerosos trabalhos de incontestavel valor, mórmente em mobiliario artistico, em que nenhum outro n'aquella cidade se lhe avanta. E' o sr. Zeferino José Pinto, cujo retrato inserimos. Entalhador da Casa Real, durante longos annos exerceu o cargo de mestre das ornamentações de madeira no salão nobre do palacio da Bolsa, que foi escola de operarios, entalhadores, estuadores, lavrantes de granito e carpinteiros.

Produzindo uma grande e magnificante meza que se ostenta na sala dos retratos e que motiva a admiração de quantos visitam aquelle grandioso edificio, o Zeferino, como simplesmente lhe chamam, para logo firmou a sua reputação de incomparavel entalhador, pela graça, elegancia e delicadeza do seu privilegiado buril, sempre manejado com admiravel paciencia.

E' sabido que a mobilia constitue a principal parte do que actualmente se chama a historia do lar domestico, da vida intima, nas diversas edades e povos, podendo, pelo seu estudo, chegarmos a conhecer o caracter distinctivo de cada raça e de cada epocha.

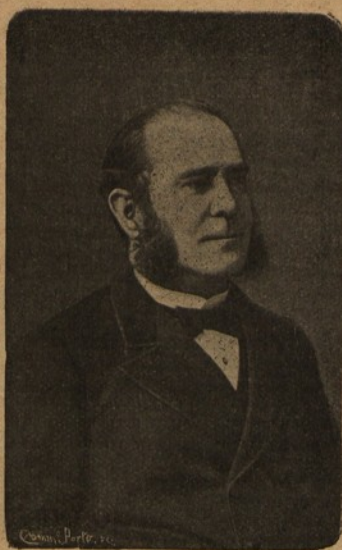
Foi o seculo xv o que mais favoreceu a produção de moveis artisticos e de luxo, de que mais bellos e numerosos exemplares se conservam. Posteriormente, o mobiliario soffreu em toda a parte uma transformação completa, que reflectiu tambem entre nós, graças ao talento de alguns artistas e á generosidade de algumas pessoas de bom gosto.

Zeferino foi creado n'este impulso e levado n'esta corrente.

O ultimo trabalho notavel executado pelo primoroso artista foi uma mobilia de que damos as gravuras de tres peças e que a imprensa portuense calorosamente elogiou, quando se expoz no salão nobre do Centro Commercial.

O sofá, de grande magestade e imponencia, mede 3^m,50 de comprido, por 1^m,80 de alto ao centro; tem dois armarios aos lados, assentando em cima de cada um d'elles um vaso, de estylo manuelino, com um opulento *bouquet* de flôres, trabalhadas em madeira macissa, constituindo uma verdadeira maravilha de paciencia a tenuidade das petalas, o recorte, a delicada separação de todas as partes componentes do gracioso ramo.

A mesa jardineira tem uma tampa de imbrincados ornatos em baixo relevo, tão perfeitos que se diriam gravados em uma salva de prata. Os pés e as cercaduras são de grande belleza, pela profusão de ornatos.



ZEFERINO JOSÉ PINTO, escultor portuense
(Photographia Biel — Porto)

Cada cadeira mede 1^m,60 de altura.

Toda a ornamentação d'estas peças é um mixto Renascença e Luiz xv, apresentando 156 figuras, em diversas posições. A madeira é lustrada a cera e o estofó é setim *marron*, com ornatos de velludo em relevo, fazenda de alto preço. Impeccavel, a perfeição de mão de obra de toda esta mobilia; em cada vasado, em cada capricho de talha, revela-se o artista talentoso e correcto em todas as minudencias.

No Palacio de Crystal expoz ha annos o mesmo artista um espelho de primorosa moldura e dois vasos com flôres que, pela transparencia, avelludado das petalas e colorido da folhagem, formada de diversas madeiras, davam a impressão do natural.

Mais tarde submetteu á apreciação publica dois plinths, com todas as faces recamadas de emblemas e ornatos de variado desenho; flôres diversas, cabeças de anjos, peixes e animaes enriqueciam os dois objectos, cujo valor se augmentava com os bustos de homens celebres, bellamente esculpidos. Levaram 3 annos a concluir as duas peças.

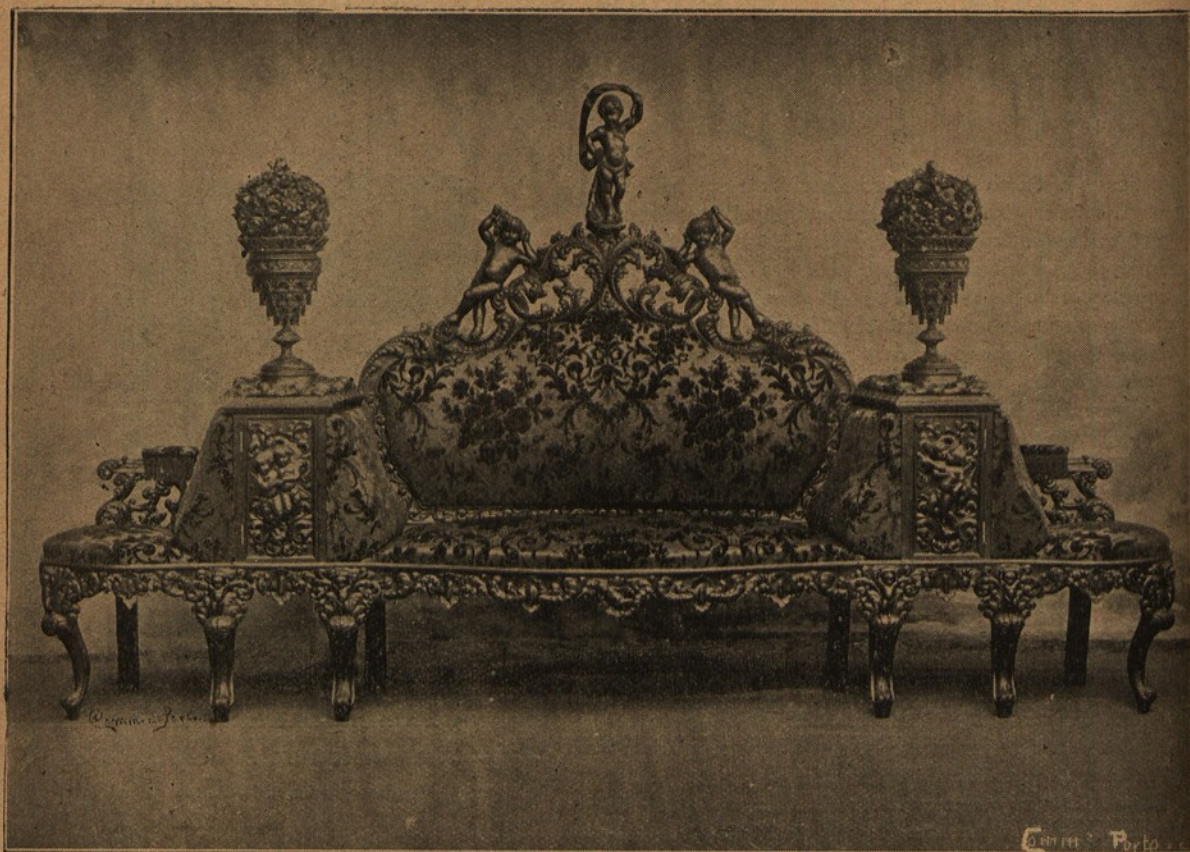
Foram executados estes moveis, bem como outros, por encómenda do illustre medico homeopatha sr. dr.

Rebello da Silva, que nunca regateou ao artista o preço da sua obra.

Um sanctuario de pau santo, destinado a um abastado capitalista portuense, revela um inexcédível bom gosto e um conhecimento pratico e profundo da arte. Um sumptuoso portico, rematado por uma cupula elegante, assenta sobre quatro columnas doricas, cujas bases tem ornatos inspirados em assumptos de natureza vegetal, executados com inexcédível esmero. A cupula vê-se encimada por um pelicano que, na sua attitude e posição, testifica a consciencia do artista que se compenetrou perfeitamente da ideia que quiz representar. O Commer-

das columnas são recamadas de ornatos em madeira, inspirados em assumptos da natureza vegetal e abertos com a paciencia e cuidado de um verdadeiro artista n'aquelle genero. As flores, variegadas de columna para columna, são entrelaçadas com outra ornamentação de gosto, destacando perfeitamente um tão superior conjunto.

•Nos fustes das columnas captiva agradavelmente a vista a ornamentação larga mas mimosa que se observa no terço inferior, ornamentação toda aberta, com inexcédível perfeição, na propria madeira. Os dous terços superiores são preenchidos com as canelluras que ordina-



MOBILIARIO ARTISTICO — Sophá causeuse

(Photographia Biel — Porto)

cio do Porto de 26 de julho de 1881 noticiava, nos seguintes termos a conclusão d'esta obra d'arte:

«Congratulando-nos sempre com todas as manifestações da cultura artistica que vão surgindo no nosso paiz, não podemos deixar de assignalar ao exame dos apreciadores do *bello artistico* um trabalho digno de observação. Referimo-nos a um luxuoso sanctuario de pau preto, opulentamente ornamentado, que acaba de ser confeccionado na officina do conhecido e apreciado entalhador d'esta cidade o sr. Zeferino José Pinto, mestre das obras de talha da Associação Commercial.

«O sanctuario representa um sumptuoso portico assente sobre quatro columnas doricas e encimado por uma cupula gigantesca, em cujo apice assenta um pelicano. Começando a examinar uma a uma as partes d'esse bello conjunto, deparam-se-nos copiosas bellezas; as bases

riamente se encontram nas columnas da ordem architectonica a que estão referidas. O capitel destaca perfeitamente com o seu folheado lançado distinctamente.

«O frontão do portico é todo coberto de ornamentação, sendo graciosissima a que foi collocada no vão comprehendido entre as columnas da frente e o arco central, pois desprende-se graciosamente em grande parte da extensão d'este. A moldura que cerca a porta do sanctuario é miudamente trabalhada e destaca perfeitamente no meio de todo o conjunto.

«Cobre toda a parte que deixamos descripta uma cornija proeminente e cujos frisos são bellamente lançados, assentando sobre ella em cada um dos quatro angulos, umas peanhas, de conformação pouco vulgar, mas que, pela sua corpulencia e delicadeza de ornatos, sobressaem perfeitamente na eminencia em que foram collocadas.

«As quatro arestas da cupula são formadas por bellas raphaelas, lançadas garbosamente, sendo o espaço que ellas abrangem preenchido com ornamentação.

«O pelicano que encima a cupula está trabalhado com felicidade, sendo para notar a posição do pescoço reclinado sobre o peito, em acção de procurar no proprio sangue a alimentação dos filhos que ancisos se lhe collocam em frente, nas ancias da sua fome. As azas, em attitude de protegerem aquelles pequeninos seres, são um dos attributos mais acomodados ao phenomeno especial que se procurou representar.

«Todo o sanctuario, tal como o acabamos de descrever, mede 2^m,33 de altura e 1^m,20 de largura, sendo um objecto riquissimo no seu genero, do qual se póde ufanar o seu author, e com o qual se deve regosijar o seu possuidor, o sr. José Pereira da Costa».

D'outro trabalho pacientissimo e correcto do nosso artista, existente na Casa Real, disse o mesmo periodico, em maio de 1877:

«Trabalho primoroso é o nome que justamente convém ao que acabamos de ter diante dos olhos, feito pelo distincto entalhador e mestre das obras de talha da Associação Commercial d'esta cidade, o sr. Zeferino José Pinto.

«O trabalho a que nos referimos são umas armas portuguezas executadas em buxo, e que servem de remate a um quadro de jacarandá, pau setim e pau rosa, contendo o diploma de presidente honorario da Associação Commercial de Beneficencia do Porto, que uma commissão da mesma associação vai brevemente a Lisboa offerecer a S. M. el rei o senhor D. Luiz.

«A delicadeza e perfeição do trabalho de que nos occupamos são inexcediveis. A corôa, as palmas e ramo de oliveira e carvalho que se entrelaçam na parte inferior, cercan- do aos lados o escudo, são de uma tenuidade e primor que assombam. Em qualquer materia maleavel seria impossivel executar trabalho mais minucioso e perfeito. Se se attender á dureza da madeira e ás proporções das armas, que não medem mais de doze centimetros de alto, o envasamento da corôa, das palmas e dos ramos devia ser de uma difficuldade, que só vendo-se, se acredita que foi triumphalmente vencida».

Um espelho que expoz por outra occasião apresentava uma moldura preciosa; no topo, ao centro, avultavam as

figuras de Apollo e das muzas; na base, a cabeça de Minerva; e aos lados, os bustos de Esculapio e de Hippocrates. Este objecto, como uma grande parte do mobiliario rico, producção do nosso artista, foi tambem encomendado pelo medico homeopatha sr. dr. Rebello da Silva.

Zeferino José Pinto é egualmente um primoroso esculptor de imagens religiosas, desde a miniatura ao tamanho natural, de tribunas e altares em todos os estylos,

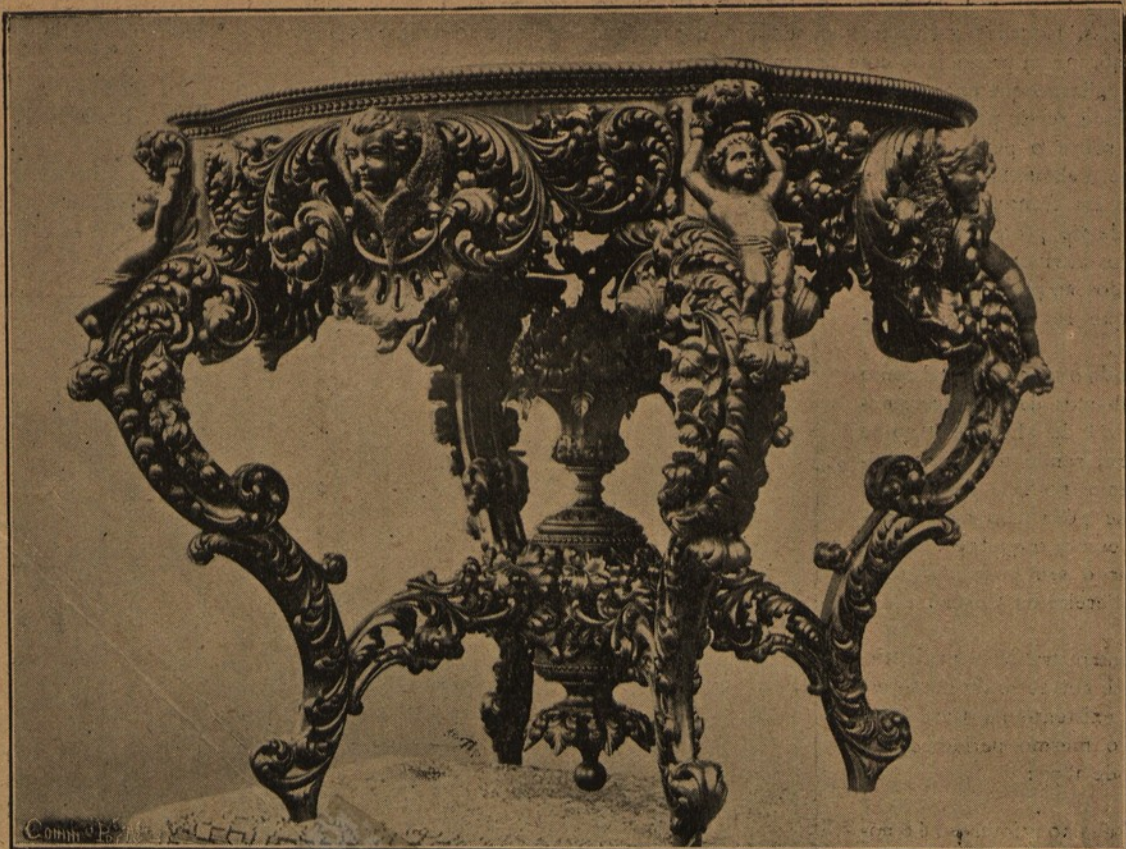


CADEIRA LUIZ XV — (Photographia Biel — Porto)

andores, tocheiros, castiçaes, jarros, cruces, sacras, peanhas, de todas as esculpturas decorativas dos templos, emfim, tendo sido premiado em exposições nacionaes e estrangeiras, com 12 diplomas, sendo um de merito e outro de primeira classe e com 6 medalhas, sendo uma de honra.

Os seus productos de mobiliario artistico caracterisam-se geralmente pela grande riqueza de ornamentação e consideravel fecundidade na creação de assumptos decorativos; e muitos assignalam-se por um gosto severo, magestoso e imponente.

Seu filho Antonio Alves Pinto é tambem um esculptor



JARDINEIRA LUIZ XV — (Photographia Biel — Porto)

distinto; educado pelo saudoso Soares dos Reis, tem justamente considerado como continuador e herdeiro da tradição e do solido talento artistico de seu pae, em cuja officina exerce a sua actividade.

CULPA ORIGINAL

Tudo nos mente ; o amor, o riso, o beijo, a gloria,
doidas aspirações, sonhos immaculados !
De que serve subir pelos degráus da Historia
com grinaldas na frente, e mantos de brocados ?

E' tudo fumo vão ; pó e cinza que o vento
leva de monte em monte e de valles em valles !
E' pó e cinza a estrella a rir no firmamento ;
é fumo o suave olor que o lyrio tem no calix !

Vivemos d'ambições, de desejos sem termo,
sempre os olhos em ancia, o peito em agonia,
como se, em frente a nós, da campa — o mundo ermo —
não estivesse aberta a porta, dia a dia !

Almas ha que, de longe, a Terra desejada
avistam e a chorar succumbem longe d'ella !
E Jesus ao morrer, na cruz ensanguentada,
debalde fita o olhar na sua ideal estrella !

O Mal é sempre o Mal — terrivel e maldito — ...
Alma de virgem, tu — nem tu és impolluta !
Vem do berço essa dôr, vem do berço esse grito
que o mundo lado a lado eternamente escuta !

Quer seja em berço d'oiro, ou em berço de palha,
que veja á luz a creança, o pranto é o mesmo pranto !
A podridão é igual — se o luxo a amortalha,
ou se a miseria a deixa ahí por qualquer canto !

O rico e o pobre são feitos do mesmo barro
que mysteriosa mão pelo infinito espreme !
O carro triumphal dos Cezares, o carro
onde a ignominia impera, onde a Justiça geme !

De que serve querer tirar da Luz a Treva
se é mentira esse sonho ... se é debalde que vamos
perguntando, a sorrir, á Vida : onde nos leva ?
perguntando, a chorar, á Morte : onde acabamos ?

DOMINGOS GUIMARÃES

VÁE a esta hora caminho de Paris um dos fundadores do *Branco e Negro* que, commigo e com o editor Antonio Maria Pereira, lançou as bases d'esta revista. A aventura da vida levou-o para longe de nós; quem sabe quando chegará a minha vez?

Domingos Guimarães, um bello espirito, e um camarada dedicado, foi sempre um irreconciliavel com o estabelecido; n'elle, a praxe tinha o seu peor inimigo. D'ahi, as antipathias que de toda a parte lhe adivinham, aggravadas pelo seu exterior pouco captivante para quem apenas o conhecesse superficialmente. Tratado, na intimidade, era perfeitamente a antithese do que apparentava; franco, com a franqueza rude de um montanhez, caracter modelado pelo bem, honestidade a toda a prova, amigo do seu amigo. A par de tão altas qualidades que por si só bastariam para assignalar um homem, Domingos Guimarães é um escriptor de grande merecimento, vendo bem, sabendo criticar, e tendo uma variada illustração em litteratura, e uma grande somma de leitura do que ha-de melhor escripto até hoje. Muito vivo, temperamento de verdadeiro meridional, a sua conversa é atrahentissima e profusa, divulgando largos conhecimentos. Escrevendo, a sua prosa, malleavel e fresca, com extases extranhos de poeta, lê-se com agrado, e exhala um perfume de arvores em flôr n'uma manhã de orvalho.

No emtanto, a sua alma é a alma de um sonhador; por vezes, a sua penna esquece-se em nevoeiros de sonho, e sem os querer rasgar, comprazendo-se na delicia de ir caminhando na bruma, deixa para traz um rasto de melancolica saudade. E' um fraco com arremettidas de forte. Querendo ser audaz é simplesmente brando, e na sua indolencia innata e na sua bondade quasi ingenua, encontraram sempre guarida os desprotegidos da fortuna e aquelles para quem uma adversa fatalidade guiou mal os primeiros passos no mundo do desconhecido. Estas qualidades deram lhe tambem dissabores; muitos a quem elle tratára bem, não só lhe viraram as costas, mas ladraram-lhe ainda por cima ás canellas. N'esta vida das letras, ha rafeiros d'essa especie, que ao passo que nos lambem as botas, nos arremettem quando nos apanham desprevenidos e não se ensaiam para nos dilacerar as carnes se não nos virem um chicote nas mãos. Mas n'isto como em tudo ha-de haver uma liquidação de contas; e então se farão os devidos ajustes, no apuro final de tantas picardias e navalhadas.

Domingos Guimarães vae ser em Paris o correspondente especial do *Diario de Noticias*, *Jornal do Comercio*, *Mala da Europa* e *Branco e Negro*. Sobram lhe merito para estes encargos; e as suas cartas da capital franceza hão-de ser lidas com verdadeira curiosidade por todos quantos, andando fóra de conluos litterarios, gostam de lêr em boa prosa, finamente burilada, o que de mais interessante se passa além-fronteiras.



Foi um valioso cooperador que o *Branco e Negro* perdeu em Domingos Guimarães, que, desde o primeiro numero do nosso semanario, lhe deu todos os seus cuidados e n'elle empregou todos os seus esforços para collocar a nossa illustração a par das suas congeneres do estrangeiro. Apesar de já o não termos ao nosso lado no trabalho de dia a dia, o nosso egoismo não vae tão longe que não lhe desejemos na capital do mundo civilisado as maiores prosperidades a que as suas bellas qualidades têm direito.

JOSÉ SARMENTO.

Segue a carta que o nosso querido amigo e brilhante escriptor nos dirigiu:

Meus amigos.— Retirando-me para Paris, onde vou fixar residencia, vejo me forçado com bastante magua minha a deixar a camaradagem boa e querida que sempre encontrei nos meus amigos desde o dia em que nos lembrámos de fundar o nosso *Branco e Negro*.

Não significa esta partida uma quebra absoluta de cooperação no bello futuro que decerto está reservado á nossa revista, por quanto da capital franceza eu continuarei a ser, senão um redactor effectivo d'elle, pelo menos um seu collaborador assiduo.

Permittam-me que deixe consignado n'este logar a minha viva sympathia agradecida a todos os colaboradores d'este semanario e a saudade que levo pelas provas de leal camaradagem que durante perto de dois annos sempre recebi dos meus amigos. A todos indistinctamente offereço os meus humildes prestimos em Paris.

Lisboa, s/c. 27 outubro.

DOMINGOS GUIMARÃES.

A AVÓ



I

IRGINIA Haudicourt tinha ficado viuva aos trinta e cinco annos com um filho de oito annos, que se chamava Jorge. Habitava na rua Cassette, ao pé do Luxemburgo, uma casa isolada, onde vivia só com uma creada. Gostava muito d'aquella casa que tinha um grande jardim; alli, o pequenito crescia livremente e por isso a senhora Haudicourt se deixava envelhecer n'aquelle canto.

Descendia de uma antiga familia burgueza, estabelecida ha dois seculos no bairro de S. Sulpicio. De paes a filhos, os Haudicourt tinham sido negociantes de moveis. A sua taboleta *Ao barateiro* era celebre, porque era

honeste e nunca tinha fallido.

A sr.^a Haudicourt tinha casado com um primo, para conservar o nome de familia. Assim, educou severamente o filho, para que elle, quando fosse homem, tomasse a direcção do negocio. Entretanto, um velho amigo de familia, o sr. Lobattu, tinha-se encarregado da direcção do *Ao barateiro*, coisa facilima, de resto, porque a antiga e respeitavel casa girava, como se costuma dizer, por si mesma.

No entanto, Jorge tinha crescido, tranquillo e adorado. Aos vinte e dois annos, tinha um bello caracter: a sr.^a Haudicourt não queria separar-se d'elle.

Depois, pouco a pouco, suspeitou de alguma coisa. Jorge andava pensativo, distrahido; sahia muito cedo e recolhia muito tarde. Uma noite ficou fóra de casa. A mãe não disse nada. Na realidade, o filho já não era nenhuma creança.

Uma manhã, a velha creada entrou abruptamente no quarto da ama e disse, sem preambulos:

— Ah! minha boa senhora! Contaram-m'as bonitas! Parece que Jorge está com uma senhora! Toda a gente no bairro o sabe!

A sr.^a Haudicourt empallideceu; depois ficou reflectindo profundamente. Alguem lhe roubava o filho... Já não o tinha todo para si.

Via Jorge, creança ainda, brincando no jardim, com o seu fatinho á maruja e o largo e alvo collarinho destacando sobre o negro da fazenda. E, pouco a pouco, o seu sonho tomava mais largo vôo. Agora sentia quasi orgulho em que o filho fosse amado. Era uma coisa que tinha de succeder, que diabo! Jorge tinha uma tão linda figura! era tão elegante! E foi já com um sorriso que pensou:

— A patifa não tem mau gosto, não!

Patifa era já uma attenuante, uma concessão. Quando falava das outras mulheres de costumes equivocados, a sr.^a Haudicourt usava dizer: «Aquella creatura!...»

A' noite, lealmente e gravemente interrogou o filho, que confessou tudo, de muito bom grado, como se aquella confissão o alliviasse de um grande pezo; por fim abraçou e beijou muito a mãe, dizendo-lhe:

— Então! não está nada perdido!

Mas a velha senhora fez-se severa. Recordou a antiga regularidade dos seus antepassados, a sua honestidade de dois seculos que se havia tornado proverbial. Uma familia irregular era um rompimento absoluto com o passado. Trabalharia para romper a ligação culpada emquanto era tempo, visto ser ainda recente.

Mas Jorge interrompeu-a.

— A mamã está mal informada... Não romperei as relações... que, além d'isso, não são recentes. Ha já tres annos. Eu vivo para mim e não para os meus antepassados mortos; os tempos mudaram. Não abandona rei Luiza, que nunca me distrahiu dos meus deveres, como deve ter dito o sr. Lobattu; e foi sempre a pri-

meira a recordar-me que o meu lugar é ao pé de si. Além d'isso, são inuteis as palavras. Não quero — entenda-o bem! — não quero — e mesmo que o quizesse, não o poderia — não poderia abandonal-a, porque está para ser mãe.

— Oh! meu Deus! exclamou a sr.^a Haudicourt. Jorge, dêste-me um desgosto pela primeira vez na tua vida!...

II

Passaram-se tres annos sem occorrer nenhum incidente, tres annos tranquillos.

Uma manhã, a sr.^a Haudicourt, entrando no quarto de Jorge viu, n'uma gaveta semi aberta, um retrato que lhe deu nas vistas.

Pegou-lhe e guardou o.

— E' ella, com certeza! murmurou a velha senhora um pouco commovida, como quando se contempla um inimigo frente a frente.

Era uma modesta e doce physionomia, sem sombra de garridice provocante; uma physionomia amante e boa, d'olhos suavissimos e de linhas puras.

— Do mal o menos! Ainda bem que é bonita! suspirou a sr.^a Haudicourt.

E depois de uma pausa:

— E «elle», como será?

«Elle» era o pequenito de Jorge, um outro Jorge, que se chamava João.

A' noite, Lobattu permittiu se dizer:

— Com que então Jorge continua a abandalhar-se com aquella mulher?

A sr.^a Haudicourt respondeu-lhe seccamente:

— Modere as suas impressões, meu caro Lobattu...



Oh! meu Deus! exclamou a sr.^a Haudicourt.

Que mulher?... que mulher?... Tomei as minhas informações... O diabo não é tão feio como o pintam... E' uma boa rapariga... que tem muitas qualidades...

E parou bruscamente, suffocada e surprehendida, depois disse, erguendo os braços ao céu:

— Meu Deus! ouviste-me? Sou eu que a defendo!

E estendeu a mão ao seu veneravel amigo, que não comprehendia nada d'aquella scena.

Ia descendo um pouco da sua severidade... Não pensava senão no neto... Tinha já tres annos. Não o conhecia e nunca o conheceria... Porquê? Porque a lei assim o queria. Que lei? Isso nem por sonhos! Havia de o vêr; era esse agora o seu maior desejo.

Sabia que, todos os dias de sol, a mãe o levava ao Luxemburgo; e, tremendo, uma segunda-feira sahio de casa e foi ao jardim. Guiava-a a recordação da photographia, e observava attentamente todas as jovens mães, sentadas sob os platanos.

Não tardou muito a encontral-a.

A um canto, áparte das outras, ella estava só com um

livro na mão, mas sem lêr; e o pequenito brincava com a areia aos seus pés.

A sr.^a Haudicourt sentou-se muito proximo e poz-se a contemplar a creança.

—E' Jorge tal e qual, Jorge quando tinha aquella idade... Como é bonito, meu Deus! E dizer que é tam-



Como sempre, lá estavam as duas mães...

bem meu e que não passo, não devo!... E' bella, a moral! graciosa invenção!

A sr.^a Haudicourt tornava se revolucionaria e subversiva.

Assim, todos os dias, á mesma hora, ella ia sentar-se no mesmo sitio.

E João acabou por conhecel-a.

Sorria-lhe e cada vez se approximava mais d'ella, estendendo-lhe os bracinhos.

A sr.^a Haudicourt adorava-o já. Levava-lhe doces e dentro de pouco tempo eram já verdadeiros amigos.

A mãe córava modestamente e ficava um pouco confusa.

Depois, como aquillo se repetia todos os dias, contou a Jorge que o pequenito tinha uma amiga, uma senhora já de idade, no jardim do Luxemburgo. Ao principio, elle pouca attenção prestou; mas, um dia, uma idéa singular lhe passou pela cabeça e tornou-se persistente.

—Que figura tem essa senhora já velha? perguntou:

Luiza deu pormenores. Então Jorge ergueu o filhinho ao ar, deu-lhe dois beijos sem dizer nada, mas pensou:

—E' ella!

III

Estava um dia esplendido. A passarada cantava em todas as arvores do Luxemburgo e a grazinada das creanças subia para o céu azul.

Como sempre lá estavam as duas mães, a dois passos uma da outra, com o pequenito no meio, brincando com a areia.

E a sr.^a Haudicourt notou que João estava um pouco pallido.

—Precisava de ares de campo, pensava ella, ou ao menos de um grande jardim como o da rua Cassette onde seu pae, meu filho, desabrochou como uma flôr!

João approximou-se da sr.^a Haudicourt; ella curvou-se para elle, acariciando-lhe os cabellos loiros...

De repente, alguém surgiu deante d'elles, pegou na creança, ergueu-a e collocou-lh'a nos braços.

E enquanto Luiza ficava surpresa e agitada, com lagrimas a bailarem lhe nos olhos, a avó ouviu a voz de Jorge, do seu filho, que lhe dizia:

—Apanhada em flagrante, mamã!

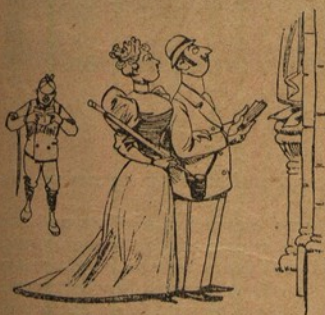
Trad.

BOB.

NO MUSEU

(CONTO MUDO)

1



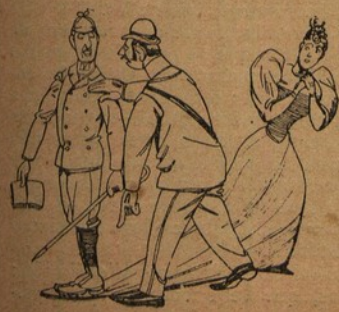
2



3



4



5



6



OS PARLAMENTOS DO MUNDO

ALLEMANHA

O IMPERIO allemão é uma confederação de diversos Estados allemães, que em virtude da Constituição de 16 de abril de 1871 conservaram o seu parlamento especial, o seu governo e a sua legislação.

Estes diversos estados, apesar de conservarem uma independência relativa, uniram-se em confederação, dando o titulo de imperador da Allemanha aos reis da Prussia.

O *Reichstag* allemão compõe-se de 397 individuos eleitos por suffragio universal. Entre estes 397 deputados,

nador civil, indicando o candidato em quem se ha-de votar.

Todo o cidadão allemão de vinte annos é eleitor : os motivos para retirar o eleitorado são os mesmos que nos outros paizes. Basta um mez de domicilio para se ser incluído no recenseamento eleitoral. Elege-se um deputado por cada 100:000 habitantes ; mas como o governo é senhor absoluto no que respeita á divisão das circumscripções e ao augmento do numero de deputados, faz eleger os que quer. Assim, por exemplo, Berlim, que



O PALACIO DO REICHSTAG EMBERLIM

736 são Prussianos. A Constituição de 1871 tinha marcado o praso de tres annos para a duração do poder legislativo ; mas o *Reichstag* eleito em 1887 remodelou n'este ponto a acta constituinte, fixando d'ahi em diante esse praso em cinco annos. Os deputados não recebem nenhum subsidio ; disfructam apenas uma vantagem, que se reduz a poderem viajar gratuitamente nas linhas ferreas emquanto haja sessões. O *Reichstag* allemão tem nominalmente todas as attribuições, todas as immuniidades dos outros parlamentos da Europa : nomeia a sua meza, recebe petições e tem o direito de interpeção ; mas na pratica, estas attribuições são illusorias, porque tudo se tem de submeter á approvação do imperador e do conselho federal. Sem o visto d'este ultimo, nenhum projecto votado pelo *Reichstag* pôde ter força de lei, e o imperador exerce o direito de *veto* sobre as leis relativas aos impostos, ao exercito e á marinha.

Na Allemanha o suffragio universal é um mytho. Verdade é que o artigo 20 da Constituição do Imperio diz que os deputados ao *Reichstag* são eleitos por suffragio universal e directo e por escrutinio secreto ; mas o modo como esse artigo se applica, fal-o completamente illusorio. Em nenhum paiz se applicou nunca a candidatura governamental como se faz na Allemanha ; e não é raro ver nas salas de estação um aviso assignado pelo gover-

tem 1.500.000 habitantes, continua a ter apenas seis deputados, como em 1863.

Todo o allemão eleitor é elegivel, a não ser que haja incompetencia. Os funcionarios publicos aproveitam-se d'esta disposição legislativa e por isso ha no *Reichstag* mais de 150 perfeitos, juizes e outros funcionarios. Pôde se ser ao mesmo tempo deputado da camara de um dos paizes da confederação e do *Reichstag*, pela mesma circumscripção ou por duas differentes ; e succede muito a miudo que as duas camaras a que pertence um deputado celebram as suas sessões ao mesmo tempo, de que resultam innumeradas abstenções.

Esta camara, assim montada, funciona tambem de uma maneira especial. Tudo o que se poderia chamar o apparato exterior do parlamentarismo na Allemanha assemelha-se ao dos outros paizes : o *Reichstag* nomeia a sua meza, divide-se em commissões, discute e vota ; mas todo este apparato é inutil, e todos estes votos não servem para nada, porque se entende em absoluto, entre o povo e os seus representantes por uma parte e o governo imperial do outro, que todo o voto hostile ao *Reichstag* sobre uma questão de importancia leva consigo o pleno direito de dissolução.

Os partidos que figuram no parlamento allemão são : os conservadores puros, que se encontram principal-

mente na antiga Prussia; o partido do imperio, que tem á sua frente o antigo marechal da Moltke, sendo o partido governamental, e os nacionaes liberaes, que eram os adeptos incondicionalmente do sr. de Bismarck, mas que appoiam forçosamente todos os projectos imperiaes, sejam elles quaes forem. Estes grupos formam o partido governamental.

Na opposição ha o Centro, o partido mais numerozo do *Reichstag*, composto exclusivamente de catholicos, de progressistas e socialistas.

Junto a estes grandes partidos acham-se além d'isso os anti-semitas, os güelfos (alguns deputados do Hanover

que se mantiveram fieis á antiga ordem de coisas), os polacos, os donezes, e emfim, os alsacianos-lorenenses, os francezes, como ali lhes chamam, que fieis ao protesto das provincias annexadas, quasi nunca falam. Tambem ha no parlamento alguns deputados que não fazem parte de nenhum grupo, e a quem chamam selvagens (Wilde).

Resta-nos apenas accrescentar que o parlamento allemão está provisoriamente installado n'um modesto edificio da *Leipziger-Strasse*, emquanto se não acaba o palacio que se está contruindo e que será enorme e com todas as commodidades.

BELLAS-ARTES



UMA HISTORIA DIVERTIDA — Quadro de O. Erdmann

“CORACÃO DOENTE,”

Romance por Lourenço Cayolla

ESTE livro de Lourenço Cayolla foi a eclosão repentina de um jornalista nos domínios difficeis, e entre nós tão pouco explorados modernamente, do romance. Surprehendeu o phenomeno, porque pôde chamar-se-lhe assim, ainda os mais intimos de Lourenço Cayolla;—e eu mesmo, que tenho ha muitos annos a bôa fortuna da sua amizade, fiquei surprehendido, quando, a convite do escriptor, indo passar um dia com elle ao Campo Grande, em fins do anno passado, assisti á leitura de varios capitulos de um romance, em que lhe não ouvira sequer falar. Esse romance, ao tempo já concluído mas ainda sem titulo, era o *Coração Doente*.

Que um romancista ou um poeta abandone a litteratura para se dedicar exclusivamente ao jornalismo, comprehende-se e tem-se visto; tanto mais que sendo muito pouco litterario o nosso paiz, são nullas as compensações materiaes do trabalho puramente litterario, e não será decerto em nossos dias que o officio de escrever livros poderá constituir, ao contrario do que no Porto começa a acontecer já com o jornalismo, uma profissão.

A inversa, porém, é muito rara: que um jornalista derive em homem de letras;—e mais rara ainda, a simultaneidade do trabalho litterario e do jornalístico, dado que um e outro, demandando condições de realisação absolutamente diversas—aquelle, toda a calma e toda a alheação do mundo exterior; o segundo, a febre, e a absorpção completa na vida occorrente,—são, no fundo, incompativeis, e, direi até, quasi inimigos...

Por um prodígio de talento e de vontade, realisou Lourenço Cayolla o milagre de escrever um romance, e um bom romance, ao mesmo tempo que alimentava com a sua collaboração diaria um dos jornaes mais lidos do paiz;—mas se a facilidade de escrever, adquirida no exercicio quotidiano do jornal, foi em muito na improvisação litteraria do romance,—em cujo manuscrito, segundo observei, raras, muito raras emendas appareciam,—é certo que essa mesma facilidade trahiu, aqui e alli, os interesses litterarios da composição, cerceando esta, perante os espiritos mais exigentes, na somma dos seus valores.

Ainda aqui, pois, a tal ou qual incompatibilidade que fará sempre mais ou menos desavindos, no mesmo escriptor, o trabalho do livro e o do jornal, se patenteia; mas isto não quer dizer, preciso affirmar-o já, que a technica do *Coração Doente* não seja, por muitos e muito bons titulos, devéras notavel.

A acção do romance decorre de capitulo para capitulo com tal equilibrio esthetico de simplicidade e naturalidade, que não ha no livro, pôde dizer-se, um episodio impertinente, ou fóra do seu logar. O escriptor caminha sempre absolutamente senhor do seu ponto de vista; e de tal modo conjuga, em relação ao desfecho preconcebido, e ás responsabilidades da these que tem em mira, os multiplos e complexos elementos que põe em jogo, as situações e os caracteres dos personagens, com exclusão de um que logo direi,—que o romance resulta homogéneo, e, no fim de tudo, logico e completo.

Entretanto, a these era difficillima (se é possível o mesmo homem amar simultaneamente duas mulheres); de uma extranha e complexa psychologia os caracteres a definir; muito complexo o meio onde a acção tinha de decorrer;—e ainda por cima, como se fóra pouco tudo aquillo, muito arriscada a solução...

As difficuldades, porém, foram galhardamente vencidas pelo romancista; e se attendermos, note-se, a que para a definição da figura principal do *Coração Doente*, não era indispensavel, por exemplo, fazer d'essa figura, que é Luiz de Castro, um politico e um jornalista, pois que o problema em que este homem se vê enredado, não tem que vêr coisa alguma, como é obvio para os que leram o romance, com a posição social por elle occupada;—se attendermos a isto, digo, conviremos em que Lourenço Cayolla como que se comprazeu em accrescentar ás difficuldades, já de si gravissimas, inherentes á

subjectividade da these, as, não menos graves, oriundas do meio onde a acção decorre, e da situação social do protagonista.

D'ahi, enxertado n'um romance psychologico admiravelmente conduzido nas suas linhas geraes, o esboço de um romance de costumes rigorosamente copiado da actualidade, dando-nos, atravez do livro, a visão do mundo politico, parlamentar e jornalístico onde se move o protagonista, e que é, sem contestação, o meio em que todos vivemos. Para exemplo, todo o terceiro capitulo, onde ha a descripção primorosa de uma sessão da camara dos deputados; grande parte do capitulo quinto, um dos meliores do livro, onde Lourenço Cayolla nos descreve com mão de mestre varios typos de politica local; a «partida» em casa das Nobregas, que occupa todo o capitulo segundo; os descriptivos da redacção, em varios capitulos;—*et j' en passe*...

Não é uma obra impecavel, é claro, o romance de Lourenço Cayolla;—mas é tão grande, de um modo geral, o equilibrio esthetico da sua trama; tão fluente e correntia, sem ser vulgar, a sua linguagem; tão arguto o desenho psychologico de todos os personagens; tão logica, e tão bem combinada com a dos outros, a linha d'acção por cada um descripta, excepto a do Conselheiro; tão ricos de observação e de colorido os descriptivos; e tão repassado de commoção, de principio a fim, o que constitue o «sentimento» do livro,—que não ha ver no *Coração Doente* a obra d'um debutante, senão a de um temperamento riquissimo, que precisa, porque é riquissimo, para produzir amanhã a obra-prima, apenas de saber moderar-se nos impetos nativos; refrear, aqui e além, os vôos de uma phantasia que por vezes cerceia á verdade os seus direitos; esbater, de modo a occultar o artificio, certas suturas da acção; sacrificar á «verdade verdadeira» parte do que sacrificou, porventura sem precisão, á «verdade do romance», que não passa no fim de contas de uma mentira, que é hoje, depois dos trabalhos modelares e decisivos do sr. Eça de Queiroz, um insustentavel pacto com a tradição, embora, talvez, util, mas não essencial, para «armar ao effeito» no romance;—n'uma palavra, ser um pouco mais frio e mais sereno.—Não deixar que a emoção intervenha na obra senão coada e afinada pela intelligencia; e ao ter de fixar-se na palavra, isto é, de tomar fórma, de encarnar, que ahi refina de escrupulos a intelligencia,—não só na adaptação rigorosa da palavra á ideia que se quer exprimir, mas tambem no equilibrio da phrase, no seu rythmo,—enfim, na sua harmonia intrinseca e extrinseca. Porque se a palavra e a phrase tem de possuir, em relação á ideia, qualidades precisas de adaptação, cingindo-a, cingindo-se-lhe, como uma ablução d'oleo cinge um corpo, ellas podem e devem ter, como um oleo aromatico, qualidades e virtudes que lhes são proprias: o brilho, a côr, a ductilidade, a maciesa...

A prosa, como o verso, é uma fórma d'arte; e d'esta differe apenas em faltar-lhe a rima. E se o ideal da prosa é parecer-se com o verso no effeito externo da consonancia, obtido, embora, por processo differente, o ideal do verso deve ser parecer-se com a prosa, na simplicidade «interior» do seu mechanismo. No fundo, a distincção entre prosa e verso não importa noções differentes. O verso, para ser bom, ha-de parecer-se com a prosa na simplicidade da sua syntaxe, aferida pela linguagem corrente;—a prosa, para ser boa, ha-de parecer-se com o verso, na harmonia. Dizia João de Deus e dizia bem que o bom verso é optima prosa;—e quanto a suppôr-se que o verso é mais difficil de trabalhar do que a prosa, é um engano. De resto, poeticamente, ha prosa que é verdadeira poesia, e verso que nem prosa é. Mas adeante.

Aquelle predominio da imaginação no *Coração Doente*,—trabalhando, embora, sobre um caso real, quero dizer, humano, que um proposito de romantismo complicou e exagerou por vezes, e hyperbolisou, no desfecho, n'esse *truc* de fazer irmãs as duas rivaes,—aquelle predominio

da imaginação, digo, fez com que seja precisamente o caso de amor que ahí se ventilla, o que menos captou, em todo o livro, a minha intelligencia. E isso é tanto mais de lamentar... — (que eu não sei, no fim de contas, se o que é para mim um defeito, não será, para o commum dos leitores, uma virtude!) — ... quanto é certo que esse desfecho, suggerido, imperativamente, pela imaginação do romancista, e affagado e explorado pelo seu temperamento, em nada importa, afinal, ao problema de psychologia que o livro ventilla, — e que ventilla, se nos desprendermos agora de incidentes, admiravelmente.

Certo que as duas rivaes podiam com effeito ser irmãs sem o saberem, e que ha na vida casos romanescos, phantasticos, excedendo toda a verosimilhança, — e todavia reaes... Certo. Mas como esses casos, afinal, são aleijões da vida, e não passam, no organismo vivo que é a sociedade, de verdadeiros phenomenos teratologicos, duvido que sejam de explorar artisticamente; — e quantas vezes terá de acontecer a um verdadeiro artista, e aconteceu ao sr. Eça de Queiroz no *Padre Amaro*, precisar de reduzir ao verosimil, que tem sempre, na verdade que lhe anda inherente, uma grande dose de poesia que todo o artista-poeta lhe saberá extrahir, essas amplificações doentias do acaso, que, porque são do acaso, — pesadellos da vida! — são ephemeratas e absurdas?...

Servindo esse exagero, — que é o sublime defeito do *Coração Doente*, porque nos diz que Lourenço Cayolla é um poderoso organismo litterario, e será, quando se commedir, um romancista de primeira ordem, porque tem todas as qualidades do verdadeiro romancista, embora, porque é novo e impetuoso, em borbulhões, — servindo esse exagero, digo, e seguindo-o no caminho illogico de certos episodios abertos na acção pela phantasia, essa figura extranha do Conselheiro, convertido, a bem dizer, n'uma especie de machina; — umas vezes, chamado á acção para a rectificar nos seus desvios; outras, para elle mesmo a desviar do trilho normal, onde a imaginação insoffrida de Lourenço Cayolla não podia demorar-se, mesmo em tal companhia, muito tempo...

Mas como no *Coração Doente* ha verdadeiramente dois romances, — um, psychologico, marcando os estadios de uma alma na trajectoria que vae descrevendo pelo Amor; outro, de costumes, dizendo o ascenso gradual do protagonista, de jornalista ôco a deputado palavroso, e de deputado palavroso a ministro inutil, — é curioso vêr como essa figura do Conselheiro, que no romance psychologico é quasi absurda como elemento activo da acção, porque não passa de servir, como um escravo, as urgencias phantasticas do auctor, ou os desvios da sua phantasia, — é no segundo, no romance de costumes, uma figura de primeira ordem, gravitando, como satellite, á roda da segunda pessoa que ha no protagonista, e que é o politico!

Arguto; jornalista d'officio; em embryão de politico que já se fez crisalida; conhecendo maravilhosamente o meio em que vive e as figuras que n'elle se movem; amando a verdade porque é um caracter, e sabendo pintar-a porque é um artista: — ahí sim, no romance de costumes, é que Lourenço Cayolla foi impeccavel; e o seu romance, um dia, se não tiver de ser olhado como obra d'um philosopho, porque tem defeitos como psychologia, visto que as almas dos personagens, comquanto admiravelmente analysadas na phase a que chamarei statica, descrevem, no dynamismo da acção, linhas nem sempre exactas, que as descrevem em attitudes extranhas, — ha-de ser olhado, decerto, como um dos mais vivos e interessantes documentos do exterior banal d'esta sociedade, — tão banal, nas altas espheras, como o seu interior...

Eu não sei dar conselhos, nem precisa d'elles Lourenço Cayolla; — mas se alguma coisa lhe podesse pedir (não que se deixe de ser deputado, descance, repetindo lhe o que François Coppée disse ha poucos dias, no *Journal*, ao joven romancista da Italia, sr. Gabriel d'Annunzio, isto é, que fugisse d'isso, que nem dá honra nem proveito n'esta quadra) pedir-lhe-hia que no desafogo espontaneo do seu temperamento se voltasse todo para o romance de costumes, — de costumes nacionaes, bem entendido —; e que a sua penna de verdadeiro artista, que deixou no *Coração Doente* aquellas paginas admiraveis de comedia de provincia, de typos e de interiores provincianos, nos serões em casa de Luiz de Castro, inolvidaveis, não sei em que terra do Alemtejo, pozesse em li-

vros toda essa vida da aldeia, — unica que por estar ainda arredada d'este fóco, sobre o qual só a curiosidade de Lourenço Cayolla pôde fazer demorar a sua intelligencia, deixando-lhe mudo, todavia, o coração, merece que o romancista lhe consagre, ao mesmo tempo, as devoções de que é capaz a sua intelligencia, e capaz o seu coração...

E porque não, fazer isso em contos?

O conto é uma forma litteraria encantadora (comquanto não mencionada ainda nos livros didacticos); e o maior assumpto, ou o mais complexo, cabe no conto, pela mesma razão por que nas proporções delicadas de uma miniatura pode caber, desfogado, um grande quadro. Tudo se reduz a uma questão de processo; e pelo que toca á emoção, o conto pôde dá-la mais intensa, creio eu, do que o romance.

Demais, o futuro parece-me que pertence ao conto, porque não ha tempo de lêr coisas grandes, — nem a intelligencia, habituada cada vez mais a soluções promptas, a impressões diferentes e quasi momentaneas, n'esta vida de febre que nos devora, não saberá amanhã, ainda que queira, fixar-se muito tempo no mesmo assumpto, por ter muitos, além d'isso, em que fixar-se...

Depois, os proprios jornaes, com a sua insistencia chronometrica de todas as horas, o seu caracter de encyclopedia, a sua variedade, ou absorvem, ou fazem abortir, o habito de lêr demorado, — e livros, são ás duzias, e na grande maioria livros maus, o que tambem desanima. A vida, hoje, e cada vez ha de ir a peor, é pouco extensa e é muito intensa. Nada, pois, de coisas demoradas: — tudo se quer breve, curto, incisivo, como essa linguagem rapida do telegrapho, que é bem a d'este fim de seculo hallucinado...

O verso ficará talvez no soneto, e a prosa no conto; — e nem por isso, bem entendido, será menos difficil (e será talvez mais torturante) o delicado officio de escrever para os outros...

Sómente é preciso não fazer do conto um romance pequeno; porque alimentando-se quasi exclusivamente do sentimento, elle carece de ser, essencial e fundamentalmente, uma emoção. O assumpto, ahí, ha-de ser mais «sentido» do que «visto»; — e eu, pelo menos, careço de o não deixar crystallisar em ideias, sob pena, se lhe dou tempo a isso, de o vêr murchar como uma flôr queimada, diluir se, evaporar-se, perder toda a côr e todo o interesse... — morrer!

Explorando-o por escripto, eu devo estar, verdadeiramente, a explorar um sentimento — estriga de luz que se vae desfiando — para que a palavra, forma unica de o traduzir, seja antes a revelação do proprio sentimento, e d'elle vá sahindo impregnada, do que a da ideia...

A ideia lá apparece, decerto, mas é já como uma feição exterior do sentimento: é o proprio sentimento n'outra phase da sua existencia, que não é ainda a phase verbal... Esta vem depois, por sua vez, mas já como exteriorisação da ideia; e ha-de ter com ella, rigorosamente, a mesma afinidade mysteriosa que a ideia teve com o sentimento. No fim, como resultante definitiva do equilibrio calculado dos seus elementos, a obra ficará estheticamente equilibrada no conjunto, e produzirá, alfim, ella que foi um producto da emoção, a emoção...

Mas como se faz o conto? O que é o conto? Não sei. Quem o sabe? Tenho d'elle, d'esse delicado genero de poesia litteraria, a visão de uma coisa redonda, sem principio, nem meio, nem fim, e todavia geometrico e perfeito, como uma bola de fino marfim. Isto é talvez grosseiro, este modo de me exprimir, — mas confesso que não tenho outro, e peço desculpa...

Oh, vale a pena, decerto, amar esse delicado genero! Chamou-lhe um grande poeta, que é Gomes Leal, o genero mais difficil da prosa; — e em boa verdade, com effeito, que custa mais a fazer uma miniatura, em que todo um sentimento caiba á vontade, do que um largo e amplo quadro, com ensanchas para o artificio... Na miniatura, as figuras tem de ser vistas atravez do sentimento, para parecerem do tamanho natural; no quadro, ellas poderão ser apresentadas taes quaes são, e ajudadas a definir pelos accessorios. D'ahi, naturalmente, a maior facilidade relativa do processo, — visto que no conto, resumidissimo, nem uma só palavra se admite a mais, nem uma só palavra se admite a menos, porque o espaço a preencher, sendo pequeno, tem de aproveitar-se, a bem dizer, por fracções de millimetro...

D'ahi, da mesma sorte, o não ser para todos os paladares nem para todas as vistas, o melindroso trabalho do conto, — dado que elle só pôde ser apreciado por *gourmets* de paladar exquisito, e por vistas muito educadas.

Impõe-se, todavia, ao commum dos leitores, creio bem, o conto bem feito; — mas a esses, aos não iniciados n'estes segredos, pela dóse de sentimento que se lhe imprime, e que elle, irresistivelmente, communica, — sentimento que é já, por sua vez, um producto concreto da arte, que aliás, a esses, passou de todo desapercibida...

Vimos assim a reverter ao ponto de partida: — o conto tem de ser, essencial e fundamentalmente, um producto da emoção. Debaixo d'este aspecto, elle fica sendo a forma intermedia da arte litteraria, occupando, entre a prosa e o verso, o meio termo. D'ahi, a necessidade absoluta, a condição essencial, de ser «muito bem escripto», o conto, — quer dizer, afinado até ao rythmo; de modo que tambem o goso physico d'ahi resultante, e cujas causas são um decorativo precioso da arte litteraria, venha a ser, para esses mesmos que intellectualmente a não apreciam, um elemento plastico da propria emoção, um reforço da propria emoção... Mas tudo isto, já se vê, executado sem esforço apparente (phrases que n'um

conto se leem n'um segundo, teem-me levado a mim, ás vezes, mais de uma hora) e dando á superficie a simplicidade. Sendo de notar, todavia, sobre isto de simplicidade, que ha uma coisa peor que ser complicado: — é affectar o simples...

E' difficil, bem sei, o trabalho do conto, mas é por isso que elle é muito bonito; — e o prazer no fim resultante para o proprio artista, que pôde, em alguns minutos, gosar todo o trabalho feito, burilá-lo e aperfeiçoá-lo até á minucia, insufflando-lhe um folego igual, é bem maior, como premio, do que o resultante de fazer o romance.

... E pois que a outro premio, ou sequer a premio que mais valha, se não pôde aspirar, — porque romances, hoje, quasi não ha já tempo de os lêr — não nos furtemos nós, ao menos, o goso de ser lidos por camaradas, e, se nem elles nos lerem, de nos lermos nós... Que será este, quem sabe! o ideal do verdadeiro artista; — e pelo que me toca, não se me daria que fosse já esta (com a condição, bem intendo, de escrever coisas muito bonitas) a minha sorte...

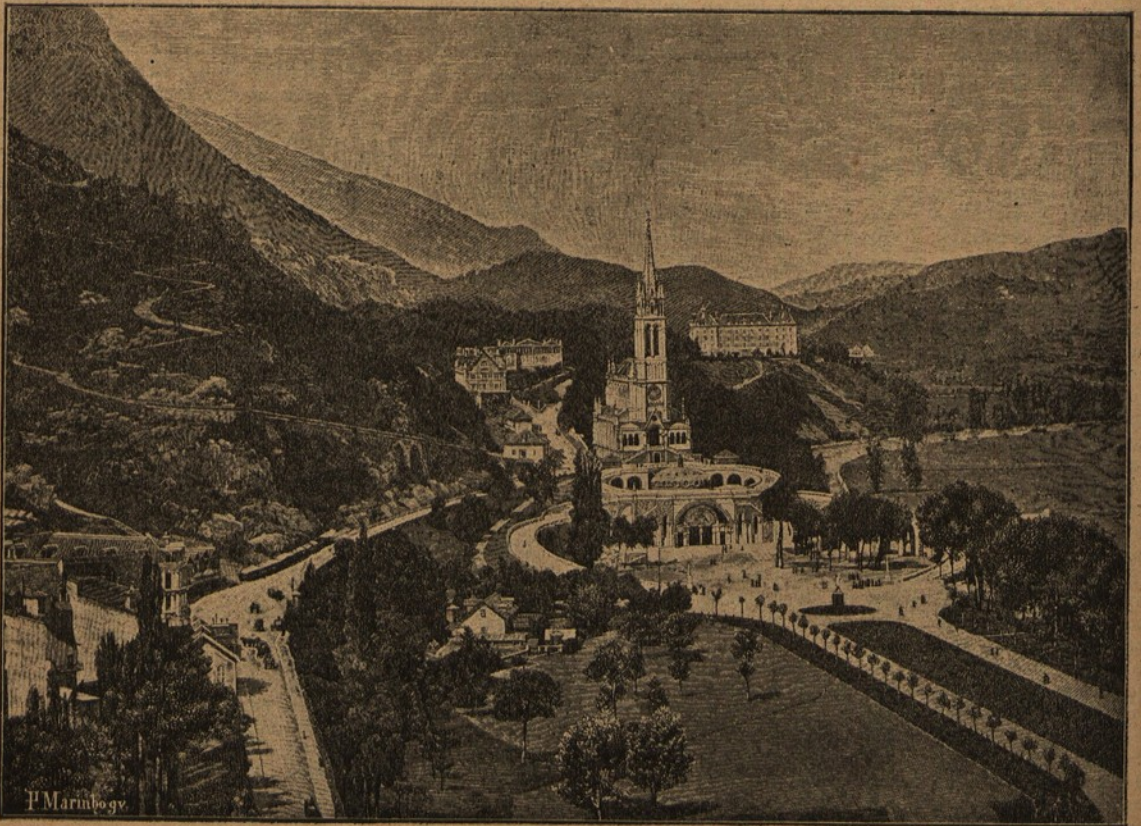
TRINDADE COELHO.

LOURDES

Eis como Zola descreve a aparição da Virgem na gruta de Lourdes, aparição que foi a origem do grandioso santuario que a nossa gravura representa.

«Era um lugar selvagem, para onde muitas vezes levavam as varas de porcos, que, quando vinha de repente um aguaceiro, se abrigavam debaixo do rochedo, em cuja base se excavava uma especie de gruta pouco profunda, obstruida de roseiras bravas e de silvas. Havia pouca lenha e Maria e Joanna atravessaram o canal por verem do outro lado farta colheita de ramos seccos, trazidos e

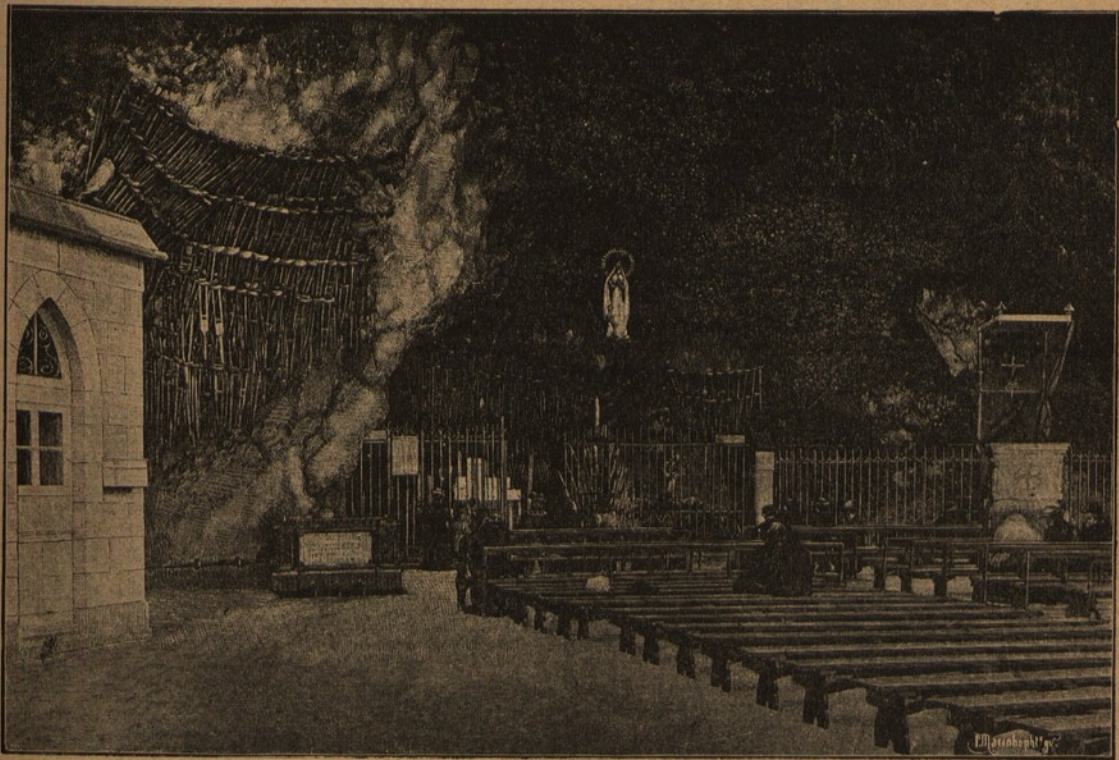
depositados pela corrente; ao passo que Bernadette, delicada, «mais menina», ficava na margem opposta a desesperar-se, não se atrevendo a molhar os pés. Tinha uma doença no casco e a mãe recommendara que embrulhasse bem a cabeça no capello, no grande capello branco que se destacava sobre o vestido velho de lã preta. Quando viu que as companheiras a não queriam ajudar, resignou-se a tirar os tamancos e as meias. Era cerca de meio dia, as nove badaladas deviam resoar na torre parochial, vibrando no ceu alto e sereno de inverno, velado de fina pennugem nebulosa. E foi n'esse



LOURDES — A cathedral

momento que grande perturbação a invadiu, sóprando-lhe nos ouvidos com tal ruído de tempestade, que Bernadette julgou ouvir passar um furacão, que descesse das montanhas: olhou para as arvores e ficou estupefacta porque nem uma folha bolia. Depois julgou ter-se enganado, e ia pegar nos tamancós, quando novamente o grande sopro a atravessou; mas d'esta vez a perturbação passava-lhe dos ouvidos para os olhos, e já não via as arvores, deslumbrada por uma brancura, especie de claridade viva, que lhe pareceu fixar-se no rochedo, por cima da gruta, n'uma fenda estreita e alta, semelhante a uma ogiva de cathedral. Aterrorisada cahiu de joelhos.

Massabielle. Mas todas as creanças do bairro repetiam já a historia, e os paes tiveram que ceder, no domingo, deixando Bernadette voltar á gruta, com uma garrafa de agua benta, para saber com certeza se não se tratava de cousa diabolica. Tornou a vêr a claridade e a figura que se completava, sem mostrar medo á agua benta. E na quinta feira voltou ainda, acompanhada de outras pessoas, e foi n'esse dia sómente que a Senhora resplandecente se incarnou ao ponto de lhe dirigir finalmente a palavra: «Faça-me a graça de vir aqui durante quinze dias.» Pouco a pouco a Senhora revelava-se em contornos mais precisos, e o «fosse o que fosse vestido de



LOURDES — A gruta da Virgem

O que era aquillo, Deus meu? Nos tempos peores, quando a asthma a opprimia mais, passava pessimas noutes em sonhos sem fim, sonhos muitas vezes dolorosos, que, ainda ao acordar, a abafavam, até mesmo quando de nada se lembrava já. Rodejavam-n'a as chammas, o sol passava em frente d'ella. Sonhara, porventura, assim na noute precedente? Seria a continuação de algum sonho esquecido? Depois, pouco a pouco, uma forma esboçou-se vagamente e julgou reconhecer uma figura, que a luz viva tornava completamente branca. Temendo que fosse o diabo, com o cerebro cheio de historias de feitiços, poz-se a rezar nas contas. E quando, extincta a luz a pouco e pouco, foi ter com Maria e Joanna depois de atravessar o canal, ficou surprehendida de que nem uma nem outra tivessem visto nada, enquanto apanhavam lenha em frente da gruta. E, de volta a Lourdes, as tres rapariguinhas vieram conversando: então Bernadette tinha visto alguma cousa? Mas Bernadette, desasocegada, com alguma vergonha, não queria responder; finalmente disse que tinha visto fosse o que fosse vestido de branco.

Desde então o boato partiu d'ali e foi crescendo. Os Soubirous, informados do caso, zangaram-se com a creancice, prohibindo a filha de voltar ao rochedo de

branco» tornava-se n'uma Senhora mais bella que uma rainha, como só a gente vê no livro de estampas. Ao principio, perante as perguntas com que a visinhança a perseguia desde pela manhã até á noute, Bernadette mostrara-se hesitante, agitada de escrupulos. Depois disse hia, que pela propria suggestão dos interrogatorios, a figura accentuava-se, assumia uma vida definitiva, tomava linhas e côres, das quaes, nas suas descripções, a creança nunca mais se affastou. Os olhos eram azues e muito meigos, a bôcca rosada e risonha e a oval do rosto tinha ao mesmo tempo uma graça juvenil e maternal. Sob a borda do veu que lhe cobria a cabeça e lhe descia até aos pés surgia discretamente uma pequena porção dos admiraveis cabellos louros. O vestido, todo branco, deslumbrante, devia ser de estoffo desconhecido na terra e tecido com raios de sol. Da facha, azul celeste, atada a tiracollo, pendiam duas longas pontas fluctuantes, leves como a brisa da manhã. As contas do rosario, enfiadas no braço, eram brancas como leite, ao passo que as cadeias e a cruz eram de ouro. E sobre os pés nus, pés adoraveis de neve virginal, floriavam duas rosas de ouro, rosas mysticas d'essa carne immaculada de mãe divina.»

NO REINO DAS MULHERES



ELLA — Olhe que eu quero jantar logo que venha da repartição, ouviu ?!!!



— MINHAS SENHORAS : — a invasão estrangeira está a bater-nos porta... armemo-nos até aos dentes para defendermos os nossos maridos !!! — Apoiado ! apoiado !



ELLA — A bolsa ou a vida !

ELLE — Cobarde !... atacar um homem sózinho !!!...



ELLE — A'manhã vou com o papá à missa... vaes lá ?...
ELLA — Não posso... tenho que ir dirigir uma corrida de toiros à Moita !...



NA REDACÇÃO — Estes homens estão insupportáveis com as suas pretensões!
Precisamos mata-los pelo ridiculo !

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

AS TRES NORAS

HAVIA uma vez tres velhas, tres visinhas que viviam sempre em grande amizade. Cada uma tinha um filho e os tres rapazes, educados juntos e collegas no mesmo commercio, amavam-se como irmãos.

A amizade dos filhos tornava ainda mais viva a afecção das mães; mas as boas mulheres, como eram intelligentes, viam que a morte se approximava e que os filhos ficavam abandonados. Tambem ellas só tinham um desejo: vê-los casados.

Um dia em que os tres amigos passeavam juntos, segundo o seu costume, viram n'uma janella tres donzellas que lhes pareceram tão encantadoras que n'essa mesma tarde as pediram em casamento. O sim não se fez esperar e os tres casamentos realisaram-se no mesmo dia. Depois, como se amavam muito, e como não eram ricos, decidiram, de commum accordo, viver todos na mesma casa e que as velhas mães envelheceriam socegradamente ao pé de seus filhos.

Os negocios, porém, obrigavam-os a viajar, e veiu um dia em que tiveram de ausentar-se por algum tempo.

Estariam alguns passos distantes de casa quando as noras começaram a zangar-se com as sogras. A vida commum com as velhas era insupportavel; era preciso, a todo o custo, desembaraçarem-se d'estes tropeços.

Duas das boas meninas propozeram estrangular as sogras.

— Não, disse a mais nova, seria cruel e não nos vingaria; é melhor fazel-as soffrer de noite até manhã, e de manhã até á noite.

Dito e feito. Uma d'ellas mandou a sogra á escola para aprender a ler e a escrever. Era um pouco tarde, aos setenta annos!

A segunda mandou-a para casa d'um rabequista, para lhe ensinar a tocar este instrumento; a terceira encerrou a sogra no subterraneo dando-lhe um cesto d'ovos para chocar. Assim d'esta maneira se livraram das pobres velhas que as aborreciam; e viveram alegres e contentes durante a ausencia dos maridos.

Quando entraram na cidade os tres amigos notaram um ruido anormal na escola; olharam por entre os vidros da janella e viram uma velha a quem o professor fazia soletrar, e como ella não conhecesse bem as letras, o professor então zangava-se e batia-lhe, o que muito divertia os discipulos.

— Não é tua mãe? perguntou um dos companheiros ao amigo.

— Olá! minha mãe, gritou o moço, que faz ahi na escola?

— Foi tua mulher, a minha nora, que me mandou para aqui, meu filho, onde vês como me tratam.

— Bem, minha mãe, um pouco de paciencia, porque já a venho buscar.

A dois passos da escola morava o rabequista, em cuja casa se não fazia somenos barulho que na escola. Havia ahi uma velhinha que tocava rabeça de maneira a fazer gannir os cães de toda a cidade. Todos troçavam e riam ás gargalhadas.

— Ah! minha mãe, disse um dos tres amigos, que faz ahi?

— Ah! meu filho, foi tua mulher, a minha nora, que me obrigou a esta aprendizagem.

— Bem, minha mãe, tenha paciencia que eu já cá venho buscal-a.

Perto de casa ouviram um gemido que sahia do subterraneo. Os tres companheiros olharam para dentro e viram uma velha acorada sobre um cesto e tendo apenas ao pé de si um bocado de pão duro, e uma caneca com agua.

— Oh! minha mãe! gritou um dos amigos, que está ahi a fazer?

— Ah! meu querido filho, foi tua mulher, a minha nora, que me pôz no logar em que me vês!

Os tres maridos entraram em casa com o coração trasbordando de colera; encontraram as mulheres vestidas de lucto e de lagrimas nos olhos.

— Porque choraes?

— Ah! soluçavam as mulheres, perdemos as nossas sogras!

— Pois quê! morreram todas tres?

E as mulheres responderam:

— Sim!, todas tres!

Os tres maridos suspiraram, e em verdade mostraram-se muito afflictos.

Mas na manhã seguinte disseram a suas mulheres:

— Vistam-se, arranjem as malas porque queremos dar um passeio pelo mar e divertir-nos hoje.

As tres mulheres vestiram os seus melhores vestidos. Que alegria, por ficarem livres das sogras e terem enganado á vontade os maridos!

Teriam tido menos se tivessem visto metter debaixo do banco do barco tres saccos.

Quando chegaram ao mar alto as feições dos tres homens tomaram um aspecto terrivel: todos escolheram a sua mulher e metteram-nas nos saccos e as lançaram ao mar dizendo: «Vá, agora manda a sogra á escola, para casa do rabequista, ou chocar os ovos.»

Depois d'isto, os tres bons filhos foram buscar suas mães para casa e nunca mais casaram.

(Trad. de Henrique Marques Junior).

EDUARDO LABOULAYE.

GUITARRILHA DE SATAN

Estranha apparição
Que em minhas noites vejo,
O' filha do desejo!
O' filha da soidão!

Não sei qual é o teu nome,
E d'onde vens ignoro:
Sei só que tremo e choro
Como de frio e fome!

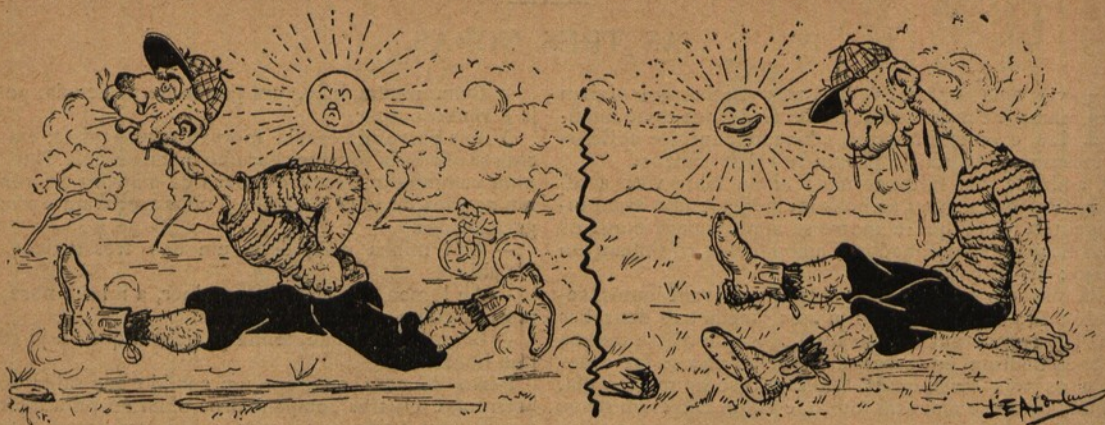
Que por fundir contigo
Suspiros, ais, rugidos,
Dera ideaes queridos,
Deuses e fé que sigo.

Sim! dera as prophcias
E os cultos salvadores,
E os Golgothas e as dôres
E as Biblias dos Messias!

Por ti minh'alma clama,
Corre a meus braços breve,
Sejas de fogo ou neve,
Sejas crystal ou lama!

Se és Beatriz, sou Dante;
Sou santo, se és divina;
Se és Laís ou Messalina,
Sou Nero, ó minha amante!

PEDESTRIANISMO



Tanto correu para apanhar uma medalha e afinal... só apanhou... umas calças...

COISAS ALEGRES

PASSANDO El Rei D. João II por Montemor-o-Novo, foi habitar em casa de D. Fernando Martins Mascarenhas, alcaide-mór da dita villa, e mandou metter os cavallos na estrebaria de D. João de Sousa que alli vivia. Andava este n'aquella occasião á caça e sabendo do que se passava, foi á estrebaria e soltou todos os cavallos. Soube-o El-Rei, e perguntando lhe a causa, respondeu D. João de Sousa: Porque não quer Deus que faça Vossa Alteza da casa de D. João estrebaria, e da de D. Fernando paço.

*

D. Filippe Lobo, trinchante d'El-Rei D. João III, era cavalheiro muito pobre. Costumava El-Rei por se divertir, estando á meza, lançar camoezes e outras cousas de comer aos meninos fidalgos, que andavam á regatinha, a qual as havia de apanhar primeiro. Em uma occasião ao correr a apanhar um pero, que se mettu para debaixo da meza a abalou um moço fidalgo, filho do trinchante. E perguntando El-Rei quem fôra, respondeu D. Filippe: Senhor, na fome, que elle levava, podia Vossa Alteza conhecer que era meu filho.

*

Reinando El-Rei D. João IV, certo prégador commum, levado de um zêlo indiscreto, prégando na capella real, começou a arguir, e increpar algumas materias de estado e politica, muito alheias da sua profissão. Ouviu-o El-Rei sem o menor indício de alteração. Acabado o sermão, mandou chamar particularmente o prégador e com muito socego lhe perguntou: Dizei-me, padre, por vida vossa, quantos cargos tendes occupado na vossa religião? Nenhum, senhor, respondeu elle. Continuou El-Rei: Pois, se até agora na vossa religião vos não acharam capaz de governardes uma communidade, como vos achaes vós com talento para querer vir governar o

meu reino? Ficou o padre confuso e tambem castigada com esta galanteria e gravidade d'El-Rei a sua ignorancia.

M. F. CRAVO JUNIOR.

* * *

O Padre Braz, o versista de eterna e jocosa memoria jazia na cama com a molestia que o havia de levar. Já os medicos o tinham sentenciado, mas ninguem se atrevia a dar o fatal desengano a um homem que toda a sua vida gastara em fazer rir o proximo. Francisco de Moraes, amigo intimo do enfermo, e conhecido por uma epistola que este em melhores dias lhe havia dirigido ácerca de seus *remelosos filhos*, tomou a si o cumprimento do triste dever. O poeta pede logo os sacramentos ultimos; despegado inteiramente dos pensamentos terrestres, escutava a eloquencia fervente e ungida do seu pastor, que mettendo-lhe á cára um grande crucifixo, tão martyr da esculptura como o fôra Christo dos judeus, forcejava por lhe alar o espirito ás regiões da recompensa.

«Quando os meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos...»

profere com voz sumida, mas devota, o enfermo.
— Continue, irmão, lhe diz o padre, esforçando-o á jaculatoria

«Quando os meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos...
Estão-me lembrando os meninos
Do Francisco de Moraes.»

E dizendo isto expirou, no meio de uma estupenda gargalhada de Francisco de Moraes e do padre.
Zeuxis morreu a rir; o padre Braz morreu fazendo rit

COSTUMES PORTUGUEZES

Do proximo numero em diante, o **BRANCO E NEGRO** iniciará uma nova serie de «costumes portuguezes», desenhos do nosso illustre artista **Roque Gameiro**, n'uma pagina semanal. Encarecer em mais palavras o valor d'este trabalho parece-nos desnecessario, porque o seu annuncio basta para que os nossos leitores nos não apodem de desleixados no interesse que sempre tivemos em mira em bem servir aquelles que nos lêem. Começaremos por um interessantissimo desenho de

AS CIGARREIRAS DE LISBOA

SECÇÃO RECREATIVA

AS IMAGENS CANNELLADAS

Ahi teem um espelho singular: todas as imagens serão sulcadas por immensas barras negras, como se estivessem sendo vistas atravez de uma escada de degraus muito proximos uns dos outros.

E' facil de fazer-se, esta experiencia:

Basta que uma pessoa se colloque n'um logar escuro, ou melhor, opére-se á noite.

Accenda-se então uma lampada de alcool ou um reservatorio qualquer que tenha espirito de vinho, e deite-se no liquido da lampada algum sal de cobre. A chamma torna-se immediatamente amarella e os circumstantes surpreender-se-hão ao ver as suas phisionomias tintas lividamente. Com esta illuminação basta tomar como espelho uma pellicula transparente e fina para a experiencia se poder fazer.

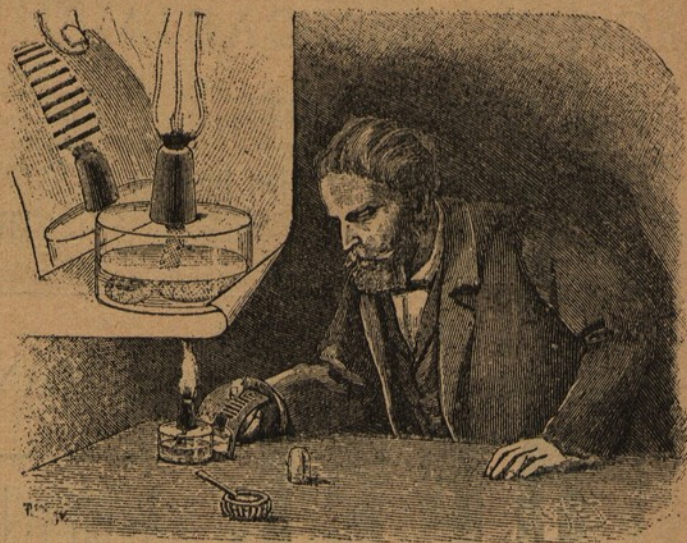
Assim tome-se tambem um bocado de gelatina em pequenas folhas que os vendedores de productos photographicos costumam ter, e vê-de a imagem da chamma. Esta imagem é muito disforme, mas as cannelluras negras são muito visiveis. A substancia que torna a experiencia mais brilhante é a mica, que é facil de achar-se.

As imagens que a folha de mica dá são muito regulares e as cannelluras muito bonitas.

Póde ver-se assim a imagem da chamma n'uma folha de papel ou na mão collocada perto da chamma.

A espessura d'uma folha de mica não deve passar da de uma folha de papel almasso.

Se mais espessa é, corta-se facilmente em duas na sua espessura com uma faca de cortar papel ou um bilhete de visita. Bastaria metter a faca n'uma das laminasinhas,



nas beiras, para que a mica se fendesse por si deante da faca.

Repita-se a experiencia dobrando a folha da mica: as cannelluras tornar-se-hão mais numerosas. Estas imagens cannelladas são produzidas por phenomenos de interferencias das quaes não podemos dizer nada aqui, mas que nos provam que a luz é produzida por vibrações analogas ás que produzem o som.

OS ANNUNCIOS



PARA O



Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; 1/2 pag. 4:000 rs.; 1/4 de pag. 2:000 rs.; 1/8 de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que póde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

JOSÉ HENRIQUES TOTTA
 SUCCESSOR DE
FORTUNATO CHAMIÇO
CASA BANCARIA
 E
 AGENCIA DA COMPANHIA
 DE
SEGUROS GARANTIA DO PORTO
 75, 1.º—Rua do Ouro—75, 1.º
LISBOA

MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA

GUIA PRATICO

Para o conhecimento e tratamento de todas as doenças

Colligido por pessoa de toda a auctorisação no assumpto e escripto em linguagem vulgar para poder ser consultado e comprehendido por todos. Um magnifico volume de 280 paginas; Em brochura 600 réis, encadernado em percaline 800 réis.

LIVRARIA DE ARNALDO BORDALLO
 42, 1.º—Rua da Victoria—42, 1.º

Premiada em diversas exposições

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu o record do Mundo

Grande variedade de peças decorativas executadas sob a direcção do grande artista.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO feitas pelo primeiro artista no genero.

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de todos os artigos do seu commercio por

PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

CASA DOS BORDADOS
 DE
SILVA RODA & C.ª
 161, RUA AUGUSTA, 165
LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA
 E
ATELIER DE ROUPAS BRANCAS
 (No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, malines, penteadores, saias bordadas, entoaes para noivas, collegias e recém-nascidos.

Entrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento em tabacos nacionaes

e estrangeiros

Grande variedade em cartelas para todos os preços

Venda de jornaes e diversas publicações nacionaes e estrangeiras

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
 (EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

Boquilhas, cigarreiras, cachimbos, charuteiras e outros artigos

Variada collecção de numeros para todas as loterias

Artigos de papelaria, bilhetes de visita, agua de Caneças e Cintra, velas de stearina

Os senhores colleccionadores de sellos encontram sempre n'esta casa um bom fornecimento para escolher.

Branco e Negro



NO MERCADO — (aguarella de H. Xavier)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 85

A' VENDA NA PROXIMA SEMANA

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume,
profusamente adornado de bellas e interessantes gravuras

CORAÇÃO

DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

Lourenço Cayolla

1 Volume, brochado, 300 réis, encadernado, 700 réis

A' VENDA NA

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 85

LISBOA, 14 DE NOVEMBRO DE 1897

2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(XXVIII)

ABRANTES



ABRANTES — O mercado

A 130 kilometros, pouco mais ou menos, a N. E. de Lisboa e na margem direita do tão decantado Tejo, ergue-se no dorso de alcantiladas collinas a notavel e forte villa de Abrantes, uma das terras mais antigas de Portugal, pois que a sua origem se perde na noite dos tempos.

Fazem-na uns fundada pelos Iberos 990 annos antes de Christo; outros pelos Gallos Celtas 590 annos antes da nossa era; e outros ainda a dizem fundada pelo romano Tubo d'onde lhe proveio o nome de Tubuci ou Tubuli, seguindo-se a este nome o de Libia no tempo dos Mouros.

O que porém é ponto averiguado é que floresceu opulenta no tempo do imperador romano Augusto; que

mais tarde foi tomada pelos Godos; que a esses se seguiram os Mouros e que D. Affonso Henriques a tomou em 1148 pouco mais ou menos.

A origem do seu nome actual está egualmente envolvida em densas trevas. Querem uns que, em consequencia de rixas havidas entre os moradores d'esta villa e os do Torres Novas, o rei d'esses tempos chamára á sua presença os representantes dos povos contendores para se informar das causas da contenda, e que ao ser-lhe esta exposta tumultuariamente, se voltara para os Abrantinos dizendo «hablad antes» (fallai antes) e lhes dera razão. Desde essa epocha os favorecidos ligaram estas palavras ao nome da villa, as quaes por corrupção se transformaram em Abrantes.



ABRANTES — Villa Maria Amelia (Propriedade do dr. Solano d'Abreu)

Outros citam que, por occasião d'umas guerras com os mouros, o então governador do Castello fizera uma sortida: e que, ao ser repellido e perseguido de perto, regasse de varrer com rijas nortadas as myriades de microbios que de instante a instante aqui se devem desenvolver.

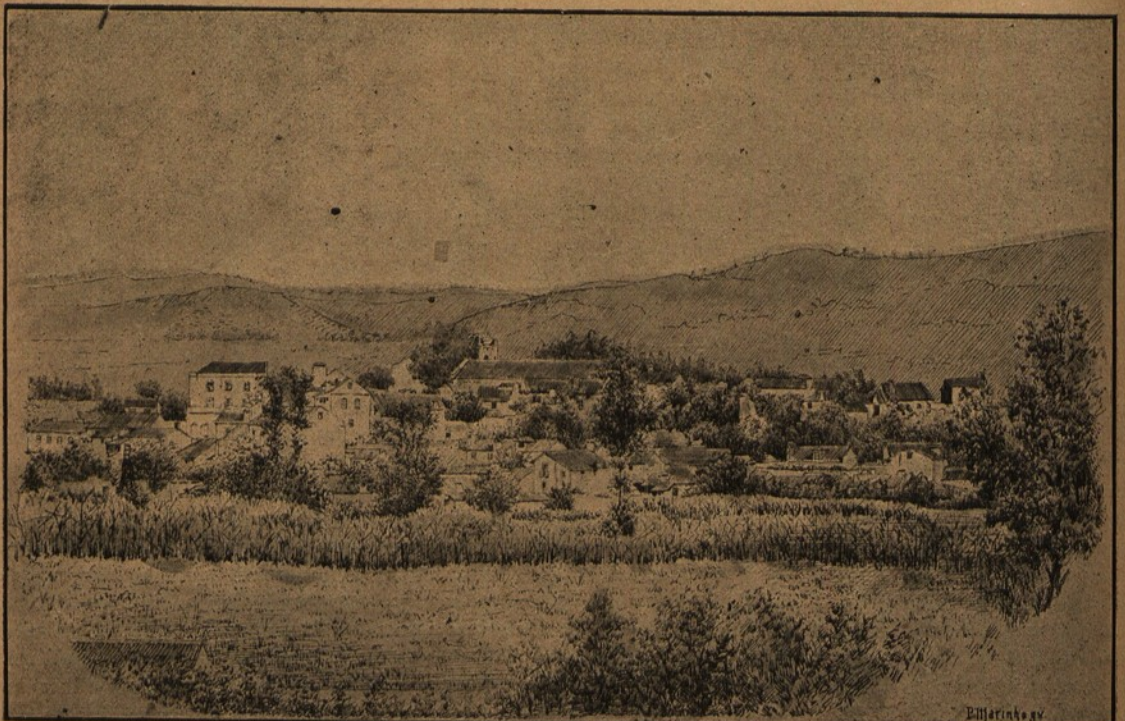
se acolhera ao Castello em cujas ameias se achava uma sua filha e lhe gritara ao chegar proximo: «Filha, abre antes que me matem e te deshonrem», e que fôra por tanto da junção da segunda e terceira palavras que se originara o nome de Abrantes.

A outra versão é: que ao nome de Tubuci ou Tubuli se seguiu o de «Aurantes» pelo muito ouro que o Tejo deixava nas suas areias: nome que em consequencia da transformação do *u* latino em *v* e d'esta letra em *b* se converteu em Abrantes.

São estes os dados historicos da fundação e nome da villa que pudemos colher. Verdadeiros ou falsos apresentamol-os taes como chegaram ao nosso conhecimento, pois que não sendo nós de Abrantes nem existindo na villa a mais insignificante bibliotheca publica, unicamente nos pudemos socorrer d'um dictionario geographico que obsequiosamente nos foi cedido pelo venerando ancião o ex.^{mo} sr. Raymundo Soares, e que data de 1847.

Modernamente Abrantes é o que era ha 50 annos, tendo aliás vastos terrenos para se alargar e sendo um dos municipios mais ricos, senão o mais rico, do districto de Santarem.

De ruas estreitas e mal alinhadas, predios na sua maioria de construcção acanhada, mal ventilados, sem um collector que leve para longe as fontes de miasmas putridos que a carroça de limpeza obriga a conservar em casa durante todo um dia, esta villa seria um enorme foco de infecção se a benéfica Providencia não se encar-



ARREDORES DE ABRANTES — Rio de Moinhos

Os corpos administrativos d'este infeliz município, que ha longos annos se teem succedido, conservadores por natureza e não curando senão de mudar os nomes a ruas, ou pouquissimo mais, teem feito, pela sua negligencia, com que esta terra que podia ser uma das primeiras villas da provincia, em vastidão, importancia e riqueza, não seja senão proprietaria de lindos campos, excellentes e abundantes olivaeas, magnificos azeites e legumes, e esplendidas fructas. Nada mais, nem artes nem industrias, que só se fazem notar pela sua completa ausencia!

Para se fazer ideia do espirito conservador dos Abrantinos (salvo raras excepções) bastará dizer que só ha 6 annos é que existe agua canalizada na villa; e isto, ainda assim, devido aos esforços do deputado por este circulo, o ex.^{mo} sr. Avellar Machado! Até então a agua potavel ia-se buscar á distancia de perto de 2 kilometros. Felizmente hoje, devido ao auxilio d'aquelle cavalheiro, a villa tem uma grande quantidade de elegantes marcos fontenarios, d'onde jorra magnifica agua.

Não perturbemos, porém, o repouso dos que jazem quer sob a fria lage dos tumulos, quer no *dolce far niente* da sua lareira sem o *remorso* de terem destruido, com o camartello do progresso, os edificios construidos n'outras eras, nem o de terem construido nas suas proximidades, ou mesmo distantes, quaesquer bairros modernos que lhes fizessem perder o seu tão apreciavel valor archaico.

Nem o nosso intuito é disparar recriminações sobre os causadores ou consentidores do criminoso estacionamento de tão infeliz villa.

Deixemos, porém, considerações que deveriam provocar o estimulo dos Abrantinos e passemos á parte apreciavel da villa.

Tem Abrantes tres boas egrejas e, se bem que não ostentem paramentos nem baixellas ou alfaias de valor, teem contudo grande valor architectonico. Principalmente a de S. Vicente, a mais antiga de todas, que foi reedificada no reinado de D. Sebastião em 1590. Seguem-se a esta, pelo seu valor historico e architectonico as de S. João e Misericordia. As duas primeiras são freguezias.

Havia tambem a egreja de Santa Maria do Castello, que hoje está completamente arruinada e que, segundo rezam as chronicas, era uma das mais bellas da villa.

Ainda hoje, quem se arrisque a entrar n'esta egreja sem medo que lhe caia alguma telha ou pedaço de madeira na cabeça, póde admirar o magnifico cinzelado das suas cantarias e o esplendido esculpido de dois tumulos que ali existem, e que a commissão de conservação de monumentos historicos deveria fazer remover para Lisboa. De contrario, a proverbial incuria que preside aos negocios abrantinos fará com que se estraguem completamente e se percam uns bons especimens de arte ornamental.

«Se fôres a Abrantes, vai ao Castello» diz o proloquio.

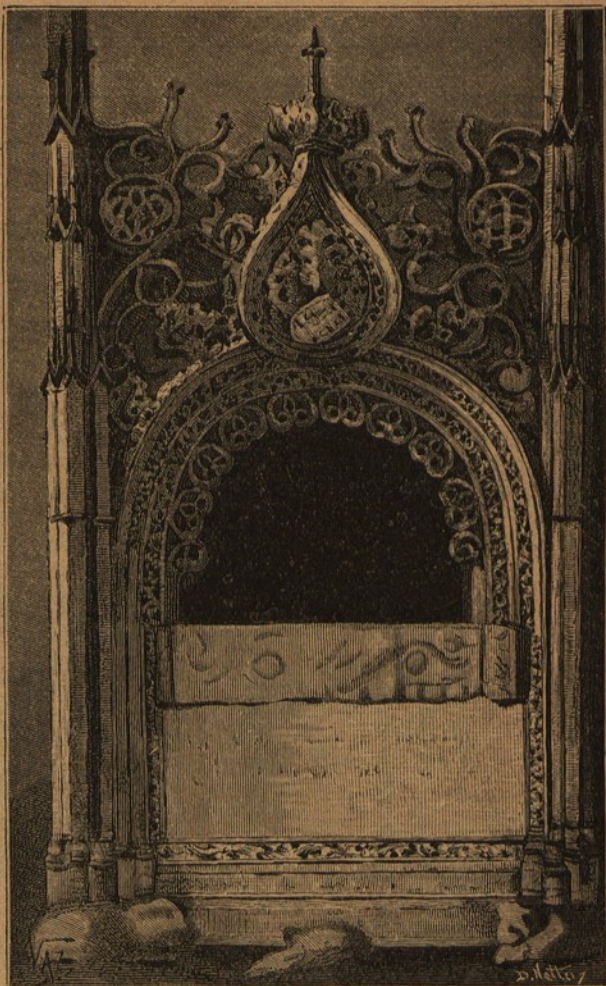
A razão d'isto é porque realmente é a melhor cousa que ha na villa.

De construcção antiquissima e já meio derruido pelo perpassar de muitos seculos, o Castello é digno de ser visitado ainda por quem tenha admirado as principaes bellezas de Portugal, não para na contemplação das suas barbacans rememorar as mal feridas batalhas d'outras eras e os gloriosos feitos dos nossos antepassados, mas para se ficar extasiado perante o grandioso panorama que se desenrola aos nossos olhos.

Imagine-se o leitor transportado ao cume d'um monte

de duzentos e tantos metros de altura. Lance os olhos na horisontal e descortinará um horisonte, completo circulo, e tão vasto que a vista, em certos pontos, quasi lhe não attinge os limites.

Ao longe vê os montes e as collinas matisadas de luxuriante e variada vegetação, desde o verde-negro de bosques de pinheiros até ao verde-claro de bem cuidadas vinhas:—a natureza bruta e a natureza cultivada.



TUMULO DO CONDE DE ABRANTES

(na Egreja de Santa Maria do Castello)

Ao longo ainda e semi-escondidos na neblina do horisonte, descortinam-se a S. O. parte da cidade de Santarem e a S. E. o elevado monte de Portalegre. Mais perto, Constancia, Praia, Rio de Moinhos, Pego, Alvega, Mourisca, Sardoal, S. Facundo, Rocio e Tramagal surgem aqui, alli e mais ao longe, umas como que humildes vassalalas espreitando a medo, d'entre os tufos de arvores, a magnificencia da sua suzerana, e outras ostentando-se em toda a sua grandeza dando-se ares de filhas mais novas e mais bellas que a mãe.

Desça as suas vistas até ao valle. Ahí o effeito é mais surpreendente. Alegre como diamantinas gargalhadas de creança apresenta-se uma extensa campina esmaltada de virentes hortas e pomares. Brancas tiras de estradas serpenteando em varias direcções, ora se chocam e se cortam como que para formarem arruamentos e caprichosos canteiros de enorme jardim, ora se furtam á nossa vista, escondendo-se por traz de pequenas ondulações para apparecerem mais além. Verdadeiras constellações de casinhas de brilhante alvura juncam a cam-

pina como scintillantes estrellas na vasta amplidão do céu azul.

Aquém e além unem-se grupos de trabalhadores de ambos os sexos entregues á sua faina campestre, e chegam até nós os seus alegre cantares.

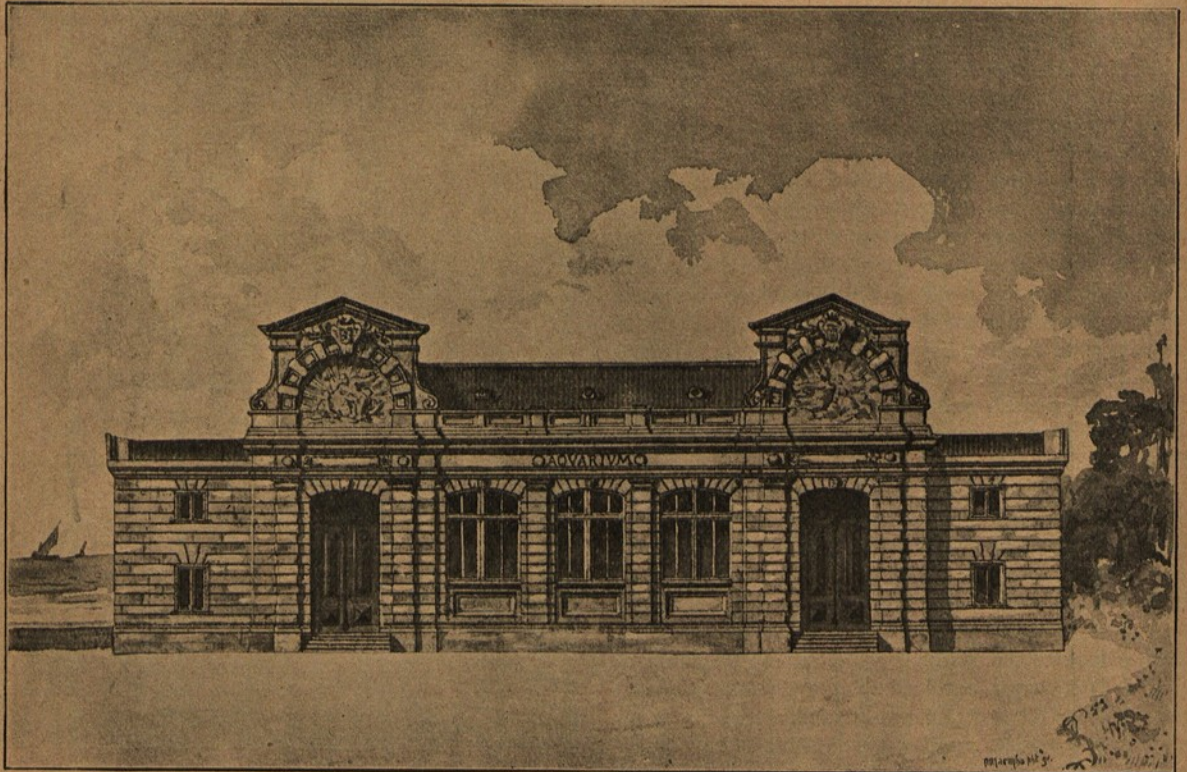
Para completar o quadro junte-se o crystalino Tejo deslisando em graciosas corcovas por entre moitas de salgueiros, ora reflectindo as margens proximas, ora desapparecendo para tornar a apparecer mais ao longe como enorme fita de polido aço e ter-se-ha uma pallida ideia da belleza do panorama.

Em presença de tão grandioso quadro, o coração dilata-se e a alma parece voar para as regiões do ignoto, deixando-nos absortos em muda contemplação, descuidados do tempo que corre ligeiro e até da nossa propria existencia.

Com propriedade se póde, pois, dizer que Abrantes é um... tosco pedaço de cortiça dentro d'uma riquissima salva de ouro marchetada de pedras preciosas.

J. BANDEIRA.

○ CENTENARIO DA INDIA



A FACHADA DO AQUARIUM — (Projecto)

RECORDAÇÃO

Um dia estavas sentada
Na praia junto do mar,
Ouvindo a onda dolente
Que vinha triste e cançada
A contar-te o que ella sente
Porque anda sempre a chorar.

Vinham ondas uma a uma
Junto aos teus pés expirar
N'um soluço de agonia ;
E fitando a branca espuma,
Ora sorrindo te via
Ora te via chorar.

Eu perguntei-te em segredo
O que diziam as aguas
No seu constante rumor ;
Ergueste os olhos a medo,
E n'uma vaga tristeza
Falaste do nosso amor.

Como eras bella, querida,
N'esse teu pudico enlevo,
Quando em extasi sublime
Senti arfar o teu seio !
E em tua fronte pendida
Pairou um vago receio...

Como o pallido luar
Nas folhas d'um jasmineiro,
Assim ficaste, oh bella !
E n'um canto derradeiro
A briza levou ao mar
O nosso beijo primeiro.

Hoje do tempo irizado
Nem tu te lembras, oh flôr !
As illusões desfolhadas
Não teem viço nem côr...
— Mas eu guardo do passado
Essa lembrança de amor ! —

ALVES PRUDENTE.

O NOVO MINISTRO DA MARINHA

O Sr. Dias Costa, illustre official do exercito, a quem a Corôa quiz dar prova de confiança pelos seus meritos e de reconhecimento pelos seus serviços, chamando-o aos seus conselhos e collocando-o na gènera da pasta da Marinha, traz por certo uma boa promessa de desenvolvimento e melhoria para os tão altos interesses de Portugal nos mares e no ultramar.

N'este ensaio justo de talentos novos e de vontades não corrompidas ainda, pelo chefe de Estado emprehendido com exito n'estes ultimos tempos, tem-se visto, com firme contentamento, que os resultados obtidos são de molde a permitir o crer-se que só de gente nova ha a esperar, agora, a boa ordem e as medidas atiladas de que a nação ha mister.

Pode o Sr. Dias Costa assumir sem embaraços, e altivamente, as responsabilidades do seu novo cargo, pois se quando se pensou na modificação ministerial recente, poude haver ainda hesitações na escolha do ministro que substituisse o Sr. Barros Gomes, por se querer, d'um lado, attender com esse premio aos serviços exclusivamente politicos de vigorosos partidarios do actual governo, e d'outro lado attender directamente ás necessidades e conveniencias do Bem Publico, procurando quem outros titulos possuisse como direito a ser chamado para zelar e regular tão valiosos interesses — o bom senso, por fim, impoz-se, e por feliz maneira, porque no Sr. Dias Costa poude o governo encontrar todos aquelles titulos, a par da boa circumstancia politica, que se dava, de ter sido elle, dedicadamente e sempre, um dos seus mais distinctos partidarios.

Dos sentimentos patrioticos d'este brioso official falou bem alto e bem nobremente o discurso que proferiu, no anno passado, por occasião da abertura da Escola do Exercito, onde elle é professor e onde a sua lucida intelligencia tem sido de mui benefica influencia no ensino. N'esse discurso caloroso e bello, falando aos jovens alumnos militares dos deveres de patriotismo e de disciplina que lhes impunha a carreira por que tomavam ao decidirem do seu futuro, o Sr. Dias Costa deu-nos a prova mais sincera e mais segura, que conhecemos, do seu alto brio militar e do seu nobre coração de portuguez.

Mais tarde, no Parlamento, e durante a sessão passada, ouvindo-o entrar a fundo, com a segurança que só o estudo porfiado e sério adquire, nas mais importantes questões que ali foram discutidas, como a questão dos Tabacos, de que foi relator, podêmos precisamente avaliar dos meritos que o Sr. Dias Costa põe agora ao ser-



viço mais directo, mais difficil, mas muito mais glorioso, dos interesses nacionaes.

No momento em que todas as lucidas attenções do Paiz e as maiores cubiças estrangeiras se voltam para o nosso dominio colonial; momento em que, razões instantes determinam um movimento muito activo da nossa Marinha de guerra, principalmente destinada agora a ser uma solida cooperadora de quanto ha a manter, a desenvolver e a emprehender de util e de effectivo nas possessões ultramarinas — o Ministro da Marinha e Ultramar tem de ser considerado como um dos elementos mais preponderantes na obra patriotica de um governo sério. É' a muita esperança, que temos, na valiosa collaboração do Sr. Dias Costa, como membro d'este governo, n'essa grande obra já iniciada felizmente, que nos traz a saudalo n'este logar, cordealmente e com enthusiasmo, como a um bem-vindo.

A. M.

A' VIRGEM

Bem como a nau pelo tufão batida,
no temeroso mar, em noite escura,
sem bussula e sem norte. então procura
um porto bemfazejo, ou luz querida;

assim, por densas trevas envolvida,
vagando em alto oceano d'amargura,
buscava a meiga estrella da ventura
est'alma dolorosa e compungida.

Mas desde que elevei a fronte aos ceus,
inundada nas bagas do meu pranto,
qual astro prefulgiste aos olhos meus,

e dissipaste as brumas da desdita.
Por isso, a ti consagro este meu canto,
Virgem celestial, mulher bemdita!

O LEQUE BRANCO

TCHOUANG-TSEN, natural de Soung, era um letrado que levava o seu amor pela sciencia até ao despreso completo por todas as coisas d'este mundo, e, como bom chinez que era, faltava-lhe a fé nas mais fundas questões de ordem methaphysica, restando-lhe só a consolar o seu espirito a consciencia de poder furtar-se á influencia dos erros vulgares da humanidade, que se agita e trabalha para adquirir riquezas, inúteis ou honrarias vãs e ridiculas. Depois da sua morte foi considerado feliz e digno de inveja.

Durante os dias, que os genios desconhecidos do mundo lhe concederam passar uma vida aparentemente regalada, admirando e gosando todas as venturas que a natureza concede aos seus eleitos, Tchouang-Tsen tinha o habito inveterado de longos passeios pelas campinas admiráveis e bellas da região em que vivia, sem saber como nem porque.

Uma manhã em que estava descuidado nas encostas floridas da montanha de Nen-Hoa, encontrou-se por mero acaso sobre os cyprestes de um cemiterio, onde os mortos repousavam, segundo o costume do paiz, sob cuidados montículos de uma terra espessa e recalçada. Sob a impressão do triste espectáculo que se lhe defrontava, o letrado meditou profundamente sobre o destino da humanidade.

— Ai! ai! — disse consigo — Eis ahí a encruzilhada para onde convergem todos os caminhos da vida. Desde que se toma o seu logar na habitação dos mortos fica anniquillado todo o modo de ser da nossa existencia!

Não é só singular esta theoria. Resume a philosophia de Tchouang-Tsen e a dos chinezes, que não conhecem outra vida além da vida material do corpo. A egualdade dos homens no tumulo consola os ou desespera-os, segundo se inclinam á serenidade ou á melancolia. Teem além d'isso, para os distrahir, uma multidão de deuses verdes ou vermelhos que, por vezes, resuscitam os mortos e exercem uma feitiçaria divertida. Tchouang-Tsen, que pertencia á seita orgulhosa dos philosophos, não pedia consolação aos dragões de porcelana. Vivia a seu modo.

N'esta occasião, em que passeiava o seu pensamento atravez os tumulos, encontrou de subito uma joven que vestia de rigoroso lucto, sentada junto d'uma campa e agitando o seu leque branco sobre a terra ainda humida d'aquella morada funebre.

Cheio de curiosidade por conhecer os motivos de facto tão extraordinario, Tchouang-Tsen saudou aquella dama com delicadeza.

— Consinta-me, senhora, — disse — que lhe pergunte quem é a pessoa que dorme n'aquelle tumulo e porque se occupa n'essa tarefa de arejar com o seu leque a terra que o cobre? Sou philosopho: procuro conhecer a razão de todas as coisas e é este um caso que escapa á minha penetração.

A joven continuou a agitar o seu leque. Córou, baixou a cabeça e balbuciou umas palavras que o sabio não percebeu. Renovou o seu pedido, mas em vão. A dama não o attendeu. Parecia que toda a sua alma tinha passado para a mão em que tinha o leque, n'um movimento desordenado, doido.

Tchouang-Tsen afastou-se pesaroso. Reconhecia que

n'este mundo é tudo vaidade, mas era naturalmente inclinado a indagar do mobil das acções humanas e particularmente das mulheres, que lhe inspiravam sempre vivo interesse. Proseguia no seu passeio, voltando ás vezes a cabeça para ver ainda o leque que cortava o ar como as azas de uma grande borboleta, quando uma mulher idosa lhe cortou o passo, fazendo-lhe signal para que a seguisse. Arrastou-o para a sombra d'uma enorme faya e disse-lhe:

— Ouvi o pedido que dirigiu a minha ama e a que ella não se dignou responder. Satisfazer-lhe-hei a sua curiosidade na esperanza de que me dê a devida recompensa.

Tchouang-Tsen tirou do seu bolso uma moeda, entregou-lh'a e a velha fallou assim:

— Essa dama que acaba de ver sobre um tumulo é a senhbra Lu, viuva de um letrado chamado Tao, que morreu ha quinze dias, depois de longos soffrimentos. Aquella é a sua campa. Amavam-se perdidamente. Ao expirar, Tao desesperava de deixar só no mundo uma esposa na flôr da idade e da belleza. Chorando, a sr.^a Lu protestava aos deuses que não poderia sobreviver-lhe.

Mas Tao disse-lhe:

— Não faça esse juramento, senhora.

— Então, replicou ella, se estou condemnada pelos genios a sobreviver-vos, sabeí que não consentirei já-mais em ser esposa d'outro, e que só terei um marido, como só tenho uma alma.

Mas Tao disse-lhe:

— Não faça esse juramento, senhora.

— Oh! Tao, deixe-me jurar ao menos que durante cinco annos lhe serei fiel.

— Mas Tao disse-lhe:

— Não faça esse juramento, senhora. Jure só guardar fielmente a minha memoria emquanto que a terra não tiver seccado sobre o meu tumulo,

A senhora Lu fez d'isso um juramento sincero e o bom Tao fechou os olhos para sempre.

O desespero de Lu ultrapassou todos os limites. Era a verdadeira loucura produzida pela mais intensa saudade. Tudo passa, porém, e esta situação teve um termo. Tres dias depois da morte de Tao, a tristeza de Lu tornou-se mais humana.

Soubes que um discipulo do seu defunto marido desejava apresentar-lhe os seus sentimentos de condolencia. Recebeu-o. Era um homem elegante. Falou-lhe um pouco de Tao e muito d'ella. Confessou-lhe o seu amor. Lu ouviu-o. O moço prometteu voltar.

Esperando-o, Lu, sentada junto do tumulo de seu marido, onde viu, passa todo o santo dia a fazer seccar a terra ainda molle que o cobre com o sopro continuado do seu leque que não larga.

Quando a velha acabou, o sabio Schouang-Tsen pensou:

— A mocidade é curta. O agulhão do desejo dá azas á mocidade. Ainda assim, a senhora Lu é uma mulher digna que não quer trahir o seu juramento.

Eis uma bella lição offerecida ao coração amante das lindas mulheres da Europa.

ANATOLE FRANCE.

DEPOIS...

Quando tu passas junto a mim, sorrindo,
E me illumina a luz do teu olhar,
Quizera então eu nada mais fitar
Do que a luz pura d'esse olhar tão lindo!

Quando tu passas junto a mim, eu findo
Meu soffrimento julgo e quero gosar
A Vida e na Morte não pensar,
E julgo o mundo de prazer infindo!

Para a minh'alma triste e doentia,
Desponta a luz do sol que a acaricia,
Inundando-a de luz serena e querida!

Porém, depois que essa luz bem dita,
A luz do teu olhar, já me não fita,
Depois... eis-me outra vez cá n'esta vida!

FRANCISCO MARIA GOMES.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — AS CIGARREIRAS, (aguarella de Roque Gameiro)

TUDO PELO SPORT!

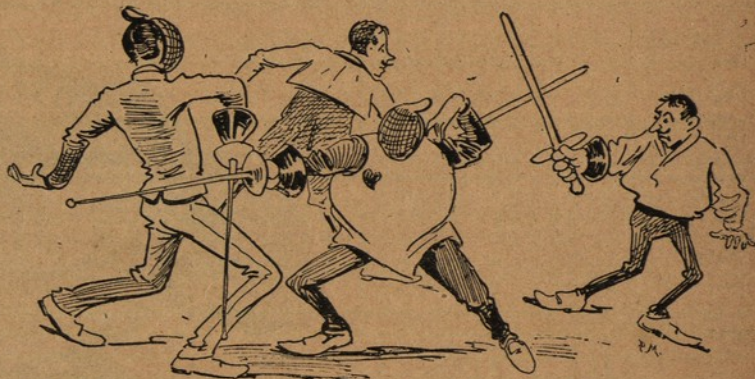
Visto parecer que a unica missão que a humanidade tem a cumprir na terra é o sport



Aos 6 mezes d'idade... primeiro sport.



Aos 6 annos, sport... preparatorio.



Lições d'esgrima, para completar a educação, e para se ficar apto a mandar d'esta para melhor, o primeiro individuo que se ria de nós.



Depois vem a patinagem, uma delicia!



E o lawn tennis, que só tem o defeito do nome arrezado.



E tendo entretido assim o dia, temos a valsa a dois tempos para entreter a noite.



Se ainda sobeja energia, applica-se no sport da moda...



ou no sport nautico, se se está nas praias...



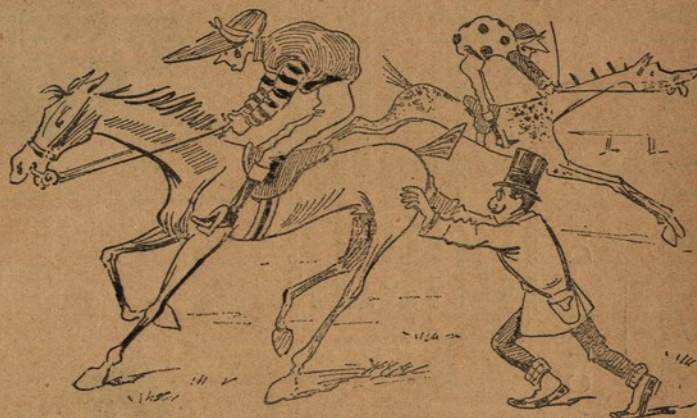
ou no bilhar quando chove.



E apesar de tudo isto, ainda ha sujeitos que se applicam a desenvolver as forças!



Provavelmente só pelo prazer de poderem mostral-as em publico...



E o sport hippico? Que belleza!...



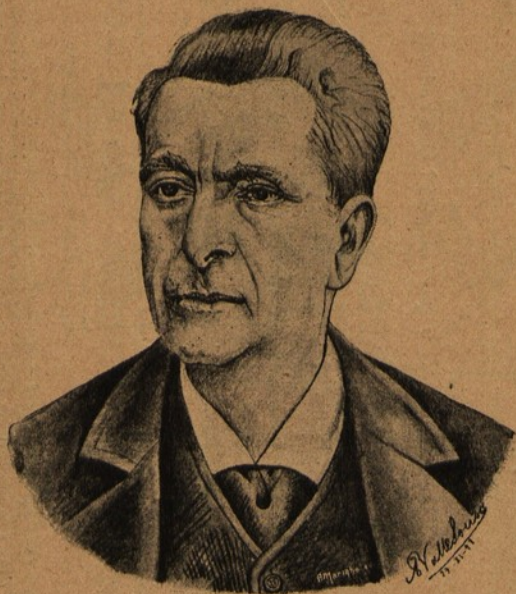
E o sport cynegetico! Por um dia de sol de rachar...



Ora se toda essa gente se applicasse a cavar a terra ao menos uma hora por dia, que pechincha para os pobres lavradores, que hoje teem de dar ao fisco metade do pouco que ganham!

ARTISTAS MORTOS

O ACTOR DIAS



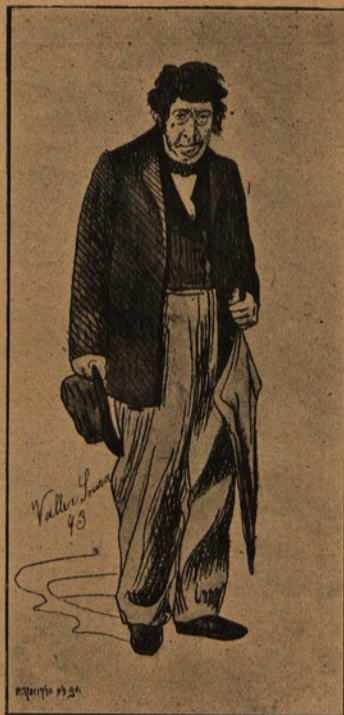
pela conscienciosa interpretação que dava aos seus papéis, de que sabia possuir-se, desempenhando-os com extrema facilidade, mas sobretudo pelo seu caracter immaculado, porque o actor Dias era o typo da probidade e da honradez, um excellente chefe de familia e um amigo dedicado.

O actor Antonio Dias Guilhermino era natural de Maiorca, indo ainda muito creança para a Figueira da Foz, onde começou a tomar parte em alguns espectaculos.

Tão excellentes aptidões revelou para a scena, que o

O Branco e Negro recorda hoje a memoria d'esta notavel individualidade do theatro portuguez, do comico illustre, querido de todos os palcos do reino, especialmente da cidade do Porto, que lhe tributava verdadeira estima e admiração.

E era justissima esta admiração e estima que o publico votava ao actor Dias, que se impunha não só pelo seu profundo conhecimento dos segredos scenicos, e



Dias no Zé Palonso



Dias no Sachristão politico

actor Apollinario indo á Figueira com uma companhia, fez todas as diligencias para escripturar o novel artista.

Representou no theatro de D. Luiz, de Coimbra, logo depois da sua fundação e começou a ser muito bem acolhido em todos os theatros aonde ia representar.

No theatro Baquet, do Porto, foi alvo de calorosas e entusiasticas manifestações ao desempenhar soberbos papeis nos *Filhos*, no *Juiz*, no *Assassino de Macario* e nos *Medicos*, a proposito da qual nos lembra o seguinte facto :

Os *Medicos* era uma comedia em que Taborda tinha uma das suas melhores creações¹ e o Baquet estava em maré de rosas com enchentes á cunha. Necessitando Taborda de ir para Lisboa, tratou-se de vêr quem o havia de substituir. A escolha recahiu no actor Dias, que

¹ Vide n.º80 do Branco e Negro, pag. 25.



O actor Dias quando estudante

apezar do confronto com o glorioso Taborda, ainda conseguiu ser bastante applaudido e a comedia teve ainda 15 ou mais representações com constantes enchentes.

O actor Dias realisava quasi sempre os seus beneficios na Figueira da Foz, onde era de tal modo estimado que em Lisboa e no Porto era tido por filho d'aquella formosa e florescente cidade.

São geralmente conhecidas as circumstancias da morte do actor Dias, que falleceu em pleno trabalho.

Na tarde de domingo 26 de novembro de 1893, representava-se no theatro do Principe Real, do Porto, *O Solar dos Barrigas*, a opera comica cheia de scenas esfusiantes, que elle temperava com uma graça admiravel de naturalidade.

Estava-se quasi no fim do 1.º acto e Dias, com aquella simplicidade que transpirava em seus papeis, ia desem-



Dias no *Solar dos Barrigas*

penhando com grande hilaridade do publico o seu magistral papel de *Agapito Solemne*.

De repente, viu-se vacillar, estender os braços, cair de joelhos, resvalar no palco. A queda do seu corpo ecoou tristemente, funebremente, por toda a sala, consternando os espectadores, que presentiam que lhes ia ser arrebatado o seu actor querido.

Ao tempo achavam-se em scena os actores Carlos dos Santos e Firmino, que correram para elle e o encontraram quasi exanime.

O panno desceu e a sala em grande alvoroço, anhelava novas do incidente, quando o empresario e distincto actor Affonso Taveira appareceu no proscenio, participando que o actor Dias se achava muito incommodado



Dias no *Burro do sr. Alcaide*

e que, para o espectáculo poder continuar, seria substituido pelo actor Pires.

O publico ficou mais tranquillo e o espectáculo continuou até ao fim do 1.º acto.

Notava-se, porém, que os artistas riam com lagrimas no coração, que as suas palavras outr'ora alegres tinham o quer que fosse de tristeza.

O publico descortinou alguma coisa de lugubre e procurava saber noticias do enfermo. N'este comenos o actor Taveira, apparecendo novamente, annunciou á sala que o actor Dias fallecera d'um ataque de congestão cerebral, que o espectáculo não podia continuar e que o bilheteiro restituiria a importancia dos bilhetes aos espectadores que a quizessem receber.

Tal foi o fim d'esse insigne actor que tantas vezes fez rir o publico a bandeiras despregadas e que tantas ovações alcançou na sua brilhante carreira artistica.

Evocando o seu nome immaculado, o nosso semanario faz sahir o distincto artista do esquecimento a que já talvez esteja votado.

A VIUVINHA

De noite não. Nem sequer pensava n'elle. Porém de dia, quando os ruídos da rua chegavam até á sua habitação, amortecidos pela distancia e pelos cortinados, quando entreabria os olhos á luz, repousado o corpo por um descanso proporcionado á vigília e sufficiente para aquella juventude, então não podia evital-o; o seu primeiro pensamento era para elle.

No equilibrio de todas as suas faculdades physicas e intellectuaes o amor não lhe tinha feito perder o appetite, nem havia afugentado o somno. Já sabia isto: o amor só nos causa mal quando é uma aspiração grosseira.

Para Marianna não existiam os romanticismos que convertem os moços de trinta primaveras, vestidos com a prosaica sobrecasaca, em ser ideal; porém, se não acreditava nos anjos barbudos, pouco sonhava com Hercules ou com Apolo. Se lhe tivessem perguntado, no caso do seu amor não ser um segredo, porque amava Pedro, não saberia responder; queria-o por isso, porque era Perico.

Perico de quem não podia dizer-se que era *Periquito* das salas, porque não era mavioso, nem galante, nem melancolico, nem feio, nem bonito, ainda que era mais isto do que aquillo. Descançado no ademene, alegre na expressão, vivo sem impudencia e serio sem affectação, era Perico um homem como haverá muitos, porém, como ella havia visto poucos.

Haviam sido visinhos durante annos! Como a amizade era antiga, conservavam o costume adquirido em pequenos de tractar-se por tu; porém, o tratamento não tinha sido posto de parte para se salvarem as distancias nem esquecerem as conveniencias.

Teve Marianna um como sentimento d'aquelle amor em vida do bom Gerardo, não porque passassem nuvens por aquella limpida frente; sobre ella nunca se projectára outra sombra do que a dos seus annellados cabellos negros; tinha a alma muito sã para que pensamentos de vileza podessem invadil-a. Mas sem saber a causa, a presença de Perico, emquanto Gerardo vivera, occasionava-lhe uma doença. Passou-se o luto e minguou-se a magua, attendendo os vivos sem esquecer os mortos. Do matrimonio de Gerardo nasceram dois filhos: Pedrinho e Therezinha, que tinham estes nomes por serem os dos avós paternos.

Por esse tempo Therezinha vivia mais no collegio do que em casa. Sem chegar á clausura que priva os filhos do affecto do lar, era forçoso resignar-se ás conveniencias de uma posição mais que folgada e teve de optar pela pensão semi-interna.

Era essa a mania e o unico defeito de Marianna. . . .

..... Talvez porque Pedrinho, como pequeno, vivesse mais ao lado da mãe, pois como filho postumo de Gerardo, só contava cinco annos, talvez gostasse mais d'elle.

Não tinha conhecido o pae. — Era muito carinhoso; Marianna sempre procurava pretextos para dizer porque o estimava; nunca confiou a si propria que o nome do filho lhe lembrava ao coração o nome de Perico; para evital-o, com mysteriosa e santa fidelidade para o morto, ella mesmo deixou de dar o nome de Perico ao filho; optou por outra desinencia e chamava-lhe *Pedrito*, repetindo-o por muitas vezes como se quizesse julgar-se mais forte para taes ninharias.

Sem ser supersticiosa espantava-a a idéa de que aquella filha, que não conhecera o pae, tinha de conhecer um padrao. Parecia-lhe, ao deitar-se n'aquelle leito, comparado com o primeiro marido, que não cabia segundo. Ella que não sonhava despertou uma só vez alterada; havia-se encontrado na cama entre o vivo e o morto, com a particularidade de que Gerardo estava vivo e Perico morto. Accendeu a luz e poz-se a rezar com todas as veras de uma fé extraordinaria para que Deus lhe apartasse da sua alma aquella amor que lhe parecia profanação. Já era dia quando se levantou, e estando com o Pedrinho nos joelhos annunciaram-lhe a visita de Perico.

— Como, tão cedo? — perguntou, e ao falar tremiam-lhe os labios.

— Venho despedir-me, Marianna! . . . — replicou Perico com aquella seriedade habitual n'elle. — Parto esta

noite para a Allemanha; é uma verdadeira viagem de creio.

— Mas tu não sabes allemão! — objectou a viuva com affectuosa exprobração.

— Aprendel-o-hei assim, e ganharei com isso.

— Vaes á Allemanha? — perguntou Pedrito, que dos joelhos de Marianna tinha passado aos de Perico, em cuja gravata mexia com as suas mãosinhas brancas.

— Se fôr a Berlim, hei-de trazer-te muitos bonitos, se voltar.

Marianna tinha um nó na garganta que a inibia de



falar; mas o petiz, dando uma nota cuja intensidade não podia medir-se, exclamou:

— Vaes para tão longe! E eu que sonhei a noite passada que casavas com a minha mamãzinha!

Marianna ficou aterrada. O pequeno com a sua ingenuidade havia decifrado o problema. Perico respondeu, tartamudeando pela primeira vez na sua vida:

— Isso não póde ser, vida minha!

— Ora porquê?

— Porque tua mãe não me queria.

E Perico, ao falar assim, quedou-se a chorar como uma creança.

— Porque não! mais que á minha vida!

E Marianna, ao dizer isto, poz-se em pé, vermelha como uma romã, tremendo toda e pedindo a Deus que benzesse a casa. Tinha dito o seu segredo. E quando? Deante do filho!

Pedrito muito assombrado com o que não acertava em vêr nem ouvir, tirou-se dos joelhos de Perico e disse com essa gravidade das creanças, quando imitam os maiores:

— Então, tonto, não chores; os homens nunca choram.

E, como admirando-se do seu proprio discurso, poz-se a cavallo sobre a perna direita de Perico.

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

ACTUALIDADES

O ASSASSINATO DO MINISTRO DA GUERRA DO BRAZIL



O jacobinismo, que é o partido da revolta no Brazil, o que prêga contra todo o estabelecido e quer impôr á nação brasileira a dictadura militar, entrou n um campo aberto de rataliações pessoases, mandando assassinar o ministro da guerra. Parece, pelo que mais tarde se averiguou, que o fim da conspiração era assassinar o dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica; mas, como o ministro da guerra se mettera de permeio entre o assassino e o presidente, o punhal cravou-se no peito do sr. Machado Bettencourt, que expirou poucos minutos depois.

Pelos telegrammas ulteriormente recebidos, sabe-se

que reina uma grande agitação no Brazil, e que os conservadores, para vingarem o assassinato do ministro da guerra, teem assaltado, destruido e queimado varias redacções de jornaes affectos ao general Glycerio, que é o chefe dos jacobinos.

Muitos d'estes teem fugido do Brazil para escaparem á furia dos elementos conservadores, cujos animos estão exaltadissimos.

A nossa gravura, representa o assassinio do general Machado Bettencourt, ministro da guerra, no Arsenal do Exercito, por occasião do desembarque das tropas victoriosas de Canudos.

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

A MOEDA DE UM FRANCO

PAULO e sua irmã foram passar as férias para casa do avô. Terminadas as férias, o avô deu um franco, novinho, a cada um, prometendo dar-lhes outro se apresentassem aquella mesma moeda por occasião da sahida no dia 1 de janeiro.

Cecilia poz-se a enumerar tudo o que compraria, imaginando poder realisar os melhores projectos do mundo, logo que possuisse os dois francos. Passou a tarde seguinte a fazer uma caixinha de cartão e papel liso, justamente do tamanho da moeda que o avô lhe déra.

Paulo teve menos trabalho com a sua moeda: embrulhou-a n'um simples pedaço de papel, no qual, para não se esquecer, escreveu a recommendação do avô.

As duas creanças podiam facilmente guardar a sua bonita moeda de um franco, pois que recebiam de seus paes uma quantia rasoavel todas as semanas.

Porém, um dia, mostrou Cecilia a sua moeda a uma das suas companheiras que a achou tão linda e tão brilhante, que lhe pediu logo para a trocar por duas moedas de dez sous e um par de sapatos de boneca.

Cecilia hesitou, recordando-se da promessa feita ao avô. Mas os sapatinhos de setim azul eram tão bonitos!

A pobre creança resistiu fracamente, durante cinco minutos, mas, por fim, como estava sempre disposta a fazer a vontade ás amigas, beijou a sua brilhante moeda de um franco e, quasi a chorar, fez a troca.

Algum tempo depois, teve Cecilia uma sahida de favor. De caminho para casa de seus paes, viu, á esquina d'uma rua, uma mulher velha que vendia bolsinhas de couro, lindissimas. Cecilia parou um instante para as admirar.

— E' mesmo de affligir, disse ella, ter dinheiro e faltar a bolsa para o guardar!

E, assim dizendo, aproximou-se da mulher, e perguntou-lhe o preço.

— Tres sous, minha querida menina, respondeu a velha. Vá, continuou ella, estreie-me: assim me dará felicidade.

A tentação era fortissima. Cecilia não lhe resistiu.

Emquanto a mulher lhe dava o troco de uma das moedas de dez sous, a creança avistou, no cesto que continha as bolsas, um anel muito reluzente e tão pequeno que parecia ter sido feito de proposito para o seu dedo. Cecilia comprou-o tambem.

— Economisarei estes cinco sous no meu dinheiro da semana, pensava ella, o que me será facil privando-me de *bolos* e tendo cuidado com o lapis e com as pennas, que não precisarei de renovar senão d'aqui a muito tempo!

Pobre pequena! Como se illudia! Alli proximo estavam as confeitarias; Cecilia tinha fome, gastou o resto da moeda trocada.

Ainda possuia outra que jurou, resolutamente, não gastar. Mas, chegada a casa, viu que a sua boneca nova precisava de vestidos. De que serve uma boneca que nada tem para vestir? E o peor é que o negociante não dá a fazenda.

Cecilia troca, então, a sua segunda moeda de dez sous.

A conducta de Paulo foi completamente differente.

Reentrando para o collegio viu um dos seus companheiros que se divertia no jardim com um enorme papagaio de papel, adornado de azas magnificas. Vendo-o elevar-se, o nosso rapasinho não pôde deixar de exclamar:

— Ah! como estimava que fosse meu! Quanto custa um papagaio igual?

— Apenas um franco, respondeu José, o feliz possuidor do bonito brinquedo.

— Queres vendel-o? perguntou outro alumno.

— Eu compro o já e sem regatear, disse um terceiro.

Acabava, justamente, o papagaio de descer. Paulo examinou-o e achou que era soberbo. Machinalmente mettu a mão no bolso, mas mudando logo de parecer, contentou-se em perguntar a morada do vendedor.

Mais tarde, Paulo, ainda resistiu a outra tentação tambem fortissima.

Em cinco de Novembro era dia de festa no collegio. Attendendo á circumstancia foi permittido aos alumnos

que comprassem foguetes de lagrimas e de estouro para o fogo de artifício. Paulo esperava que um de seus tios o fosse visitar e tencionava pedir-lhe dinheiro para comprar dois ou tres foguetes, pelo menos.

Debalde, porém, fátiga a vista, olhando para o lado do quarto do porteiro; o tio não apparecia, de forma que se encontrava na alternativa de trocar a sua moeda de um franco ou de não tomar parte no fogo d'artificio.

Apenas anoiteceu, precipitaram-se todas as creanças para a sala do recreio, onde estava o fogueteiro que vendeu, em um instante, tudo que trouxera.

— Que escolheste? — E tu? Já tens? — Já, e tu? — Olhal era o que se ouvia em toda a sala.

Paulo estava encostado á varanda pensando no que devia fazer.

N'esta occasião subiu ao ar o primeiro foguete.

— Como é bonito! como é bonito! exclamou Paulo ao ver a chuva brilhante das lagrimas que cahiam. Ah! como eu desejava ter um!

Partiu segundo e Paulo ainda a olhar. Partiu terceiro, depois outro ainda e muitos mais; mas, cousa singular, quanto mais o nosso estudante os observava, menos os desejava ter.

Ao outro dia de manhã, quando acordou, sentiu uma grande satisfação por não ter cedido á tentação.

Por esta época era grande a miseria que existia entre os trabalhadores das fabricas da visinhança, originada pelo rigor do inverno, carestia de pão e, finalmente, pela falta de trabalho.

Os alumnos do collegio resolveram abrir entre si uma subscrição, a fim de socorrerem os mais necessitados. Alguns deram cinco francos, outros um franco, cinquenta centimos, e outros apenas vinte e cinco centimos.

Paulo foi dos ultimos; cinco sous era tudo que possuia, á parte a moeda de um franco que o avô lhe déra.

Estava proximo o anno novo.

— Ah! como eu desejava fazer um presente a Cecilia! A minha querida irmã tem sempre com que me brindar; mas, fóra o meu franco, não tenho senão dois sous, dois pobres sous! Que hei de fazer com tão pouco?

Ao fim de algum tempo de reflexão, lembrou-se de um dos gostos da irmã: — «Cecilia estima muito as pastas, disse elle; nada me impede de fazer uma, bonita, com um bocado de cartão e uma folha de papel côr de rosa, que, de certo, não me ha de ficar cara.»

Paulo apressou-se a comprar o que precisava para realisar esta empreza com os dois sous que lhe restavam e, em seguida, poz mãos á obra.

Ficou satisfeitissimo do seu trabalho, e este presente foi mais agradavel a Cecilia do que outra qualquer cousa que seu irmão lhe pudesse dar. Abraçou Paulo affectuosamente e mettu a pasta n'um cantinho da gaveta onde guardava os seus pequeninos thesouros.

Nas férias do anno novo, Paulo e Cecilia foram dar as boas festas ao avô, que lhes pediu contas do dinheiro. Cecilia envergonhou-se quando teve de explicar como o tinha gasto em bagatellas.

Paulo, ao contrario, foi cumprimentado, e elogiado pela fidelidade com que cumpriu a promessa. Teve o dobro da pequena importancia, e, d'esta vez, o avô permittiu-lhe que dispozesse dos seus quarenta sous como entendesse, dizendo-lhe que um menino tão prudente, que não gasta inutilmente o seu dinheiro, deve fazer bom uso d'elle quando se lhe offereça occasião.

Paulo, aproveitando-se de um passeio ao campo, deu á irmã a sua primeira moeda de um franco, dizendo-lhe:

— Minha querida Cecilia, tu não podeste conservar a moeda que o nosso avô te deu; promette-me que terás mais cuidado em conservar uma das minhas.

— Como meu irmão é bom! pensou Cecilia, por que não podia pronunciar uma palavra, tão grande era a sua emoção. Emfim, quando conseguiu falar, exclamou:

— Paulo, meu bom irmão, nunca, nunca mais me separarei d'esta moeda que me dá; hei-de-a conservar sempre como um estimavel penhor de amizade fraternal e, acrescentou a chorar, como a recordação de uma indulgencia que não merecia.

(Trad.)

FERNANDO COELHO.



CORRIDAS DE BICYCLETAS

COM uma concorrência de muitos milhares de pessoas, realizaram-se no domingo, 17 de outubro, no Campo Grande, as corridas de bicycletas, de que damos notícia n'um dos nossos numeros anteriores, promovidas pelo *Columbia Club*.

A forma brilhante como as corridas haviam sido preparadas e o facto de tomar parte n'ellas um grande numero de cyclistas que, como corredores, fizeram a sua estreia, attraheu áquelle local grande concorrência.

Proximo das duas horas da tarde teve começo o festival sendo o programma cumprido rigorosamente. Porque a falta de espaço nos não permite dar detalhada noticia das corridas, limitamo-nos a registar o nome dos vencedores e os premios obtidos. Eil-os :

José dos Santos Junior — Uma medalha de ouro na 4.^a corrida, uma de vermeil na 3.^a corrida, outra de vermeil na 9.^a corrida e uma de prata na 10.^a

Luiz Neves — Uma medalha de ouro na 9.^a corrida e uma de vermeil na 10.^a

Antonio Marques — Uma de vermeil na 4.^a corrida, outra de vermeil na 6.^a — tandens — e uma de prata na 9.^a

Antonio Barros — Uma medalha de prata na 3.^a corrida, e mais duas, tambem de prata, uma na 4.^a corrida e outra na 7.^a — em tandem.

Joaquim Fuschini — Uma de vermeil na 2.^a corrida e outra, tambem de vermeil na 7.^a — tandens.

João d'Ourem — Uma medalha de ouro, 1.^o premio da 10.^a corrida, unica em que tomou parte.

José Fernandes Cardoso — Uma de vermeil na 1.^a corrida e uma de prata na 2.^a

Joaquim Neves — Uma de prata na 1.^a corrida e outra, tambem de prata, na 7.^a — tandens.

Idumeu Rocha — Uma de vermeil na 8.^a corrida.

Luciano Teixeira — Uma de prata na 3.^a corrida e outra egual na 2.^a

Antonio Camecelha — Uma de prata na 3.^a corrida.

Annibal Pinto Costa — Uma de prata na 8.^a corrida.

Alfredo Camecelha — Uma de prata na 8.^a corrida.

Custodio Lopes d'Oliveira e *Antonio Lopes d'Oliveira*

— Uma medalha de vermeil e uma cigarreira, respectivamente, na 11.^a corrida — *Consolação*.

Reservámos para o fim d'esta resenha os meninos *Antonio Seabra* e *Luiz Ricciardi* que ganharam, o primeiro medalha de vermeil e o segundo, de prata; e as meninas *Eva Luíza Lima*, *Laurinda Pinheiro*, *Maria José* e *Zulmira Ribeiro*, que ganharam, medalha de vermeil a primeira, medalhas de prata a 2.^a e 3.^a, e um objecto de arte a 4.^a

Foi esta a nota mais interessante das corridas, chegando o entusiasmo a attingir um verdadeiro delirio. Logo que as meninas sahiram da meta um grande numero de cyclistas collocou-se-lhes na frente em respeitavel distancia; e ao completar a primeira volta foi encantador vêr que as gentis e pequeninas corredoras, em distancia grande umas das outras, eram circumdadas pelos velocipedistas que as haviam acompanhado e que as incitavam, sendo curiosissimo vêr aquellas pequeninas caras em contracções nervosas pelo receio de não serem premiadas. A menina *Eva Luiza Lima*, que se antecipou logo na sahida, mostrou grande disposição para o cyclismo e muita serenidade, sendo distinctissima a sua apresentação.

Emfim, a festa foi, por todos os motivos, encantadora.

Por fim realisou-se o torneio de fitas, succedendo então os episodios comicos, terminando a festa no meio de viva gargalhada.

A distribuição dos premios realisou-se immediatamente no *Columbia Club* e á noite no *Restaurant Augusto*, teve logar um jantar intimo, de doze talheres, no qual se levantaram brindes á *Casa Columbia*, ao *Columbia Club*, a *Alfredo de Carvalho*, a *José B. de Carvalho*, a *Antonio Brandão*, *Augusto de Sousa*, *José Santos Junior*, á *Imprensa Portugueza*, em nome do *Columbia Club*, brinde este que por este meio transmittimos a toda a *Imprensa*, visto que d'isso fomos encarregados.

E assim terminou a festa que honrou sobremaneira os seus promotores. Agradecemos o delicado convite que nos foi enviado.

NAUTICA

Foi registado no *Real Club Naval* o palhabote *Lia*, propriedade de Sua Magestade *El-Rei D. Carlos*.

CONVENIENCIA DO CHAPEU ALTO



Eu uso sempre chapéu alto



porque a minha cabeça tem este feição



e pondo um chapéu d'estes



fica-me assim

COISAS ALEGRES

Uma quadra inédita de Guilherme Braga.
Terminára um outeiro no convento de Villa Nova de Gaya e como o poeta se despedisse da abbadessa, ella disse-lhe:

— Espere um bocadinho.
Guilherme Braga replicou immediatamente:

N'esse espere um bocadinho,
Se illusão minha não fosse,
Parece que vem mais vinho,
Parece que vêm mais doce!

* * *

Foi também em um outeiro no Porto, que Faustino Xavier de Novaes, ao mote — *Negro zello vai-te embora*, — fez a seguinte glosa, singularissima por sahir dos moldes triviaes e já cançados:

Vou aprender a torneiro,
Arte da minha paixão,
Trabalha o pé e a mão,
Ganha-se muito dinheiro.
Encomendo ao meu ferreiro
Um torno dos de fóra...
Esperem... lembra-me agora...
Tenho aqui um tornozello,
Tiro o torno e digo ao zello,
Negro zello vai-te embora.

* * *

O Padre José Agostinho de Macedo, em quanto frade

da Graça, quasi nunca deixou de comer no chão por castigo das travessuras que fazia.

Um dia em que, por excepção, estava á meza para jantar com os outros frades, vendo que lhe punham adiante uma plangana com meia duzia de *feijões-fradinhos* n'uma immensa caldivanada, começou a despir-se a toda a pressa, com modos de afflicto e grandes ais:

— «Que faz, irmão? — perguntou o guardião.

— «Vou deitar-me a nado, a ver se salvo este pár de religiosos que se está afogando nas grandes aguas.

*

D'outra vez, na distribuição do cozido, coube-lhe o tutano, que vinha tremelicando como succede sempre depois de cozido. Ao porem-lhe o prato em frente, José Agostinho exclamou: «Não tremas, que não te como.»

* * *

A certo ecclesiastico, que se apresentou um dia em certa sociedade com um cravo ao peito, fez o Abade de Jazente (Paulino Cabral) a seguinte decima:

Tendes o cravo no peito,
O lugar improprio é,
Pois se o tivesseis no pé,
Era o lugar mais perfeito:
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
E' só com doce brandura,
E sem vos fazer agravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

ESTUDOS PHYSIONOMICOS

O ACTOR AUGUSTO ROSA

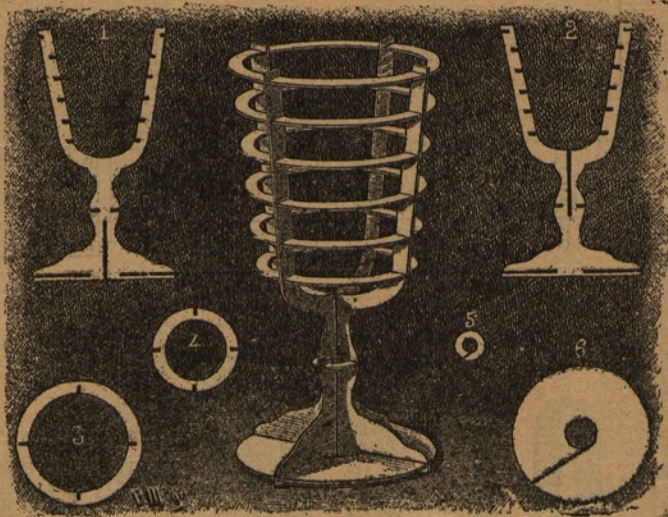
No proximo numero inseriremos uma curiosa série de photographias do illustre actor Augusto Rosa, do Theatro de D. Maria, em diferentes passagens da recitação do MELRO, a conhecida poesia de Guerra Junqueiro.

SECÇÃO RECREATIVA

CONSTRUCÇÕES COM CARTÕES DE VISITA

VAMOS indicar a maneira de se construir com cartões de visita um copo, que a gravura mostra. Vamos primeiramente ás dimensões essenciaes: *Altura do copo*: 10 cent., que é a largura do cartão. *Annél superior*: (o n.º 3 da gravura), diametro exterior, 6 cent.; diametro interior, 5 cent. *Annél do pé do copo*: (n.º 4), diametros 35 e 25 cent. *Annél da bocca*: (n.º 6), 5 cent. e 13^{mm} de diametro. *Annélzinho do meio do pé*: (n.º 5), 13^{mm} de diametro interior e 5^{mm} de exterior. A distancia vertical entre cada um d'estes seis anneis é de 1 cent. o que permite determinar as dimensões dos anneis intermediarios, e será facil traçar o perfil das peças n.ºs 1 e 2 que são identicas, salvo no que respeita aos entalhes verticaes do pé. Estes entalhes são indicados, na nossa gravura, em grandes traços negros. Todos os entalhes devem ter, em largura, a espessura do cartão empregado. A largura dos montantes obliquos que designam as faces do copo, (n.ºs 1 e 2) da mesma forma dos anneis, será de 5^{mm}, o comprimento dos entalhes será, tanto para os anneis como para os montantes, a metade d'esta largura, ou seja 2^{mm}, $\frac{1}{2}$. Note-se que os entalhes do annél superior são feitos dentro, e todos os outros dos restantes anneis, fóra.

O circulosinho (n.º 5) e o circulo da base (n.º 6) tem mais um entalhe que vae obliquamente em relação ao raio, da circumferencia interior á exterior. Este não terá senão a espessura dada pelo traço feito com o canivete ou thesoura. Quando as peças estão traçadas, cortadas e entalhadas com o maior cuidado possivel, basta proceder á montagem. Reuna-se as peças 1 e 2 ás duas fendas verticaes penetrando bem uma na outra, depois abaixe-se uma na outra, em volta das fendas servindo de charneiras, de forma que faça coincidir os entalhes no meio e na base do pé. Introduza-se d'estas duas peças



(1 e 2) nas corôas 5 e 6, pelas fendas obliquas que estão ahí dispostas e reponha-se as peças uma em cima da outra. (As fendas obliquas a que os pés perpendiculares prendem são fechadas). Opere-se em seguida a montagem das corôas começando pela mais pequena e ter-se-ha assim o gracioso copo de que damos gravura.

Collocando-a no interior de um copinho de licór contendo agua, faz-se um *porte bouquet*. Se se colloca n'um circulo cheio a corôa vasia (n.º 4) obtem-se uma phosphoreira original. Póde-se, não só modificar as proporções que acabam de indicar-se, mas ainda substituir os anneis circulares por corôas ellipticas que darão taçasinhas muito elegantes.

OS ANNUNCIOS



PARA O



Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; $\frac{1}{2}$ pag. 4:000 rs.; $\frac{1}{4}$ de pag. 2:000 rs.; $\frac{1}{8}$ de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgão em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que póde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 4.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

FORMULARIO CIVEL

PARA
Escrivães dos juizes de direito, municipaes e de paz
POR

JOSÉ CASIMIRO DA COSTA QUINTELLA

220 formulas, em harmonia com o código do processo civil, lei do sello, tabela dos emolumentos, regulamentos da contribuição de registo, da decima de juros e da Caixa geral de depositos.

PREÇO 700 RÉIS

A' venda nas Livrarias e em casa do auctor, Largo de Misericórdia, Covilhã.

CASA DOS BORDADOS DE SILVA RODA & C.^ª

161, RUA AUGUSTA, 165

LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA

E
ATELIER DE ROUPAS BRANCAS

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinees, penteadores, saias bordadas, enxovas para noivas, collegias e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

Premiada em diversas exposições

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu

o record

do Mundo

Grande variedade de peças decora-
tivas executadas sob a direcção do
grande artista.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as
verdadeiras e apreciadas
FIGURAS DO PORTO
feitas pelo primeiro artista no genero.

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento
em tabacos nacionaes
e
estrangeiros

Grande variedade
em carteiras
para todos os preços

Venda de jornaes
e diversas publicações
nacionaes
e estrangeiras

Boquilhas, cigarreiras,
cachimbos,
charuteiras e outros artigos

Variada collecção
de numeros
para todas as loterias

Artigos de papelaria,
bilhetes de visita,
agua de Caneças e Cintra,
velas de stearina

Os senhores collecciona-
dores de sellos encontram
sempre n'esta casa um bom
fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —
JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de
todos os artigos do seu commercio por
PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

472, RUA DO OURO, 474

LISBOA

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCARIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA

Branco e Negro



MULHER D'AVINTES, desenho de Columbano

PREÇO 50 RÉIS

N.º 86

A' VENDA NA PROXIMA SEMANA

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume,

profusamente adornado de bellas e interessantes gravuras

CORAÇÃO

DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

Lourenço Cayolla

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis

A' VENDA NA

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

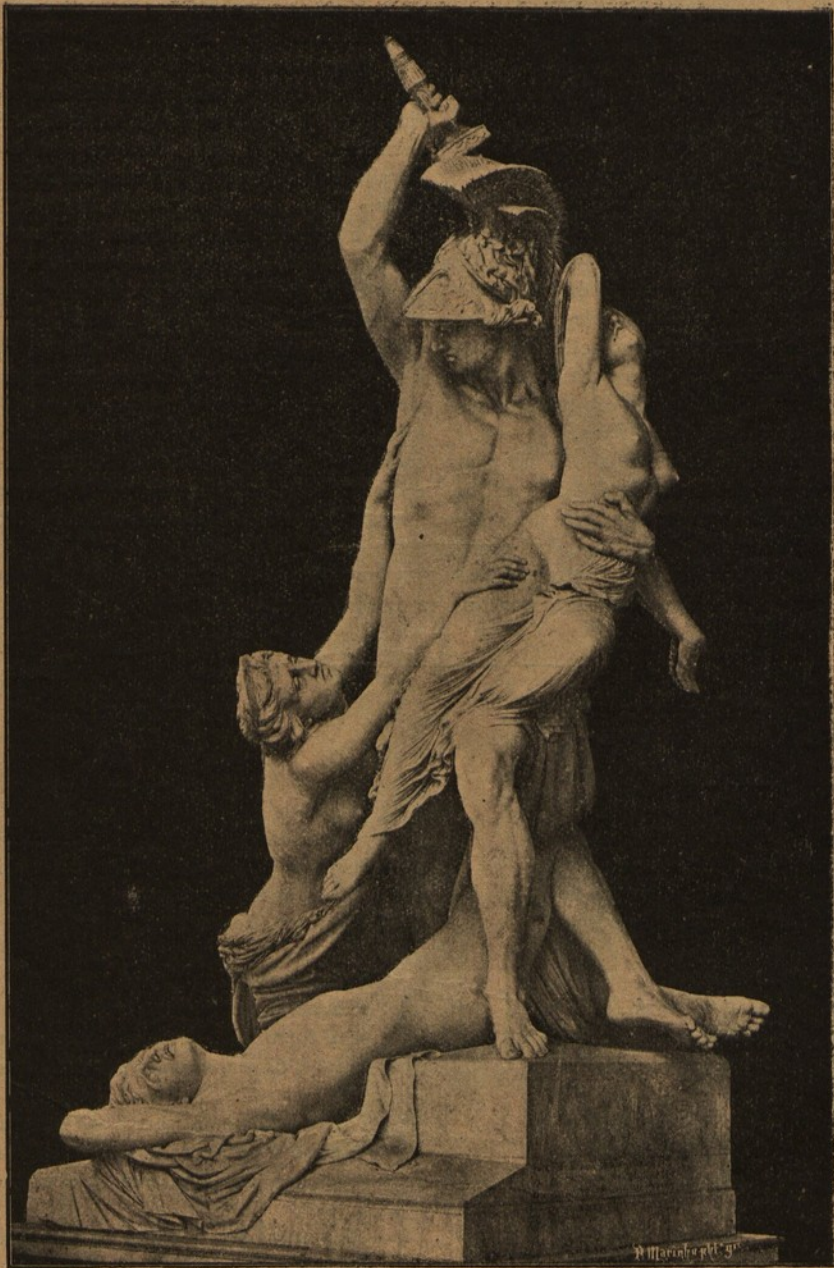
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 86

LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1897

2.º ANNO

O RAPTO DAS SABINAS



Notavel grupo em marmore (Museu do Vaticano)

UM HEROE



O *Branco e Negro* dá hoje o retrato de um verdadeiro heróe, o cabo Epiphanyo Lopes da Matta, que acaba de ser agraciado com o collar da Torre e Espada por mão do proprio commandante do seu regimento, o coronel Dantas Baracho, no dia em que desembarcou em Lisboa, de regresso da Africa.

Adeante transcrevemos a parte do relatório do commissario regio em Moçambique, Mousinho d'Albuquerque, que se refere ao acto de coragem e sangue frio praticado pelo cabo Epiphanyo. Parece uma lenda, aquelle heroico feito, — lenda vinda até nós atravez do nevoeiro do passado e feita para contar aos serões, na lareira, por uma

velha avó de cabellos todos brancos. E no entanto, o facto é de hontem ainda, muito proximo de nós; e o cabo Epiphanyo é simplesmente um rapaz, mas um rapaz a quem corre nas veias o generoso sangue da coragem e que bem merece da Patria, cujo predominio defendeu com tamanho denodo.

Segue o excerpto do relatório de Mousinho :

«Proponho que seja agraciado com o grau de cavalleiro da ordem da Torre e Espada o primeiro cabo n.º 60/2752 da 1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme I, porque, como relata o commandante da mesma companhia e eu tive occasião de presenciar, «estava de vedeta em frente da face esquerda do quadrado de Ibrahim, quando foi atacado mais de uma vez por fogo partindo do matto. Respondeu com fogo auxiliado pelo primeiro cabo n.º 89, não desanimou apesar do cavallo em que montava cair ferido por duas balas, continuando a bater-se a pé até que os segundos sargentos Macieira, Bunheirão e Almeida os soccorreram, retirando para o quadrado com o cavallo á mão, quando entrou em fogo a força ali mandada.»

Se houvesse sido praticado por um official não era esta uma acção que lhe devesse trazer tão grande recompensa, porque, no meu entender, para um official ser tão premiado não bastam a coragem e persistencia no cumprimento de um dever. N'uma praça de pret de tão inferior graduação este facto, porém, é tanto mais louvavel, quanto o cabo n.º 60/2752 quando viu que o cavallo fôra ferido, mandou o seu camarada de vedeta, primeiro cabo n.º 89/2755, ao bivaque prevenir do apparecimento do inimigo, e tendo-lhe este ferido novamente o cavallo, apeou-se, continuando a responder ao fogo sem nunca abandonar a sua montada.

Uma praça que assim procede faz honra ao regimento a que pertence.»

DESOBRIGA

Os meus peccados, Anjo! os meus peccados!
Contar-t'os? Para que, se não tem fim...
Sou santo ao pé dos outros desg.açados.
Mas tu és mais que santa ao pé de mim!

A ti accendo cirios perfumados,
Faço novenas, queimo-te alecrim,
Quando soffro, me vejo com cuidados...
Nas tuas rezas, lembra-te de mim!

Que eu seja puro d'alma e pensamento!
E que em dia do grande julgamento,
Minhas culpas não sejam de maior:

Pois tenho, que o ceu aponta e marca,
Um processo a correr n'essa comarca,
Cujo delegado é Nosso Senhor...

PAZ!

E a Vida foi, e é assim, não melhora,
Esforço inutil, crê! Tudo é illusão...
Quantos não scismam n'isso a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!

Mas a Arte, o Lar, um filho, Antonio? Embora!
Chimeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do «além» e quem lá móra!
Isso é, talvez, minha unica afflicção...

Toda a dôr pôde supportar se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz ..

Mas uma não: é a dôr do pensamento!
Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha além da morte e que se chama A Paz!

ANTONIO NOBRE.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O FRAGATEIRO, aguarella de Roque Gameiro

UMA PAIXÃO



I

UGENIA Demoustier tinha enviado havia já dois annos. Vivia mergulhada na dôr e a sua melancholia parecia não poder dissipar-se. Nunca mais frequentára os salões onde a sua falta era muito sentida, e recolhera-se a um isolamento absoluto.

Tinha-se feito em volta d'ella uma lenda romantica que ella fazia por manter, porque na sua dôr havia, effectivamente, alguma coisa de tragico. Ninguem pensava que um dia pudesse ter fim.

Renunciára a todos os prazeres da sociedade; não frequentava theatros nem festas, onde se fosse para rir.

— Porque não entra n'um convento? tinha-lhe perguntado um dia uma amiga, em ar de doce censura por aquelle enclausuramento tão prolongado.

— Já pensei muito n'isso! respondeu ella.

— Seriamente?

— Muito seriamente.

— Então tem algum grande peccado de que penitenciar se, Emilia?

— Quem sabe!

E deu um profundo suspiro.

Tinha-se entregado muito á devoção. Uma vez por semana mandava dizer uma missa em Santo Agostinho; sahia de lá com os olhos vermelhos de chorar e o coração cheio de soluços. Todos os dias ia ao cemiterio de Montmartre, com grandes ramos de flores.

Os guardas, que já a conheciam de vista, cumprimentavam-a respeitosa e respeitosamente.

— E' singular, diziam elles, esta teimosia na dôr! Ordinariamente, ainda os mais desolados, começam a espaciar as visitas passados tres mezes... Mas esta é todos os dias!

Alli ficava horas e horas, ajoelhada sobre um tumulo, até dar a hora da sahida.

O guarda do cemiterio acercava-se muitas vezes d'ella e dava-lhe bons conselhos para a cultura das flores e sobre o modo de as conservar melhor.

— Está de luto por alguma filha, irmã, ou marido? perguntou-lhe elle um dia com delicada curiosidade.

— Por marido! tinha respondido Emilia Demoustier com grande dignidade.

Orgulhava-se ao mesmo tempo em andar immersa em tão profunda dôr. João Meillau tinha morrido; e o juramento feito á sua memoria, cumpria-o religiosamente...

II

Oh! que morte horrivel a de João. Tinha-a sempre presente ao espirito, quando lh'a contára um indifferente, dando-lhe essa noticia com um ar distrahido. Via, na allucinação da phantasia, o pobre rapaz, bello e pallido, com

a testa furada por uma bala de revólver, jazendo no seu leito, nadando n'um mar de sangue.

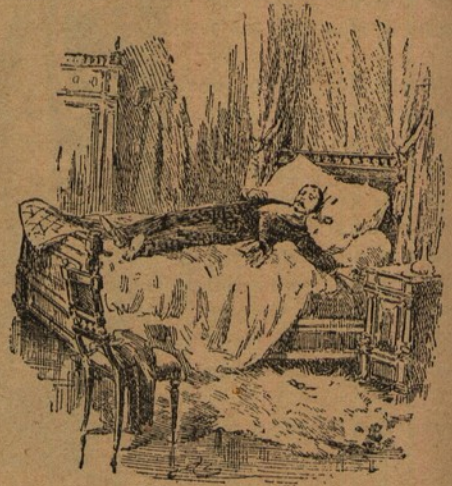
O revólver tinha-lhe cahido da mão e jazia sobre a macia pelle de urso que lhe servia de tapete.

E ainda na vespera o tinha deixado cheio de saude, de vida, de força, de mocidade. Como se recordava de tudo!

Elle tinha-a acompanhado á sahida do theatro e supplicára-lhe que o não desprezasse porque havia tantos mezes, dizia, que a adorava!

Porque lhe tinha recusado aquella satisfação? Porque cruel galanteria se tinha mostrado tão dura com elle, apesar de sentir no fundo do coração o desejo de o amar? As suas palavras duras e severas mentiam-lhe ao pensamento! Como o achava bello e seductor quando elle lhe beijava apaixonadamente a mão! Porque não lhe tinha dito então uma phrase terna?

— Quer então que eu morra? tinha-lhe dito João.



O revólver tinha-lhe cahido.

E havia n'aquella phrase alguma coisa de despeito; nada de dramatico na inflexão da sua voz.

E no emtanto, na manhã seguinte, João Meillau suicidava-se e ella ficára a'errada quando lhe deram a noticia da sua morte, de que se sentia responsavel.

O infeliz rapaz amava-a pois mais do que ella pensava, para ter dado cabo da vida.

Oh! o querido e adorado morto, o heroe, o martyr, como o tornava a vêr nas longas horas solitarias da sua nova vida, nas suas vigalias, no seu somno agitado!

— Viuva! sim, a tua viuva! repetiu ella a si mesma. Eu não sou senão a tua viuva, nunca mais conhecerei outro homem no mundo, nunca poderei consolar me.

Tinha abandonado tudo, lealmente, sem restricções. Nenhum sacrificio se lhe tinha tornado doloroso; parecia-lhe acalmar os remorsos, n'aquella prova contínua de heroismo, e n'este heroismo sentia um grande orgulho.

III

Passaram se alguns mezes sobre aquelles dois annos de luto rigorosamente cumprido.

N'uma manhã das suas peregrinações ao cemiterio, fi-

cou surpreendida de vêr um homem parado junto do tumulo de João, em attitude recolhida, com o cha, éu na mão.

Ficou um pouco ciumenta.

Que faria alli aquelle homem junto do tumulo do seu adorado ?

Approximando-se, reconheceu um amigo d'outros tempos, o pintor Desiderio Massy, que tinha sido intimo de João.

Elle mostrou alguma surpresa reconhecendo-a



Ah! o miseravel!

— O que ! Ainda aqui e já lá vão mais de dois annos ! E' raro ser-se assim chorado.

Ella fez um gesto cuja significação Massy não comprehendeu.

— Pobre João ! disse elle. Que fim tão absurdo !

Ella teve uma palavra de protesto.

Triste, doloroso o fim de João, oh ! sim... Mas absurdo !...

O pintor continuou :

— Eu estava no Oriente quando soube da morte do pobre rapaz. Voltei ha poucos dias, e a minha primeira visita é para elle. Quem o teria pensado !

— Quem o teria pensado ! repetiu Emilia tristemente.

— Devia-lhe esta visita. As suas ultimas linhas foram para mim, traçou-as poucos minutos antes de se matar.

Emilia sentiu-se um pouco despeitada com a preferencia.

Visto João ter-se matado por ella, podia bem ter-lhe escripto um adeus supremo.

— Não sei porque elle se matou, continuou o pintor. A situação não era assim tão desesperada.

— Oh ! não, não era tão desesperada ! exclamou Emilia, com um novo accesso de remorsos...

— Tinha amigos ! Ter-nos-hiamos feito em postas para o salvar.

— Sim, sim... isso é verdade ! ajuntou Emilia, que exergava n'aquellas palavras uma transparente allusão.

Desiderio tinha tirado a carta do bolso, e Emilia tremia reconhecendo a lettra d'aquelle que chorava havia dois annos. Pegou na carta com mão tremula, mas depois de a ter lido amarrotou-a com raiva.

— Ah ! o miseravel ! exclamou ella, enquanto Desiderio a guardava outra vez.

A carta era assim, concebida :

«Meu caro

Faço-te os meus adeuses. Vou-me assim tão estupidamente, eu que tanto amava a vida !

Eis a minha aventura. Esta noite joguei desesperadamente. Perdi uma tal quantia que não tenho por onde pagar. Não podendo pagar em dinheiro um compromisso de honra, pago o com a minha pelle !

E tudo isto por um jogo estúpido, que comecei com paixão e que acabei por teimosia.

Adeus.

Teu amigo

JOÃO MEILLAU.»

Emilia, depois da explosão de colera, tinha ficado aniquilada.

— Nem uma palavra para mim !... Caçoava commigo, o miseravel ! E eu inconsolavel com a sua morte, não vendo n'elle senão um heroe do sentimento, um apaixonado de romance.

Atirou violentamente ao chão as flôres que levava.

— Ah ! o intrujão ! exclamou n'um arranço de raiva não contida. E dizer que ha mais de dois annos que não goso os prazeres da vida por um patife d'esta natureza.

(Trad.)

BOB.

FILHA DE SLAVOS

... E séria, e grave, côm as alocradas, paragua negro á mão pequena e fina, vaga o pallor das neves condensadas na carne em flor, onde a volupia trina.

Filha de slavos, filha das geladas terras do sinuoso e glacial Dwina, tem nas faces papoulas amassadas, lascas de opala á bocca purpurina.

No olhar a morbidez langue da insomnia, o intenso azul das aguas do Livonia largo, soberbo, indomito, agitado.

... E séria, e grave, e bella, e forasteira, segue de Odessa pela terra inteira a trajectoria rubra do Peccado.

Pará.

THEODORO RODRIGUES.

Na poesia "O MELRO,, de Guerra Junqueiro



Era negro, vibrante, luzidio,
madrugador, jovial;

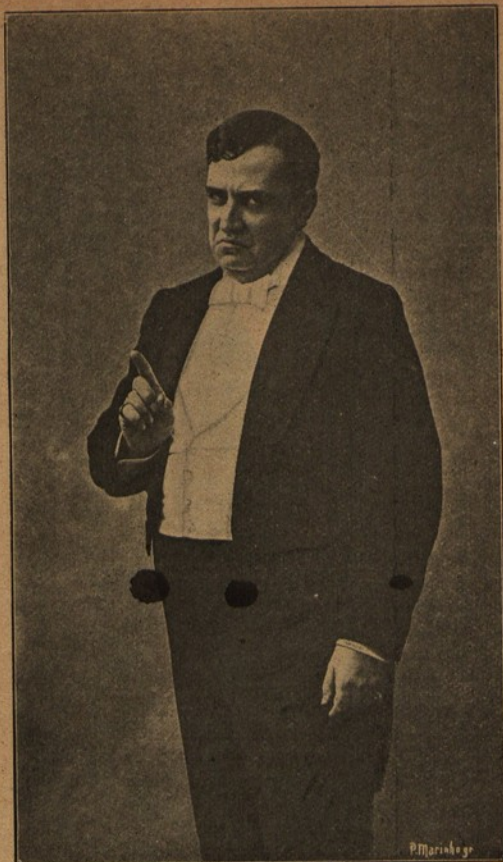


**O melro d'entre a horta
Dizia-lhe: «Bons dias!»**

«O melro, eu conheci o :
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador jovial ;
Logo de manhã cedo
Começava a soltar d'entre o arvoredado
Verdadeiras risadas de cristal.
E assim que o padre cura abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
**O melro d'entre a horta
Dizia-lhe: «Bons dias!»**
E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortezias.

O cura era um velhote conservado,
Malicioso, alegre, prasenteiro ;
Não tinha pombas brancas no telhado,
Nem rosas no canteiro :
Andava ás lebres pelo monte, a pé,
Livre de rheumatismo,
Graças a Deus, e graças a Noé.
O melro despresava os exorcismos
Que o padre lhe dizia ;
Cantava, assobiava alegremente ;
Até que ultimamente
O velho disse um dia :

«Nada, já não tem geito ! este ladrão
Dá cabo dos trigaes !
Qual seria a rasão
Porque Deus fez os melros e os pardaes?!»



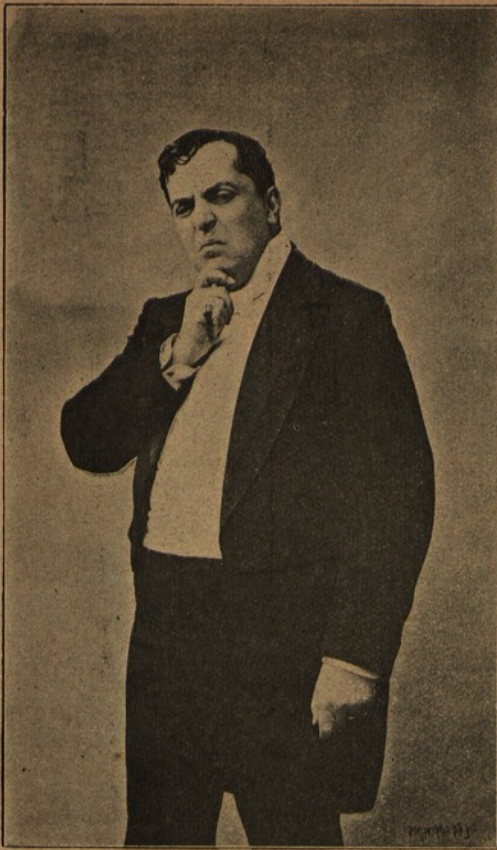
**E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortezias**

E o melro no entretanto,
Honesto como um santo,
Mal vinha no oriente
A madrugada clara
Já elle andava jovial, inquieto,
Comendo alegremente, honradamente,
Todos os parasitas da seara
Desde a formiga ao mais pequeno insecto.
E apesar d'isto o rude proletario,
O bom trabalhador,
Nunca exigiu augmento de salario.

Que grande tolo o padre confessor !

Foi para a eira o trigo ;
E armando uns espantalhos
Disse o abbade consigo :
«Acabaram-se as penas e os trabalhos.»
Mas logo de manhã, maldito espanto !
O abbade, inda na cama,
Ouviu do melro o costumado canto ;
Ficou ardendo em chamma ;
Pega na caçadeira,
Levanta-se d'um salto,
E vê o melro a assobiar na eira
Em cima do seu velho chapéu alto !

Chegou a coisa a termo
Que o bom do padre cura andava enfermo,
Não falava nem ria,
Minado por tão intimo desgosto ;



**Qual seria a razão
Porque Deus fez os melros e os pardaes ?**

E o vermelho oleoso do seu rosto
Tornava-se amarello dia a dia.
E foi tal a paixão, a desventura,
(Muito embora o leitor não me acredite)
Que o bom do padre cura
Perdera... o appetite!

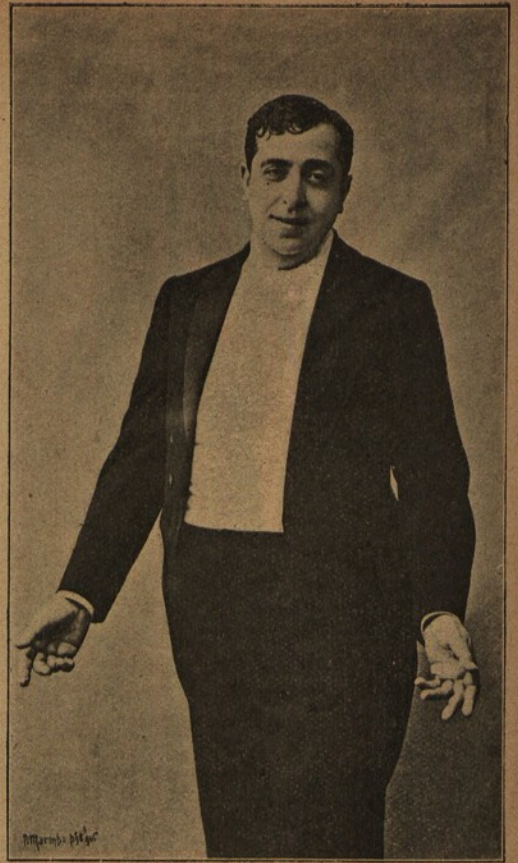
*
* *

Andando no quintal um certo dia
Lendo em voz alta o *Velho Testamento*
Enxergou por acaso (que alegria!
Que ditoso momento!)
Um ninho com seis melros escondido
Entre uma carvalheira.

E ao vel-os exclamou enfurecido :

«A mãe comeu o fructo prohibido ;
Esse fructo era a minha sementeira :
Era o pão, e era milho ;
Transmittiu-se o peccado.
E, se a mãe não pagou, que pague o filho.
E' doutrina da Igreja. Estou vingado !»

E engaiolando os pobres passaritos
Soltava exclamações :
«E' uma praga. Malditos !
Dão-me cabo de tudo estes ladrões !



Nunca exigiu augmento de salario

Raios os partam ! andai lá que emfim...»

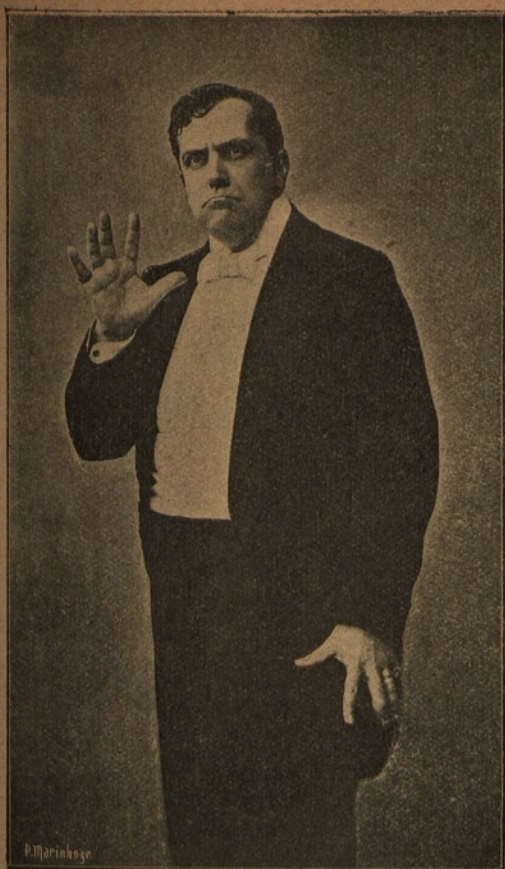
E deixando a gaiola pendurada
Continuou a ler o seu latim
Fungando uma pitada.

*
* *

Vinha tombando a noite silenciosa ;
E caia por sobre a natureza
Uma serena paz religiosa,
Uma bella tristesa
Harmonica, viril, indefinida.
A luz crepuscular
Infiltra-nos na alma dolorida
Um mysticismo heroico e salutar.
As arvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longiquos, solitarios,
Tinham tomado as fórmas rendilhadas
Das plantas dos herbarios.

Recolhiam-se a casa os lavradores.
Dormiam virginaes as coisas mansas :
Os rebanhos e as flores,
As aves e as creanças.

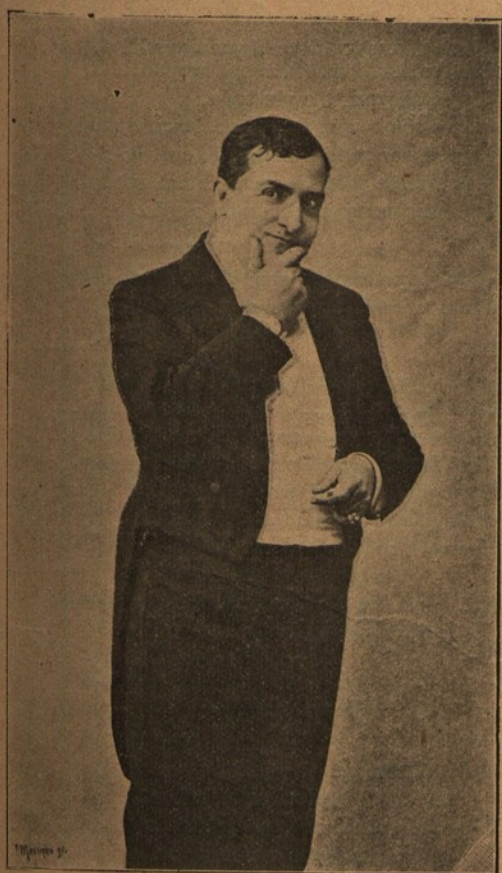
Ia subindo a escada o velho abbade ;
A sua negra, athletica figura
Destacava na frouxa claridade,
Como uma nodoa escura.



E ao vê os exclamou enfurecido



Fungando uma pitada



Guisados com arroz são excelentes!



Uma penugem doce como arminho



Chegou lá e viu tudo

E introduzindo a chave no portal
Murmurou entre dentes :

«Tal e qual... tal e qual!...
Guisados com arroz são excellentes.»

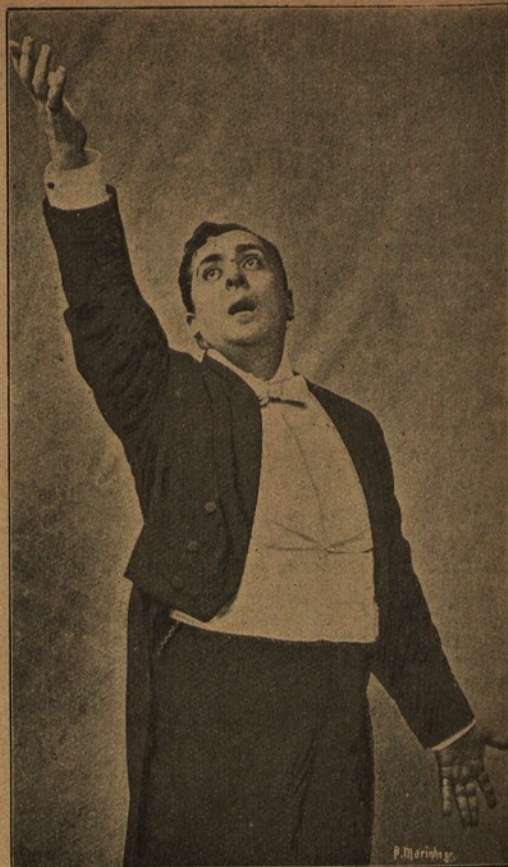
*
* * *

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos
Tinham o brilho meigo, avelludado
Do sorriso dos martyres, dos justos.
Um effluvio dormente e perfumado
Embebedava as seivas luxuriantes.
Todas as forças vivas da materia
Murmuravam dialogos gigantes
Pela amplidão etherea.
São precisos silencios virginaes,

Disposições sympathicas, nervosas,
Para ouvir estas falas silenciosas
Dos mudos vegetaes.
As orvalhadas, frescas espessuras
Presentiam-se quasi a germinar.
Desmaiavam-se as candidas verduras
Nos Magnetismos brancos do luar.

*
* * *

E n'isto o melro foi direito ao ninho.
Para o agasalhar andou buscando



**«Clamou :
«Senhor ! Senhor !**

Umás penugens doces, como arminho,
Um feltrosito assetinado e brando.

Chegou lá e viu tudo.
Partiu como uma frecha ; e louco e mudo
Correu por todo o matagal ; em vão !
Mas eis que solta de repente um grito
Indo encontrar os filhos na prisão.

«Quem vos metteu aqui ?!» O mais velhito
Todo tremente, murmurou então :

«Foi aquelle homem negro. — Quando veio.
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...
Ai que susto, que susto ! Elle é tão feio !...
Tive-lhe tanto medo !... Abre esta porta,
E esconde-nos debaixo da tua aza !
Olha, já vão florindo as assucenas ;
Vamos a construir a nossa casa
N'um bonito logar...
Ai ! quem me dera, minha mãe, ter pennas
Para vôar, vôar !»

E o melro hallucinado

Clamou :
«Senhor ! Senhor !
E' porventura crime ou é peccado
Que eu tenha muito amor
A estes innocentes ? !
O' natureza, ó Deus, como consentes



Covardes!

Que me roubem assim os meus filhinhos,
Os filhos que eu criei!
Quanta dôr, quanto amor, quantos carinhos,
Quanta noite perdida
Nem eu sei...

E tudo, tudo em vão!
Filhos da minha vida!
Filhos do coração!!...

Não bastaria a natureza inteira,
Não bastaria o céu para voardes,
E prendem-vos assim d'esta maneira!...

Covardes!

A luz, a luz, o movimento insano
Eis o aguilhão, a fé que nos abraza...

Encarcerar a aza

E' encarcerar o pensamento humano.

A culpa tive-a eu! quasi á noitinha
Parti, deixei-os sós...

A culpa tive-a eu, a culpa é minha,
De mais ninguém!... Que atroz!
E eu devia saber o!

Eu tinha obrigação de adivinhar...
Remorso eterno! eterno pesadello!

.....
Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera
Ser abutre ou ser féra

Para partir o carcere maldicto!...
E como a noite é limpida e formosa!

Nem um ai, nem um grito ..

Que noite triste! oh noite silenciosa!...»



**Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do Calvario**

*
* * *

E a natureza fresca, omnipotente,
Sorria castamente
Com o sorriso alegre dos heroes.
Nas sebes orvalhadas,
Entre folhas luzentes como espadas,
Cantavam rouxinoes.

Os vegetaes felizes

Mergulhavam as soffregas raizes
A procurar na terra as seivas boas,
Com a avidez e as raivas tenebrosas
Das pequeninas féras vigorosas
Sugando á noite os peitos das leôas.

A lua triste, a lua merencorea,
Desdemonna marmorea,
Rolava pelo azul da immensidade,
Immersa n'uma luz serena e fria,
Branca como a harmonia,
Pura como a verdade.

E entre a luz do luar e os sons e as flores,
Na atonia cruel das grandes dores,

O melro solitario

Jazia inerte, exanime, sereno,
Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do calvario!

.....
.....
.....

OS PARLAMENTOS DO MUNDO

VI

HESPAÑHA

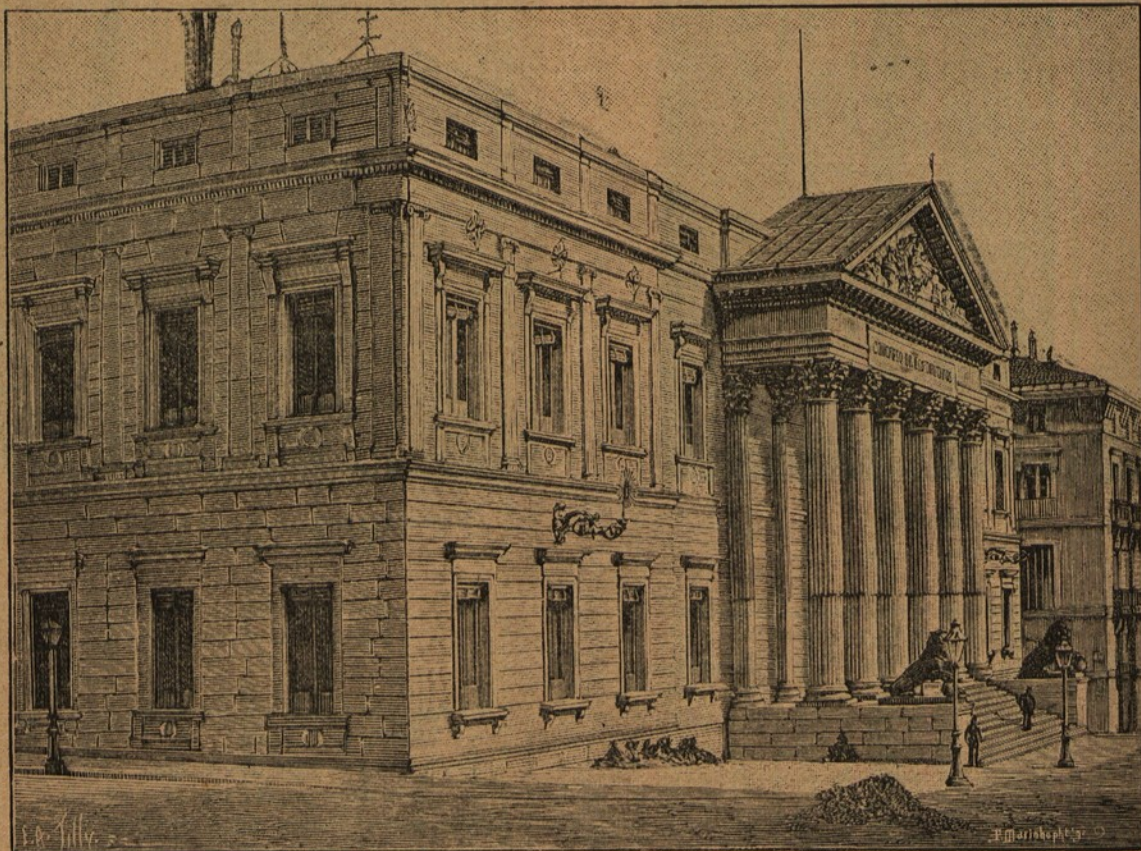
A Hespanha teve muitas constituições antes de estabelecer a que tem actualmente

Hoje, a lei por que se regem as eleições de deputados foi sancionada em 26 de junho de 1890, e é a que restabelece o suffragio universal.

Para se ser eleito deputado é preciso ser hespanhol, maior de vinte e cinco annos e gozar de todos os direi-

nomeados e admittidos na camara, representam individual e collectivamente a nação: elege-se um deputado por 50.000 habitantes.

Nos districtos em que tem de eleger se um deputado, cada eleitor não póde dar validamente o seu voto senão a uma só pessoa; quando se eleja de um até quatro terá direito a votar em um menos dos que teem de eleger-se,



O PALACIO DA CAMARA DOS DEPUTADOS EM MADRID

tos civis. Entre as varias causas de incapacidade ha a que comprehende os que desempenham ou tenham desempenhado um anno antes no districto ou circulo em que a eleição se verifique, qualquer emprego, cargo ou commissão de nomeação do governo, ou exercido auctoridade de eleição popular.

O cargo de deputado ás côrtes é gratuito e voluntario, e póde-se renunciar antes ou depois de se ter prestado juramento.

As classes e individuos do exercito que vivam em terra ou na armada não podem emittir o seu voto enquanto estejam nas fileiras.

Não pódem ser eleitos os condemnados ás penas de inhabilitação perpetua, sem que sejam indultados, não voltando rehabilitação senão por meio de uma lei: os devedores á fazenda, os asylados e os que teem licença para implorar a caridade publica.

Para exercer o direito de eleger deputado ás côrtes, é indispensavel estar inscripto no censo eleitoral, que é o registro d'onde constam o nome e os appellidos dos eleitores, e que só se póde modificar em virtude da revisão annual que a vigente lei do suffragio estabelece.

Os deputados são eleitos directamente pelos eleitores dos districtos e dos collegios especiaes; mas depois de

a dois menos se se elegerem mais de quatro, e a tres menos se se elegerem mais de oito.

A lei do suffragio universal não se tornou extensiva ás ilhas de Cuba e Puerto Rico, onde para se ser eleitor se exige, além das condições indicadas, o pagamento de 125 pesetas annuaes de contribuição territorial ou de subsidio industrial, ou estar na posse de certos titulos ou empregos.

As ilhas Fillipinas não teem representação nas Côrtes hespanholas.

A camara compõe-se de 431 deputados, eleitos por cinco annos.

*

O Senado (Camara dos Pares) consta de 360 individuos, a saber: 180 senadores por direito hereditario e vitalicio, nomeados pelo rei, e 180 eleitos pelo clero, sociedades scientificas e economicas, universidades, camaras provinciaes, etc.

São *senadores por direito hereditario* os filhos do rei e do immediato successor da corôa quando chegam á sua maioridade; os grandes de Hespanha que não forem subditos de uma potencia estrangeira e disfructem de um rendimento annual de 60.000 pesetas, procedente de

bens immoveis; os capitães generaes do exercito e o almirante da esquadra; o patriarcha das Indias, os arcebispos e os presidentes do Conselho de Estado, do Tribunal de Contas, do Conselho supremo de Guerra e da Armada depois de dois annos de exercicio

*

Cada uma das camaras toma, com o rei, a iniciativa das leis; mas as que se referem ás contribuições e ao credito publico apresentam-se logo ás camaras dos deputados.

Nenhuma das camaras pôde reunir-se sem a outra, excepto no caso em que o Senado exerça as attribuições judicias: as duas assembleias não pôdem deliberar em commum nem na presenca do rei.

As sessões são publicas, mas as camaras podem reunir-se secretamente, quando seja preciso.

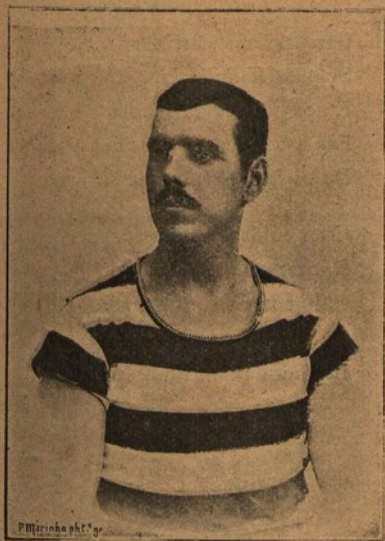
As Côrtes teem o direito de intervir nas despezas do Estado, votam o orçamento e fixam todos os annos, por proposta do rei, as forças militares permanentes de terra e mar.

*

O Palacio das Côrtes é no antigo convento do Espirito Santo, que ficou restaurado em 1850: fórma um octogno de 3,561 metros quadrados.

O Senado está installado n'um edificio separado, na casa que foi do collegio de D. Maria de Aragão e esteve destinado a casa de Agostinhos descalços, que se installaram n'elle em 1590

ANTONIO MONTEIRO



cam a rebate, pois é tambem um bombeiro muito distincto, bastariam dois factos da sua vida para o collocar entre aquelles corajosos e benemeritos individuos que fazem agitar a formosa praia da Figueira n'uma unisona e vibrante manifestação de enthusiasmo e de sympathia.

Queremos referir-nos aos seus dois actos de coragem, que conservaram a vida a José Galves Junior, subdito hespanhol, e a João Romão, antigo empregado na agencia da companhia de machinas *Singer* de Coimbra.

Este ultimo individuo, estando em setembro de 1895 na praia da Figueira, aventurou-se a nadar tanto ao largo que perdeu totalmente as forças quando desejou voltar á praia.

O Antonio Monteiro, que andava perto, atirou a sua cinta ao individuo prestes a afogar-se e conseguiu com muito custo, por a maré vasar, trazel-o a reboque até á praia.

Este acto de coragem foi devidamente premiado pela nossa excelsa Rainha D. Amelia, então Regente na ausencia de seu Augusto Esposo, pois esta tão formosa quão bondosa soberana houve por bem agraciar Antonio Monteiro com a medalha de prata.

Muito folgamos de dar aos nossos leitores o retrato d'este excellente rapaz, e honrado filho do povo, cuja força e abnegação tanto contrasta com os egoistas que por ahi campeiam, fazendo alarde de merecimento que não possuem.

Apraz-nos tambem dizer que o retratado é o primeiro nadador da Figueira e que todas ás vezes que entra no mar é seguido pelos olhares de quantos ouvem falar no seu merito e se enchem de enthusiasmo vendo-o, lá ao largo, em luca com as ondas furiosas.

Figueira, 25—9—97.

A. J. VALLE E SOUSA.

TENDO sempre em vista fazer desfilar pelas paginas do nosso semanario todas as individualidades que se salientem pelo caracter ou pela intelligencia, offerecemos hoje aos nossos leitores o retrato d'um sympathico e modesto rapaz da Figueira que mais d'uma vez tem evidenciado o seu valor, denodo e abnegação pelo seu semelhante, libertando das ondas furiosas os pobres naufragos, que o acaso alli precipita.

Se Antonio Monteiro não honvesse dado já provas da sua coragem todas as vezes que as torres da cidade to-

MON CŒUR

(INEDITO)

A minha vida é um deserto. A Magua
tem sido sempre a minha companheira...
E nem a sombra amiga da palmeira!
E nem sequer a triste gota d'agua!

Da areia d'oiro a scintillante esteira
reluz sob os meus pés E eu vou e esmago-a...
Mas como a Dôr, constantemente, trago-a
a acompanhar a minha vida inteira.

Debalde eu ergo as mãos supplicante;
debalde eu peço n'uma voz tremente
a doce briza ás regiões distantes.

Cada vez o deserto é mais ardente...
E no silencio das noites suffocantes
ruge uma fera, ameaçadoramente.

UM DESASTRE NA ESTRADA



1

Pela estrada, ao vir da escola,
Vem de petizes um troço
Vão cançados que a sacola
Lhes peza mais que quartola
A's costas de fraco moço.

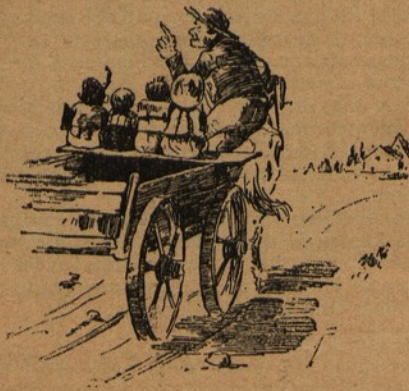
Segue a mesma direcção
Trauteando uma cantiga
Um visinho, o Scipião,
Que já leva mais de um grão
Dos que Baccho faz espiga.



2

Faz passar a carriola
Scipião *Ki-ki ri-ki*,
E aos petizes da sacola
Faz a bemfazeja esmola
De os içar p'r'o pé de si.

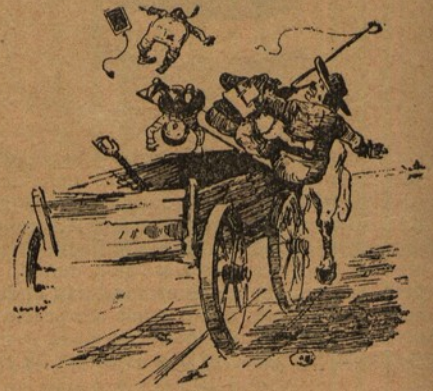
Com cuidados maternas,
E meiguices d'uma avó
Collocou os seus eguaes
Mais pequenos que pardaes
Perdidos n'um ninho só.



3

Eis os quatro bem sentados
Rindo muito da aventura,
Muito bem refestelados,
Como em coxins estofados
Sobre aquella taboa dura

— Meninos, diz Scipião
Com os seus mais doces risinhos :
— Já tenho as redeas na mão !
O carro dá safanão...
Tento na bola e... quietinhos !



4

E estendendo o dedo ossudo
Sobre a petizada louca,
Com um gesto largo e mudo
Faz calar *aquillo* tudo
... Pois toda a cautella é pouca !...

E deu-se então de repente
Aquella negra aventura,
O terrivel accidente
Que ainda faz tremer a gente...
Como vêem da gravura !...

SYLVIO.



NAUTICA

Por nos parecer bastante curiosa damos hoje a relação de todos os barcos de vela registados no Real Club Naval de Lisboa, agremiação que hoje se acha muito desenvolvida e que maior numero de yachts conta nos seus registos :

Palhabotes : *Lia*, de S. M. El-Rei. — *Nautilus*, de S. A. o Principe Real.

Bombarda : *Mina*, de H. F. Moser.

Yawl : *Tagide*, de Antonio Borges de Medeiros. — *Alvôr*, de Carlos Avellar. — *Alice*, de Fernando Anjos.

Cutters : *Halcyon*, de Emile Carp. — *Sant Elmo*, de

Gabriel d'Almeida Santos, — *Estrella*, de Carlos Luz. — *Irene*, de Carlos de Carvalho. — *Maries*, de H. Bucknall. — *Bonita*, de H. Bucknall. — *Othello*, de E. Romero. — *Carina*, de D. José Caro. — *Bohème*, de D. Vasco Belmonte. — *Maria Luisa*, de F. Mascarenhas. — *Clara*, de A. Dugos. — *Johanne*, de M. Cruyff. — *Desdemona*, de Ignacio Franco. — *Fly*, de George d'Almeida.

Yacht a vapor : *Irene e Raul*, de Carlos de Carvalho.

Cahique : *Luciana*, de Henrique Rollin,

Canôas : *Aquila*, de J. Cabral. — *Atula*, de João Carraça.

— *Adèle*, de A. Moniz. — *Aguia*, de Manuel Figueira.

— *Arminda*, de J. Passos. — *Ave*, de Carlos Pinto Coelho.

— *Algir*, de Othello Figueiredo. — *Bilontra*, de A.

Vellez Caldeira. — *Elvira*, de José Gomes. — *Emma*,

de Leopoldo Diniz. — *Fúria*, de João C. Pereira. —

Cysne, de George Norton. — *Guerrita*, de Manuel Figueira.

— *Saphira*, de Alfredo Baptista, *Lyna*, de Joaquim Magão.

— *Vae*, de Alfredo Pereira. — *Nini*, de Antonio José Sampaio.

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O PRESENTE DA MAMÁ SINHA

Luciano achou que a mamásinha teve uma excelente ideia em lhe fazer tal presente. Nunca teve brinquedo de que gostasse tanto. Não podia separar-se d'elle um instante. Elle abre-o, fecha-o : é um prazer sempre novo. Faz d'elle uma barraca, uma caverna de ladrões, para brincar com o seu irmão Henrique. Antes de hontem era um palacio, hontem a casa de Robinson.

Mas o que era esse brinquedo ? Era um velho guarda-chuva, esburacado, rasgado, cujo cabo estava cheio de fendas e as varetas deslocadas.

Porém Luciano nunca deu attenção ao cabo, não o desejou mais bonito ; quanto aos rasgões tornaram-se muito commodos para janellas por onde elle olhava, quando estava em casa. Não, um guarda-chuva novo não faria, como este, a felicidade de Luciano.

Este guarda-chuva servia para tudo excepto para o que serve ordinariamente. Nunca, desde que Luciano teve a felicidade de o ter em seu poder, cahiu a mais pequena gotta d'agua.

Por conseguinte nunca Luciano teve occasião d'utilisar-se d'elle para se preservar da chuva.

Houve, no emtanto, um dia em que o ceu se tornou negro como carvão : o vento soprava *hu ! hu !* nas arvores e a chuva batia nos vidros *clic, clic, clic*. Era uma verdadeira tempestade. Luciano soltou um grito de alegria, e pegou no guarda-chuva.

— Não saias com este vento ! — disse-lhe a mãe.

Luciano tinha tal empenho em abrigar-se, como um homem, no seu guarda-chuva, que fingiu não ter ouvido. Apenas chegou ao pateo, o vento engolfava-se no chapéu, tornado pesado para as mãosinhas de Luciano.

Com que força o sr. Vento se mettia por elle !

Luciano agarrou-se com todas as forças, ao cabo. Todavia o vento é mais forte. De repente o guarda-chuva volta-se, levado não sei para onde. Luciano nunca mais tornou a ver o seu bom guarda-chuva.

Terminavam assim as partes da brincadeira do guarda-chuva, casa, palacio, barraca ou caverna de ladrões. Mas para que desobedeceu Luciano á mamã ? !

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

UM CAÇADOR... CAÇADO



COISAS ALEGRES

C. A. envia-nos, de Ponta Delgada, os seguintes casos:

N'esta cidade, residia um cavalheiro, neto de puros inglezes pela filiação e pela naturalidade, mas cujo pae já nascera em Portugal, assim como elle proprio. Estas circumstancias, comtudo, não obstavam a que elle nas conversações dissesse a cada passo, «*nós os inglezes...*»

Um amigo notou-lhe uma vez:

— Isso é uma mania tua, de queres ser inglez. Tu és tanto inglez como eu.

— Ora essa!! Então eu ser tão inglez como tu?!

— Pois que duvida. Portuguez é que tu és. Tu e já tambem teu pae não nasceram em Portugal?

— Oh! Estar bem arranjado esse argumento! Então se eu tivesse nascido n'uma cavallariça era cavallo?

*

Um cavalheiro estranho a esta cidade, andou ha tempo visitando os pontos mais notaveis e curiosos, acompanhado d'um seu amigo com residencia effectiva aqui. Foram ao cemiterio.

O forasteiro ia fazendo as suas observações, quando pergunta ao seu cicerone:

— Aqui ha alguma divisão especial para os livres pensadores?

— Houve, supponho que para se cumprir a portaria do Sampaio. Comtudo o povo d'aqui tem reagido, como em toda a parte. contra essas distincções, e isso hoje é letra morta. Na divisão d'este cemiterio ha sepultado apenas, que eu saiba, um francez, que era n'esta cidade professor da sua lingua, e nunca quiz padres nem egreja.

— E tem tumulo?

— Dizem que lhe collocaram um ha pouco tempo. Ainda não o vi.

— Vamos vê-lo.

Pelas indicações d'um empregado do cemiterio lá foram ter, para ver o quê? O tumulo do livre pensador, do renegado da egreja, encimado... por uma cruz!!

Sensação entre triste e comica.

— Ora aqui está, diz o visitante, um modo facil e comodo de converter infieis. E' esperar que elles morram.

— E esteve este achado tantos seculos por descobrir, accrescentou o companheiro!

*

Estava-se nas vespuras do centenario do Marquez de Pombal. Approximava-se o dia 8 de maio de 1882, dia em que completava um seculo, que tinha deixado d'existir o grande reformador.

A comissão promotora dos festejos dirige-se ao general, governador militar do archipelago (então n'esta cidade, inspeccionando caçadores 11) a pedir-lhe que consinta em que uma força militar vá, n'aquelle determinado dia, fazer a guarda d'honra na praça onde tem

d'ir o cortejo civico desvelar o busto do grande estadista.

O general mostra-se hesitante, embaraçado, irresoluto, porque, diz elle, não sabe o que o ministro da guerra pensará do caso.

O presidente faz-lhe sentir, que se trata de celebrar um homem que foi ministro d'estado. Que se comprehendem as duvidas por parte de certas classes sociaes, mas que não as devia haver por parte dos poderes publicos.

O pobre general, enleiado n'este raciocinio, sae se com esta proposta:

— E porque não mudam os srs. o centenario, para depois da chegada do paquete?

.....
E o caso é que o presidente não achou resposta para isto.
C. A.

*
* *

Conversaram uns amigos, ha dias, ácerca da mandrice dos operarios nas obras publicas, e da quasi inutilidade da maioria dos seus vigias uns por connivencia na demora da conclusão, outros com receio de violencias dos vigiados.

N'isto, aproxima-se um cego, um forte mocetão, tocando guitarra, acompanhado ao violão por um rapazito, que tambem lhe servia de guia.

— Que pena! (exclama alguém do grupo). Um rapaz tão robusto e sem poder trabalhar.

— Mas pôde ser olheiro das obras publicas (acode outro).

*
* *

Um tal Gavicho, condiscipulo de João de Deus na Universidade, botou certo dia uma poesia á sua *ella*, onde se lia entre outras, a seguinte baboseira:

«Uma penna, uma penna, uma penna,
Uma penna, uma penna lá dos anjos.
Uma penna, uma penna, uma penna,
Uma penna, uma penna dos archanjos.

João de Deus parodiou:

Um selim, um selim, um selim,
Um selim, um selim de rabicho.
Um selim, um selim, um selim,
Um selim, um selim p'ro Gavicho.

*

Ainda de João de Deus:

EPIGRAPHIO

Aqui Frei João repousa,
E nunca fez outra cousa

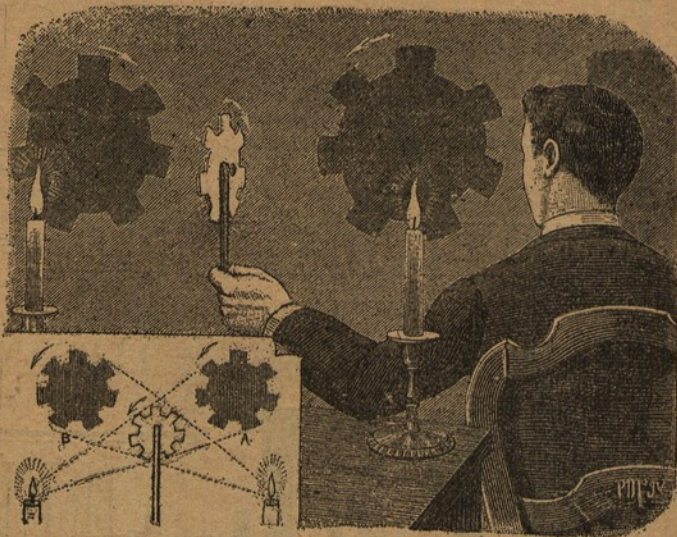
SECÇÃO RECREATIVA

AS SOMBRAS INVERTIDAS

CORTE-SE um bocado de cartão em fórma de roda circular munida de largos dentes em toda a volta, e atravesse-se o centro de esta roda por um alfinete que se enterra n'uma regua posta verticalmente. Accenda-se duas vélas que se collocam em cima da meza a um metro distantes aproximadamente uma da outra e ambas a igual distancia da parede. Ponha-se a roda paralela ao muro de maneira que projecte ahi duas sombras circulares e faça-se andar em volta do alfinete que se vê as sombras andarem á roda também, ambas no mesmo sentido que a roda de cartão, como as fléchas, reproduzidas na nossa gravura, indicam.

Até aqui nada de singular. Mas eis o problema que propomos que é: *fazer girar as duas sombras da roda em sentido inverso uma da outra.*

Muitos dos nossos leitores procurarão por um grande espaço de tempo a solução, estamos certos d'isso, se não lh'a indicasse agora: colloque-se a roda, não parallelamente mas perpendicularmente á parede, e, afastando-a ou chegando-a ahi, achar-se-ha com o tacto a posição em que as sombras em lugar de se projectar segundo duas ellipses mais ou menos achatadas, tomam, de repente, a forma circular. Se n'este momento se fizer girar a roda de cartão parecerá que estas duas sombras giram em sentido inverso uma da outra. Esta curiosa experiencia acaba de nos mostrar a existencia, n'um cone obliquo de bases circulares, de duas especies de secções que são circulos; umas,



como no primeiro caso, são secções parallelas na base; as outras, as do segundo caso, são apellidadas secções *anti-parallelas*.

A roda de cartão figurou alternadamente para nós em ambas estas secções; a chamma das vélas representa o cume d'um cone cuja sombra correspondente foi a base.

OS ANNUNCIOS



PARA O



Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os aumentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; $\frac{1}{2}$ pag. 4:000 rs.; $\frac{1}{4}$ de pag. 2:000 rs.; $\frac{1}{8}$ de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que póde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanço, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

FORMULARIO CIVEL

PARA
Escrivães dos juizes de direito, municipaes e de paz
POR

JOSÉ CASIMIRO DA COSTA QUINTELLA

220 formulas, em harmonia com o código do processo civil, lei do sello, tabela dos emolumentos, regulamentos da contribuição de registo, da decima de juros e da Caixa geral de depositos.

PREÇO 700 RÉIS

A' venda nas Livrarias e em casa do auctor, Largo de Misericórdia, Covilhã.

CASA DOS BORDADOS
DE
SILVA RODA & C.^A

161, RUA AUGUSTA, 165

LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA

E
ATELIER DE ROUPAS BRANCAS

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinees, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegias e recemnascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

Premiada em diversas exposições

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu
o record
do Mundo

Grande variedade de peças decorativas executadas sob a direcção do grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO feitas pelo primeiro artista no genero

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento em tabacos nacionais e estrangeiros

Grande variedade em carteiras para todos os preços

Venda de jornaes e diversas publicações nacionais e estrangeiras

Boquillas, cigarreiras, cachimbos, charuteiras e outros artigos

Variada collecção de numeros para todas as loterias

Artigos de papelaria, bilhetes de visita, agua de Caneças e Cintra, velas de stearina

Os senhores colleccionadores de sellos encontram sempre n'esta casa um bom fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —
JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de todos os artigos do seu commercio por
PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCARIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA

Branco e Negro



O INVERNO quadro de Henri Gervex

PREÇO 50 RÉIS

N.º 87

À VENDA NO DIA 30 DE NOVEMBRO

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume,
profusamente adornado de bellas e interessantes gravuras

CORAÇÃO

DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

Lourenço Cayolla

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis

A' VENDA NA

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 87

LISBOA, 28 DE NOVEMBRO DE 1897

2.º ANNO

Phases da vida e educação das crianças

DEVIDO á amabilidade do distincto photographo A. Bobone poderemos offerecer aos nossos leitores, no proximo numero, uma serie de photo-gravuras, reproducção de magnificas photographias, representando differentes phases da vida e educação das creanças, e executadas pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Bobone, esposa d'aquelle nosso amigo; as photographias, a que nos referimos, alliam, á execução mais nitida e primorosa, um superior criterio na escolha dos assumptos e na disposição dos quadros, prova irrefragavel de que no gosto delicado de mulher e ao amor de mãe se allia uma alma de verdadeira artista.

Madame Elisa Bobone começou a praticar photographia em 1887, com seu marido, manifestando desde logo notaveis aptidões e raro gosto pela arte. Em 1889 concorreu com alguns trabalhos á exposição Universal de Paris, onde obteve a medalha de bronze, e mais tarde á exposição Universal de Antuerpia, onde alcançou igual distincção.

Animada pelo estimulo d'estas recompensas aliás justas, começou de executar e levar a cabo a colllecção a que nos referimos, que denominou: «A primeira educação da creança nos seus differentes periodos» e que figurou nas seguintes exposições: Internacional de Bellas Artes e photographia em Milão de 1894, obtendo o diploma de 2.º grau e medalha de prata; — Exposição Concurso Internacional de Bruxellas de 1894, sendo premiada com uma medalha de ouro, e Exposição Internacional do Cairo de 1895, onde alcançou medalha de ouro.

Alguns jornaes estrangeiros, occupando-se d'este trabalho, teceram-lhe os mais justos elogios felicitando madame Elisa Bobone não só pela bella composição dos seus doze quadros, como pela escolha do assumpto por todos admirada.

Na sua qualidade de mãe e artista, applicou a arte que tanto estima e tão brilhantemente exerce á reproducção das diversas phases, por que seus filhos teem passado, sendo mais tarde para elles uma verdadeira surpresa a contemplação das attitudes e gestos da sua primeira infancia.

Hoje, o *Branco e Negro* publica apenas um estudo, simples amostra dos seus magnificos trabalhos, estudo que honra sobre maneira a illustre artista; é o retrato de sua estremecida filha Corinthia, que, pela perfeição, acabamento, nitidez e execução, rivalisa, com grande vantagem, com as melhores photographias de genero identico que do estrangeiro nos teem chegado ás mãos.

Foram as notaveis aculdades, aptidões artisticas e delicado instincto de madame Bobone, que induziram seu marido, o nosso amigo Augusto Bobone, a collocar a seu lado na sua fadigosa vida de atelier, e a confiar á



sua alta e nunca desmentida competencia a direcção de tão importante estabelecimento, nas suas ausencias, motivadas quasi todas pelas exigencias da arte que elle cultiva com uma superioridade de todos reconhecida.

A ESCOLA DOS MINISTROS

POR HENRIOT



Os eleitores, aborrecidos de verem um figurão qualquer elevado a ministro sem saber palavra do seu mister, reclamam imperiosamente a fundação de uma escola ministerial.



Os deputados que se destinem a receber 60.000 francos por anno, devem ser mettidos n'um collegio onde lhes ensinário a sua profissão.



Velhos diplomatas encanecidos dariam aos candidatos lições da arte de falar sem dizer nada, prometter e não cumprir e cahir sem se magoarem.



Um ministro valentão e de pulso seria encarregado de ensinar a arte de dar um socco... bem dado.



Um curso de diplomacia dirigido por um surdo-mudo prepararia para o ministerio dos negocios estrangeiros.

Alguns velhos burocratas ensinariam o emprego dos termos technicos.



Os candidatos ao ministerio da fazenda deveriam tambem ficar sabendo quanto pés de tabaco existem no puz e o tempo que é preciso estar no governo para sahir de lá capitalista.



A parte mundana não seria desprezada; um futuro ministro aprenderia a cumprimentar, a valsar, a receber e a jantar, sem estar a discutir com o seu cosinheiro.



Os ministros da marinha saberiam o que são os mastros, o quarto e a bussola.



Os aspirantes ao ministerio das obras publicas praticariam a principio como cocheiros de trens, de tramways, depois como fogueiros dos comboios. No 3.º anno, iram britar pedra nas estradas, o que os tornaria indulgentes para com os pobres trabalhadores.



Os que se preparassem para desenvolver o futuro das colonias seriam mandados para o Tonkim ou para o Senegal. No regresso, dar-lhe-hiam um attestado de aptidão e de bom comportamento.



Assim se formaria uma escola de candidatos serios: todas as vezes que se desse uma crise ministerial, o chefe de Estado não teria mais do que pôr os nomes n'um chapeu e tirar os ministros á sorte.

"LITTERATURA BRASILEIRA,"

Eu conheci de nome, pela primeira vez, o valente campeão do jornalismo fluminense, Valentim Magalhães, por um artigo que li sobre Pardal Mallet, na «Revista d'Hoje», uma das melhores que se tem publicado em terras portuguezas. Pois para lhes falar com a maxima franqueza, a impressão que me ficou da leitura d'esse punhado de periodos escriptos por Valentim, bem se via que ao correr da penna, foi magnifica, agradabilissima. A minha sympathia litteraria ganhára-a o glorioso escriptor em menos de dez minutos.

Que bello artigo! Phrase limpida como um crystal, vigorosa e cheia, harmonica, como a dos Mestres parisienses — Emile Fragué e outros. O conceito profundo, a ironia dicaz, o chiste flagrante, desde logo me evidenciaram uma poderosa individualidade, um raro talento de primeira agua. De resto isso não era para admirar. O applauso dos jornaes tinha sido unanime.

A figura bizarra e bohemia do Pardal fôra magistralmente posta em destaque. Eu que nunca conhecera até hi, nem sequer de nome, o auctor do «Lar», se o visse depois na minha frente «claro, louro, estatura meã, corpo leve e estulto, com uma liada cabeça de mosqueteiro» como assignala Valentim, adivinhal-o hia.

Todavia eu de Pardal Mallet nunca li nada, e o meu entusiasmo pelo auzad pamphletario nasce exclusivamente da fórma como o seu biographo o descreve.

*

O doutor Valentim Magalhães vem de acrescentar á sua já vasta e valtosa bagagem litteraria, mais um primoroso livro «A Litteratura Brasileira». E' d'elle que eu quero falar, d'esse livro, e isso que atraz fica não é mais que uma *introdução*.

Não se póde negar o *nosso* desleixo por tudo quanto seja litteratura, quer nacional, quer estrangeira. A parte um grupo restricto de artistas e igual quantidade de intellectuaes, que ainda consagram uma parte do seu tempo e da sua bolsa aos bellos livros, hemos de confessar á puridade que entre nós a maioria é constituída por commerciantes adinheirados, caixeiros materiaes e burocratas inscientes, procurando apenas a satisfação de necessidades physicas: boa meza, boas mulheres, bom pagode...

A litteratura, assim, é palavra sem cotação no mercado indigena, onde só se fala em cambios e papeis de credito, sendo não raras vezes os artistas menosprezados com epithetos injuriosos pela horda dos ignaros. Parece, porém, que no Brazil — para vergonha nossa — a incuria não vae tão longe, não é tão manifesta. O escriptor alli é estimado, lido e compensado do seu trabalho. Tem entrada nas casas de familia e nos salões aristocraticos, quer elle se chame Machado de Assis ou Olavo Bilac. O artista brasileiro é familiar, sociavel, sentimental e amoroso. Lê os livros de Portugal com avidez, e ama com patriotismo a sua terra e a nossa que tambem é d'elle por afinidades de raça, de costumes, etc.

Pois bem: nós em paga — ingratição suprema! — voltamos-lhes as costas; não lêm os seus livros por uma questão economica e de inesthetica; olhamo-los com immerecido desdem!

Pelo menos é isto, e é a verdade, que se tira da leitura do livro «A Litteratura Brasileira.»

Valentim Magalhães propõe-se a remediar este mal, e honra lhe seja feita. Escrevendo o citado livro, algo incompleto pela carencia de materiaes indispensaveis, elle tem em vista não só dar-nos a conhecer «as Golcondas ignotas, Californias não sonhadas, convidando nos ao banho em catadupas de luz, cobrindo-nos de pedrarias tão radosas e bellas, como as não teve jámais a Rainha de Sabá» — que ha no seu Brazil, mas ainda approximar as duas litteraturas, quicá as mais pujantes de inspiração e de sentimento que há em todo o mundo, se excepcionarmos a franceza.

«A nossa tão apregoada e tão desejada confraternidade, diz, deve principiar pelas letras. E' preciso que Portugal leia o que o Brazil escreve, e conheça, admire

e estime os principaes representantes da sua mentalidade.»

«E' o que hoje faço, continua, alimentando a esperança de que a curiosidade e o interesse despertados pelas minhas singelas palestras subsistam para bem acolher este livro. Se tal acontecer, como ousou esperar, completo será o meu contentamento, sem eiva de tola vaidade, porque terei realisado um desejo de ha muito alimentado: — estreitar as relações — moraes e intellectuaes — entre estas duas patrias queridas: a minha e a de meu pae.»

Honesto trabalho: glorioso trabalho é este que por si só evidencia a alma diamantina, o coração lididamente patriota, de Valentim Magalhães. Seria uma injustiça imperdoavel, uma ingratidão inclassificavel, se nós não fossemos ao encontro do escriptor, que assim se apresenta despido de interesses menos dignos, com o tributo da nossa sincera homenagem, com a offerta da nossa sentida amisade.

De por mim tenho a consciencia de ter contribuido á medida das minhas fracas forcas intellectuaes, para a vulgarisação da litteratura brasileira, — vulgarisação de que certo resultará para a nossa querida Patria tão desprestigiada, uma nova era de luz, de esperança e... ia a dizer de emancipação. Porque eu creio que ao Brazil «pela admiravel polychromia silvestre das suas mattas, por cujo sólo humido coleiam as enormes raizes das arvôres gigantescas e millenarias, prendendo-se com as garras á terra, e sugando as seivas que as alimentam; pela vida forte dos seus bosques cerrados, que só o sól viola com caricias de luz; pelos silencios mysteriosos das suas selvas, que apenas os ninhos acordam; pelos perfumes estonteantes e calidos das suas flores de veneno e purpura» — na phrase quente, incisiva e fulgurantissima do meu illustre e talentoso amigo, sr. Domingos Guimarães; — porque eu creio que ao Brazil, dizia, pela existencia d'esse conjuncto de elementos poderosos e disponiveis, está destinado ainda um largo e promettedor futuro, nos dominios da Litteratura, das Bellas-Artes e da Sciencia.

.....

Mas eu quero referir me agora mais directamente á parte intrinseca do livro, á sua urdidura. No primeiro capitulo trata o intransigente e bem orientado prosador das «Horas alegres» de Romancistas, Novelistas e Contistas, dando como fundadores da litteratura brasileira, com a criação do Indianismo, a José d'Alencar e a Gonçalves Dias, — aquelle no romance, este na poesia. E tem razão Valentim Magalhães. O immortal auctor do «Guarany», que mais tarde devia immortalisar tambem o grande maestro Carlos Gomes, merece bem todas as honras, e como que synthetisa todo um periodo litterario. Cita após, entre os hodiernos de mór pujança, a Machado d'Assis, Aloysio d'Azevedo, Raul Pompeia e outros. Coelho Netto e Afonso Celso Junior são dois contistas inigualaveis, pessoas, cheios de vida, de brilho e de imaginação. Entre historiadores e criticos, Sylvio Romero e Tobias Barreto occupam o plano primeiro. O primeiro é o Theophilo Braga brasileiro.

Vem depois a procissão sugestionante dos Poetas, n'uma Via Lactea de sonho tangendo lyras d'oiro, violinos myteriosos ao luar das noites tropicaes. São tantos, tantos, como as estrellas — «que a natureza brasilica — pujante, opulenta, feracissima, é fonte perenne d'inspiração, é manancial inexgotavel de poesia.»

Valentim Magalhães d'est'arte os classifica e enfileira: — Poetas luso brasileiros; Indianismo ou Romantismo; os malogrados, ou Escola de morrer joven; os hugoanos, ou Escola do condor; musa civica, ou Escola do chacal; Parnastanismo; os desorientados e os emancipados.

E' me impossivel, ao correr da penna sobre uma meza de redacção, enumerar os primeiros representantes de cada uma d'essas escolas. Isso ficará para um dia, se eu não morrer, porque ha ainda muito que estudar, muito, na litteratura brasileira tomada na sua mais ampla acepção. Mesmo o livro de Valentim, comquanto valioso, é

assaz incompleto; o que o escriptôr fez em oitenta paginas daria oitenta volumes.

Portanto limito-me apenas a frisar aquelles poetas e prosadores que mais tenho lido e que acho mais dignos de nota. Alguns d'elles vieram a cantar as mais elevadas e sentidas harmonias, cheios de entusiasmo, cheios de crenças, e a canção morreu-lhes nos labios! Assim foram Casimiro d'Abreu — o meu mais amado Poeta — Junqueira Freire, Alvares d'Azevedo e Castro Alves, que nenhum ultrapassou os 25 annos! Outros então, mais felizes, conseguiram viver, e mostram-nos verdadeiras maravilhas metricas, pedaços de sonho engastados em marmore, a Plastica imperadora, a Mulher, o Vicio... Taes são Olavo Bilac, esse extraordinario e legendario artista meio bohemio e excentrico; Raymundo Correia, o apaixonado voluptuoso da Belleza nua; Alberto de Oliveira e B. Lopes, um decadente que se lê com muito agrado; e Cunha Mendes, auctor dos «Poemas da Carne» que não vem citado no livro de que me occupo.

A anthologia tem verdadeiras obras primas a par de algumas nullidades. Ha na litteratura brazileira joias de muito maior quilate — ha-que eu sei. Mas é que o col-

leccionador estava apressado e baldo de materiaes indispensaveis. Esta mesma seria a causa que lhe fez esquecer Gonçalves Crespo, o bizarro cantor das «Miniaturas» e dos «Nocturnos» e Damasceno Vieira, auctor da «Musa Moderna» e do lindo soneto «Deslumbramentos» etc.

.....
A minha admiração incondicional pelas bellas-lettas do Brazil, quiçá por via d'um temperamento refinadissimo de meridional amoroso da Chimera, vae até ao infinito — d'onde ellas procedem em Niagaras luminosas d'estro.

O verso d'Além-Mar, meus amigos, tem o cunho originalissimo e unico d'um lyrismo transcendente. E' sensual e languido como uma sultana sahindo do banho, cheia de perfumes e de diamantes. Tem a fórma dos marmores hellenicos, e o colorido das paysagens nebulosas da Renascença. Na França, houve Hugo, Lamartine e Musset; na Hespanha, Campoamor e Espronceda; em Portugal, Garrett e Castilho, todos magistraes, todos grandes, com vôos altissimos de aguia. Mas ardentes e enamorados intensamente só os do Cruzeiro do Sul.

Rio de Moinhos.

ALBANO ALVES.

CONSELHO

Contempla, meiga fiôr, a lua — esse astro
que além, no empyreo, uma orbita descreve,
ostentando seu rosto côr de neve,
bordadas suas vestes d'alabastro.

Lá nas alturas d'essa curva infinda,
banhadas noite e dia de luz pura,
as brumas vão toldar a formosura
e a doce paz da lua etherea e linda.

É que tormento o seu! Ai, quão profundo
o penar d'essa rainha scintillante...
Vagar no azul, qual Ashavéro errante
vagueia eternamente pelo mundo!

Ao menos, se na cêrula amplidão
fruisse a esp'rança de volver ao nada,
um dia, quando a fronte já cançada,
amortecesse emfim... Mas quê?!... Em vão.

Como o farol que na praia
ora brilha, ora desmaia
aos olhos do navegante;
como a folha que deslisa,
impellida pela brisa,
no regato murmurante;

como um batel, na corrente,
bordejando incertamente,
segundo o rumo do vento;
como o cedro secular,
que se move sem cessar
com o tufão violento;

como a onda que na areia
ora se espraia, ora alteia,
ora avança, ora recúa;
como a aurora purpurina,
que ora nasce, ora declina,
tal o fadario da lua.

*
* * *

Tambem tu soffres, creança, ágra desdita,
que tortura sem dó teu coração;
cinge, bem sei, o manto da afflicção
tu'alma juvenil, houri bemdita.

Mas que mysterio é este — o ser, a vida,
que Deus concede á pobre humanidade?...
Breve suspiro, em erma soledade,
essencia que se esvae d'uma partida.

Qual sol, a vida marca a trajectoria,
desde o berço infantil á campá fria.
Depois, desfeito o vaso onde jazia,
transpõe da terra a linha divisoria.

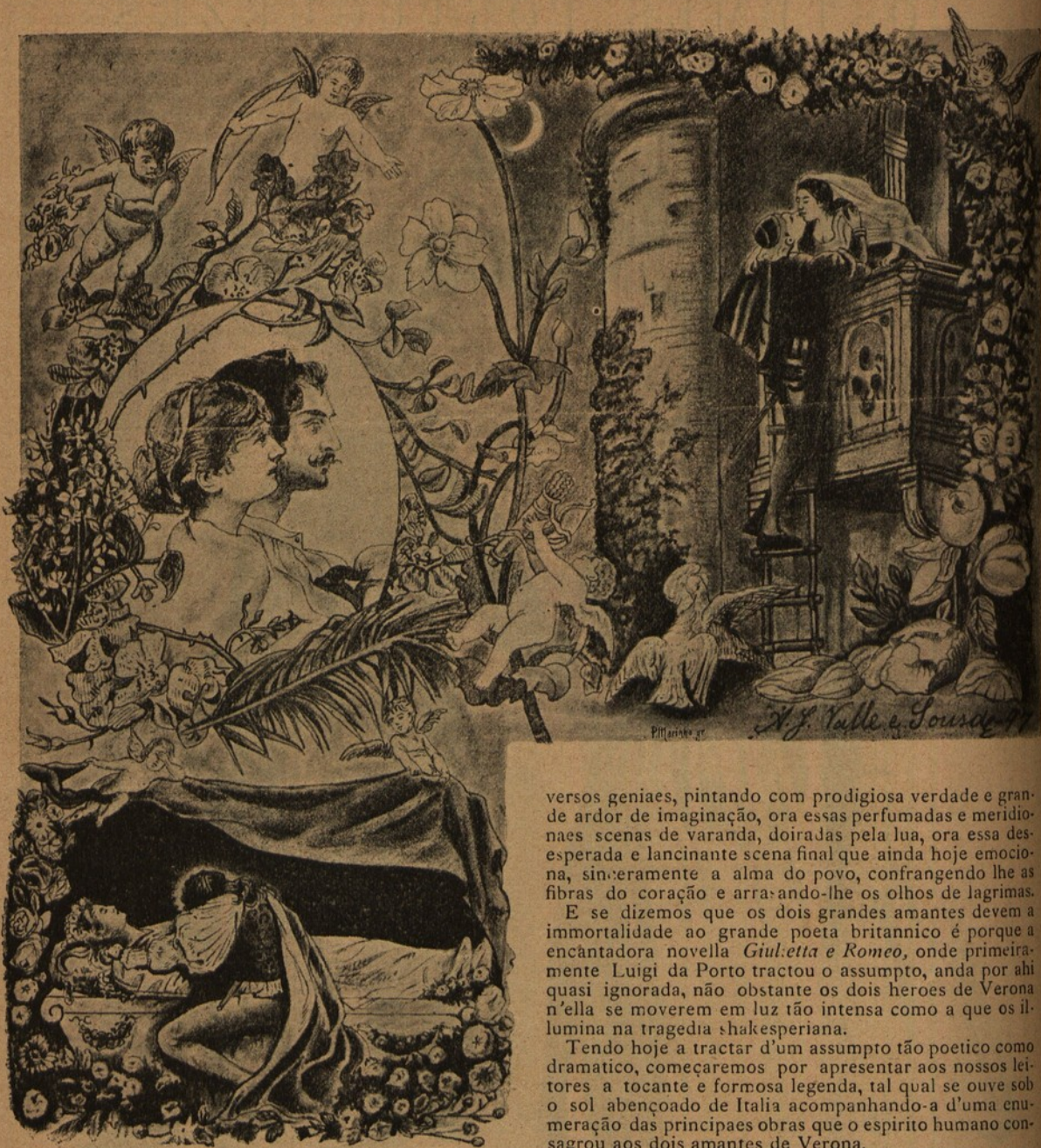
.....
.....
Supporta, pois, a cruz do teu martyrio,
o calix do teu Horto, a impia sorte,
até que venha arrebatá-te a morte,
margarita gentil, candido lirio.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — VARINAS (trajo moderno), aguarella de Roque Gimciro

OS GRANDES AMANTES



ROMEO E JULIETTA

(Ao Francisco Gil, meu amigo)

I

UMA doce aureola de luz e de amor envolve as figuras graciosas e immortaes d'estes dois infelizes amantes italianos, a quem, segundo a expressão do sublime auctor da *Divina Comedia*, bem cabe a denominação de *grandes amantes*.

Estes dois jovens, que tiveram um pelo outro um amor tão puro como verdadeiro, encarando todos os perigos com a maior heroicidade e cahindo no tumulto victimas do entranhado e reciproco odio das suas familias, vivem ainda hoje na imaginação dos povos em todo o seu esplendor, mercê da sublime tragedia do immortal Shakespeare, o grande tragico inglez que os eternizou nos seus

versos geniaes, pintando com prodigiosa verdade e grande ardor de imaginação, ora essas perfumadas e meridionaes scenas de varanda, doiradas pela lua, ora essa desesperada e lancinante scena final que ainda hoje emociona, sinceramente a alma do povo, confrangendo lhe as fibras do coração e arrastando-lhe os olhos de lagrimas.

E se dizemos que os dois grandes amantes devem a immortalidade ao grande poeta britannico é porque a encantadora novella *Giulietta e Romeo*, onde primeiramente Luigi da Porto tractou o assumpto, anda por ahi quasi ignorada, não obstante os dois heroes de Verona n'ella se moverem em luz tão intensa como a que os illumina na tragedia shakerperiana.

Tendo hoje a tractar d'um assumpto tão poetico como dramatico, começaremos por apresentar aos nossos leitores a tocante e formosa legenda, tal qual se ouve sob o sol abençoado de Italia acompanhando-a d'uma enumeração das principaes obras que o espirito humano consagrou aos dois amantes de Verona.

Não podendo porém dar a este assumpto toda a extensão que desejavamos, attentas as dimensões d'este semanario, deter-nos-hemos mais demoradamente, estudando a biographia de da Porto, e a immortal e portentosa tragedia em que Shakespeare, nos descreve com vivas cores a historia dos amores de Julietta e Romeo, cuja desgraça, fazendo-nos vibrar as cordas da sensibilidade e da piedade, nos faz exclamar com o grande Shakespeare, ao terminar a sua tragedia.

Never was a story of more woe,
Than this of Juliet and her Romeo!

II

Pelos fins do seculo XIII, sob o reinado de Bartolomeo della Scala, principe que auxiliou a restauração dos Visconti de Milão, havia em Verona duas poderosas e nobilissimas familias, que se odiavam reciprocamente, odio que manifestavam publicamente, perturbando as

ruas da cidade com as suas luctas terriveis e sanguinolentas. (1)

Chamavam-se os Cappellettos e os Montecchios. (2)

Ora no anno de 1303 organisou-se uma festa sumptuosa, no palacio de Messer Antonio Cappelletto, *signor festoso e piacevolissimo*, segundo a expressão de da Porto, e chefe d'um dos partidos.

A esse baile affluir a primeira nobreza de Verona, aventurando-se tambem a ir alli um joven Montecchio, de nome Romeo, e de 20 annos d'idade; embora levasse o rosto disfarçado com uma mascara, dava uma prova de extrema ousadia, indo a uma festa do mais figadal inimigo da sua familia.

A meio do baile, como na sala fizesse um grande calor, o nosso heroe tirou a mascara, não se lembrando de que estava no seio dos seus inimigos. Percorreu a sala um murmuro de admiração perante a belleza d'esse homem, que excedia a das mais formosas damas presentes; perante o arrojio que mostrava esse formoso joven, que dava tambem uma prova da confiança que lhe merecia Messer Antonio Cappelletto. Este testemunho de confiança fez que Messer Antonio, indignado primeiramente, lhe perdoasse.

Mas se Romeo era bello, não era menos formosa a filha unica de Cappelletto, affirmando da Porto que era d'uma belleza sobrenatural, cheia de graça e de encanto.

A vista de Romeo, percorrendo a sala, deteve-se sobre esta joven a quem a belleza de Romeo tinha já tocado extremamente.

Foi desde então que os olhos dos dois jovens, ligando-lhe as almas, nunca mais puderam apartar-se até finalizar o baile. Antes porém de terminar a festa Romeo, entrando na roda, teve a suprema ventura de poder contemplar *vis-à-vis*, a figura vaporosa de Julietta.

Luigi da Porto descreve-nos com uma encantadora simplicidade esse primeiro colloquio dos dois enamorados, pondo lhes na bocca as seguintes palavras:

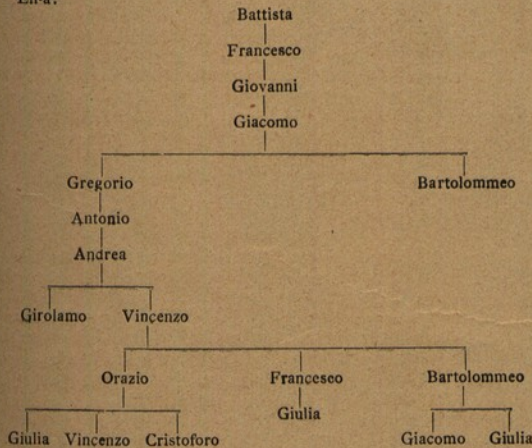
... «Ella replicou: «Sim, abençoada seja a vossa vinda junto de mim, porque me aquecereis a mão esquerda, emquanto Marcuccio me gela a direita. Ao que Romeo

(1) Dante no seu *Il Purgatorio*. C. VI. v. 106, estigmatizando o imperador Alberto I por causa das desgraças que affligem a patria, parece referir-se a estas rivalidades no seguinte terceto, composto em tempo anterior a 1308.

Vieni a veder Montecchi e Cappelletti
Monaldi e Philipeschi, nom senza cura
Color già tristi, e eostor com sospetti.

(2) A *Historia de Verona* apresenta-nos estas duas familias desempenhando um importante papel nas luctas da Italia medieval. Encontramos lá tambem a genealogia dos Cappellettos, que vae de 1427 a 1590, onde se nota frequentemente o nome de *Giulia*, de que é diminutivo o da noiva de Romeo.

Ella:



Em Verona ha ainda um pequeno edificio que passa por ter sido o palacio dos Cappellettos.

Pelo que respeita á familia Montecchio ignora-se a terra d'onde viera. Parece contudo ter tido a sua origem em Verona ou Crémona, julgando da Porto que se confunde com a familia Monticoli de Udina, sendo no tempo de Cangrande II que os Montecchios emigraram de Verona para Udina.

Ainda sobre os Cappellettos diremos que levavam o titulo de condes de S. Bonifacio. Pelo menos um escriptor do decimo quinto seculo que commentou Dante, refere-se ao odio que havia entre os *Montecchios* e os *Cappellettos* que foram condes de S. Bonifacio.

respondeu mais afoito: «Se a minha mão aquece a vossa, vós, com os vossos bellos olhos, abrazaes o meu coração.»

Influenciado por uma paixão tão rapida como intensa, o joven Montecchio principiou d'alli por deante os seus frequentes passeios n'uma estreita rua, sobre a qual deitavam as janellas de Julietta: esta, pela sua parte, alimentando egual sentimento, não resistia á tentação de alli apparecer, não obstante ter na lembrança a implacavel inimizade que havia entre a sua familia e a de Romeo. Com esta lembrança porém vinha associada uma outra que fazia a sua felicidade: pensava que o seu casamento com Romeo devia pôr cobro a esses odios e estabelecer a paz entre as duas familias tão rivaes.

Era assim que Romeo permanecia uma noite inteira, sob as janellas da sua bem amada, pondo em risco a propria vida, e receioso sempre de que o surpreendessem.

Desejando pôr cobro a estes receios e unir os seus destinos, deliberaram casar-se. Para a effectuação d'essa idéa solicitaram o auxilio d'um monge franciscano, de nome Lorenzo, confessor de Julietta e amigo dilecto de Romeo. Este frade tinha, grande influencia na cidade, que via n'elle uma especie de magico, visto que se entregava a estudos que ninguem conhecia n'esse tempo em que a chimica não era mais do que a alchimia. Luigi da Porto diz que elle era *grande philosopho, conhecedor de muitas coisas, não só naturaes, mas até magicas*.

Denunciando-lhe pois Romeo o desejo de tomar Julietta por esposa e de que fosse testemunha do seu casamento, o franciscano, compadecido dos dois amantes, não recusou o que lhe supplicavam; pelo contrario via no enlace ensejo para reconciliar as duas familias rivaes e para augmentar o credito que Verona lhe dispensava, se elle conseguisse pôr termo a esses sanguinolentos recontros de Cappellettos e Montecchios.

Estava-se na Quaresma e Julietta manifestou desejos de se confessar; a mãe levou-a ao Mosteiro de Santo Francesco.

Chegando á igreja, Julietta entrou n'um confessorario, ao mesmo tempo que o irmão Lorenzo acompanhado de Romeo dava, pelo interior do convento, ingresso n'aquelle mesmo logar. Ajoelhados alli, o monge abrindo uma pequena grade, lançou a benção nupcial aos dois amantes.

Em Italia accrescenta-se que uma creada da casa de Julietta facultou n'essa noite ao joven esposo entrada em casa de seus avos, passando os dois noivos a noite no jardim.

Vindo porém as festas da Paschoa, accentuou-se novamente com maior intensidade a rivalidade entre as duas casas havendo rijas querélas nas ruas de Verona entre Cappellettos e Montecchios.

Romeo, se defendia com ardor os Montecchios, não pensava menos na sua Julietta, abstando-se de ferir qualquer dos Cappellettos. Insultado e provocado porém insolentemente por Tebaldo Cappelletto, primo de Julietta, não pôde conter-se, e cahindo sobre Tebaldo, prostrou-o morto por terra.

Este acontecimento foi para os dois amantes um verdadeiro desastre, porque Romeo, exilado para sempre de Verona, viu-se constrangido a retirar-se para Mantua.

Por esse tempo Julietta achava-se em toda a sua formosura, e acabava de completar 18 annos. Seu pae, Messer Antonio Cappelletto, ignorando todo o passado, fez-lhe então saber a intenção que tinha de dar a sua mão a um conde da casa de Lodrona. Julietta, respondeu-lhe, de bulhada em pranto, que nunca veria realizados esses seus desejos, e que preferia morrer a casar com tal figdalgo.

Falando depois com um creado Pietro, seu confidente, Julietta profere perante elle o juramento de tirar a vida envenenando-se, se a forcarem a tomar por marido o conde de Lodrona; e tendo este creado participado a Romeo o que se passava, o joven e bello Montecchio, manda-lhe do seu exilio dizer que se opponha Julietta com animo ás pretensões do pae, porque em breve a arrebatará de casa dos Cappellettos, rogando-lhe instantemente que occulte o segredo do seu amor.

Como, porém, os paes a instassem constantemente para casar com o conde de Lodrona, a formosa Julietta resolve participar o caso ao irmão Lorenzo, confiando que elle a tirará d'este embaraço. Chegando á cella do irmão Lorenzo, exora-lhe angustiosamente que a auxilie



ROMEU E JULIETA, quadro de Alberto Maignan

a manter illesos os laços sagrados que a ligam a Romeo, ou senão que lhe ministre um veneno, que lhe ponha termo á existencia; de outro modo que está resolvida a servir-se de outro meio mais violento, embebendo no seio um punhal que esconde sob os vestidos. (E' n'esta attitude que a representa o magnifico quadro de E. M. Ward, que hoje offerecemos aos nossos leitores).

O franciscano, vendo-a assim resolvida a passar pelas mais duras provações, entrega-lhe uma droga, que a mergulhará n'um profundo somno, interrompendo-lhe o pulso, e dando-lhe a apparencia livida de uma morta. Seus paes julgando-a sem vida, mandal-a-hão sepultar no tumulo da familia e elle, passadas quarenta e oito horas, pouco mais ou menos, que tanto é o tempo que o narcotico poderá exercer a sua acção, irá tiral-a da sepultura, e escondel-a-ha na sua cella, de onde será conduzida ao seu Romeo, sob o disfarce d'um habito franciscano. Roga-lhe que escreva na sua presença a Romeo uma carta sobre o assumpto, elucidando-o, carta que elle lhe mandará entregar por um mensageiro de confiança.

Julietta acceita com alegria o pó que o monge lhe entrega, e perguntando-lhe este se não a atemorisa a idéa de ficar só n'um tumulo, entre tantos mortos, entre os quaes se conta o de seu primo Thebaldo, ha pouco sepultado, Julietta responde-lhe que se não pudesse juntar-se a Romeo sem atravessar o inferno, o passaria sem o mais pequeno receio.

A' noite, na casa paterna, Julietta deita-se, dissolve o pó n'agua e bebe; a droga produziu immediatamente o effeito esperado, dando ao corpo uma apparencia livida.

No seguinte dia de manhã, os paes de Julietta, loucos de dôr, julgando Julietta morta, deploram em altos gritos a perda de sua filha unica. É chamado um medico, que declara nada já poder fazer.

A cidade consterna-se com tal acontecimento, e Julietta, toda de branco e coberta de flôres, é levada ao cemiterio de Santo Francesco, onde fica depositada no sepulchro dos Cappelletos.

A triste noticia da sua morte estende-se até Mantua, e Romeo antes de ter recebido a carta que o devia instruir de tudo, sabe que sua esposa já não existe e que foi sepultada no tumulo de familia.

Desesperado, com a alma alanceada por uma dilacerante dôr, puxa pela espada para se matar; oppõe se, porém, a essa resolução, o mensageiro que lhe havia participado a triste nova.

Arranjando um disfarce de campones, mune-se de um frasco com *acqua di Serpe*, diz L. da Porto e Bandello, e eil o a caminho de Verona, afim de terminar os dias junto do corpo da sua bem-amada.

Entrando sem difficuldade em Verona, dirige-se immediatamente ao cemiterio de Santo Francesco, levanta a tampa da sepultura e entra.

Depara com a sua bem amada, sob um lençol de flôres, inunda de lagrimas e beijos o corpo de Julietta, que conserva toda a sua belleza, bebendo á saude de sua amante o conteúdo do frasco.

O effeito do veneno não se faz esperar e Romeo cahe por terra, para nunca mais se levantar.

Algum tempo depois, havendo cessado a acção temporaria do narcotico (1) Julietta recuperando os sentidos, dá com o corpo gelado do seu esposo. O irmão Lorenzo, que não pudera prevenir Romeo, resolve ir tiral-a do tumulo; entrando no mausoleo dos Cappelletos, dá com o dilacerante quadro de Romeo morto, e Julietta debu-

lhando-se em lagrimas sobre o corpo do seu bem amado. Sabedora do engano em que incorrera Romeo, Julietta exhala tambem o derradeiro suspiro sobre o cadaver do homem que tanto amára.

Eis o que na sua tocante simplicidade ainda hoje se conta em Italia, ácerca dos dois grandes amantes.

III

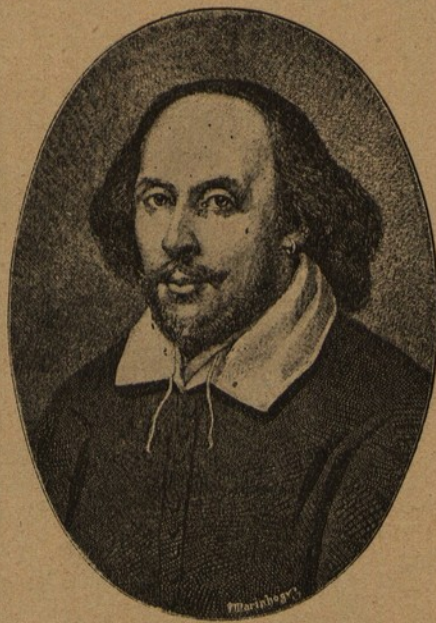
Entrando no exame das producções com que o Homem celebrou este grande amor, tão grande como desgraçado, daremos noticia dos principaes trabalhos litterarios e artisticos que conhecemos, inspirados por esta enternecedora historia de amor, de soffrimento e da morte.

—Principiaremos por enumerar a formosa novella *Giulietta e Romeu*, publicada em 1524 por Luigi da Porto, que foi o primeiro que contou a historia dos dois amantes, sendo n'esta novella que indirectamente bebeu Shakespeare para a composição do seu *Romeo and Juliet*, pois parece fóra de duvida que o grande tragico inglez se serviu na elaboração do seu poema, não do original italiano mas d'uma traducção ingleza da novella de L. da Porto.

A *Giulietta e Romeo* de da Porto, escripta n'um estylo simples, mas cheio de encanto, constitue um dos mais bellos flôres da corôa artistica do seu auctor, e dá-lhe um distincto lugar entre os grandes escriptores que tem feito apparecer redivivas nas suas obras immortaes as figuras d'esses amantes, bellos e desgraçados.

A paternidade de *Giulietta e Romeo* é negada por Todeschini, que diz que da Porto se inspirou n'uma novella de Masuccio Salernitano, escriptor do decimo quinto seculo. O assumpto d'esta novella similhante ao de da Porto, passa-se em Siena e figuram n'elle tambem duas familias inimigas, Mignanelli e Saraceni. Os dois principaes personagens teem o nome de Gianozza Saraceni e Mariotto Mignanelli. (1).

Esta impugnação de Todeschini, porém, não diminue o valor da novella de da Porto, pois o seu merecimento está no modo como o novellista vicentino



WILLIAM SHAKESPEARE

architectou e ornou a sua obra.

Rendendo a nossa homenagem ao primeiro escriptor que escreveu a historia dos dois amantes, vamos aqui deixar uns traços biographicos sobre esse homem, que hoje ainda é tão pouco conhecido.

Luigi da Porto nasceu em Vicencia a 10 de agosto de 1485. Era filho de Lisabetta Savorgnana, descendente d'uma distincta familia do Frioul e de Bernardino da Porto, que se vangloriava de proceder de um tal Porto, appellidado *giureconsulto*, e nomeado pelo imperador Henrique IV n'um privilegio de 1082.

Luigi viveu n'uma epocha em que n'essa ridentissima e abençoada terra italiana floresciam talentos de primeira plana, como Raffaello Sanzio, André del Sarto, o cardeal Bembo Angelo Poliziano, Ariosto, Lionardo da Vinci, Bernardino Pinturicchio, Tiziano Vecelli, Marsilio Ficino, Luca Signorelli, Lippi, Donatello, Michel-Angelo Buonarroti, Cellini, Vittore Carpacio, Sebastian del Piombo, Bramante Giuliano da San Gallo, e tantos outros que

(1) Esta novella foi publicada em Napoles em 1476. O seu argumento é o seguinte:

«Mariotto Sanese innamorato de *Giannozza*, come ad omicida se fugge in Alexandria. Giannozza se fenge morta, e da sepultura tolta va a trovare l'amante; dal quale sentita la sua morte, per morire anco lui torna a Siena, e conosciuto e preso, e tagliatole la testa: la donna nol trova in Alexandria, retorna a Siena e trova l'amante decollato, e lei supra al sur corpo per dolore si muore. — Allo illustrissimo signor Duca de Amalfi.»

Vid. a segunda edição da novella publicada em 1483, em Milão.

(1) Todeschini impugna medicamente este somno artificial de Julietta.

alcançaram um nome glorioso nas letras e nas artes.

Morrendo-lhe o pae, foi Luigi da Porto para casa de um seu tio, fazendo os seus primeiros estudos em Urbino.

Residiu na esplendorosa côrte de Guidubaldo, o formoso príncipe que reunia as mais bellas qualidades de espirito e de coração e que, tendo succedido em 1482 a seu pae o duque Federigo da Montefeltre, baixou á sepultura, na flôr da vida entre as saudades d'um povo inteiro, cujo sentimento foi interpretado á beira do tumulo pelo grande cardeal Bembo, (1) que no discurso que então proferiu, o denominou «*puerum pulcherrimi, suavissimique oris*».

Depois de passar algum tempo em Urbino regressou a Vicencia, que acabava de cahir nas mãos do imperador Maximiliano, praticando este as maiores violencias.

A cidade revoltou-se contra esta tyrania havendo uma reunião clandestina dos principaes da cidade, entre os quaes se cantava Simeone da Porto, tio de Luigi da Porto, e homem que tinha grande influencia em Vicencia.

Uma vez Luigi teve que esconder-se porque, influenciado pelo mais nobre amor patrio, havia ferido um soldado de Maximiliano.

Mais tarde na fronteira do Frioul (região que como elle diz na sua novella percorreu em todo o sentido, conforme o exigia o serviço publico, ou o interesse privado) Luigi da Porto combateu valorosamente contra as armas imperiaes; attingido porém por um forte golpe d'espada disparado por um soldado allemão aquelle que mais tarde devia escrever *Giulietta* e *Romeo* ficou estendido como morto no campo da batalha, e com o rosto horriavelmente cortado pela espadeirada.

Os seus soldados procurando-o, encontraram-no ainda com vida n'um montão de cadaveres.

Transportado para uma igreja proxima no campo do combate foi alli pensado por um afamado medico Marco di Lazzara que o acompanhou depois a Udina e a Veneza. Tinha então 26 annos.

Viveu ainda 18 annos, mas desfeado no rosto outr'ora tão bello pela ferida que nunca sarou, levou até á morte uma vida solitaria em Montorso.

A sua alma procurou consolação no cultivo das letras lendo á litteratura italiana entre outras obras, madrigaes e sonetos, a formosa novella de que nos temos occupado.

A' composição d'esta obra parece que não foi estranha a influencia que sobre elle exerceu uma dama, cujo nome elle pretendeu sempre encobrir; mas que nos parece ser revelado n'uma carta endereçada á sua muito digna inimiga e senhora «*à sua degnissima nemica e donna*». Algumas poesias de da Porto dão a entender que a dama dos pensamentos do noveleiro se chamava Ginevra. O cardeal Bembo, do qual já dissémos alguma cousa n'uma das notas que acompanha este artigo, refere-se n'um soneto a estes amores de Luigi da Porto:

Porto, se'l valor vostro arme e perigli
Guereggiando piegar nemica unquanco;
E Marte v'ha tra suoi piu cari figli;
Difendervi d'Amor non potrete anco.

Non val, per ch'uom di ferro il petto èl fianco
Si copra, e spada in mano o lancia pigli,
Con lui, che s'fresso Giove e tutto stanco
Ha'l ciel: non ch'ei quà guí turbe e scompigli.

Più gioverá mostrarvi umile e piano
E volontariamente preso andarne;
Com'ho fatt'io; che contrastar in vano.

Anzi pregate: poi ch'egli ha in sua mano
Nostra vita, né potealtro salvarne;
Vi doni a cor non da pretá lontano.

(1) Tractando de Luigi da Porto seja-nos permittido apresentar umas notas sobre este distinctissimo homem de letras italiano, que foi um dos mais dilectos amigos do auctor da *Giulietta* e *Romeo*, como o attestam as 10 cartas que d'elle existem endereçadas a da Porto, levando a primeira a data de 16 d'outubro de 1505.

Em uma d'essas cartas, datada de 15 de dezembro de 1506 Bembo convida da Porto a ir passar com elle algum tempo em Urbino, para ver se Porto se restabelece d'uma doença que o accomettera e que o deixára muito melancolico: «*Se vorrete voi, diz elle, lascierò ogni altra cosa e vi farò compagnia*».

O cardeal Bembo, que era muito versado nas linguas grega e latina, e escreveu entre outras obras um bello poema em latim sobre o Etna e os seus *Dialoghi Asolani né quali si ragiona d'amore* endereçou por occasião da morte de Luigi da Porto a seu irmão Bernardino da Porto uma sentidissima carta, por onde bem se póde avaliar o affecto que ligava aquelles dois distinctos homens de letras.

Depois de da Porto e seguindo a ordem chronologica encontramos o nome de uma dama italiana Clizia Veroneza, que, em 1553, compoz um poema sobre *Romeo e Julietta*, poema que se compõe de 1736 versos e se intitula: *L'infelice amore di due fedelissimi amanti Giulia e Romeo, scritto in ottava rima da Clizia, nobile veronese, ad Ardeo suo. Con privilegio. In Vinegia appresso Gabriel Golito de Ferrari e fratelli. MDLIII.*

— Em 1554 o contista veneziano Matteo Bandello de Lucca publicou uma imitação da novella de da Porto. Esta obra prima pelas suas grandes descripções e leva este titulo: *La sfortunata morte di due infelicissimi amanti, che l'uno di veneno e l'altro di dolore morirono: convarj accidenti*.

— Em 1560 apparece a novella em francez de Boistau, novella confeccionada segundo as chronicas italianas, salvas algumas ligeiras differenças.

— Em 1562 publicou se em Inglaterra o poema de Arthur Brooke intitulado: *Historia tragica de Romeo e Julietta*. Foi talvez o unico poema que Shakespeare conheceu e o que levou a escrever a sua tragedia sobre os dois amantes, que appareceu em 1599, quando o talento do grande poeta estava em pleno esplendor.

Obteve desde logo um immenso successo essa sublime tragedia, onde o grande tragico inglez, tendo uma intuição profunda de todas as paixões do coração humano nos descreve em versos sublimes e eloquentes o amor e a paixão d'esses dois jovens, não podendo nós conceber como esse homem que nunca pôz os pés na Italia, mas que só viveu n'um paiz sem sol, entre as brumas da Britannia, podésse crear essas graciosas scenas de varanda, banhadas esplendorosamente da luz branca do luar e rosadas pelos raios da aurora, scenas que parece só podiam ser escriptas por um meridional que sentisse essas noites luminosas, perfumadas de effluvios e entrecortadas apenas pelos arrulhos do amor...

O nosso desejo seria dar aos nossos leitores um detalhe da formosa scena do jardim tal qual a lemos em Shakespeare, bem como um fragmento da scena V do 5.º acto que se passa nos subterraneos da igreja onde Julietta foi sepultada; a extensão do artigo porém e o espaço limitado d'este semanario apenas nos permitem chamar a attenção dos leitores para o grande e bello quadro que hoje o *Branco e Negro* estampa na sua pagina central.

Verá ahí essa alta situação dramatica tractada com a grandiosa expressão que tem na obra de Shakespeare: *Romeo and Juliet*; devemos porém advertir os leitores de que esse quadro não representa propriamente a situação como a concebeu o poeta inglez, porque, segundo elle, Romeo expira abraçado á amante, ignorando que ella está apenas adormecida:

— *Eyes, look your last! arms, tak your last embrace!* enquanto que no quadro de Alberto Maignan, exposto, salvo erro, no *Salon* de 1886, Romeo mostra ainda indícios de vida.

E' que o artista francez não se inspirou directamente em Shakespeare, mas tractou o assumpto segundo a alterações cenica introduzida por Garrick (1716-1779), o gigantesco actor, interprete de Shakespeare.

Segundo a interpretação que lhe deu este actor, Romeo, depois de beber o veneno, descobre que a sua amante ainda respira e exclama com transporte:

— *Ella vive! ella respira! ella fala!* e nós podemos ser felizes ainda! Oh destino propicio! tu me indemnisas n'este unico momento de todos os males que tenho soffrido. — Levanta-te, levanta-te, oh minha Julietta, deixa este antro de trevas e de horror, vem para os braços do teu querido Romeo, vem respirar a vida sobre os seus labios, e reapparecer para a luz e para o seu amor! Segundo esta concepção, Romeo quer ainda fugir com Julietta, que recupera os sentidos, findos alguns instantes, mas, o veneno, obrando sobre elle, fal-o cahir por terra, quasi sem forças.

E' então que contando o succedido á amante e o modo como puzera termo á vida, expira nos braços da sua bella e infeliz Julietta, que não tarda a seguir o joven Montecchio, ferindo-se repetidas vezes com o punhal de Romeo.

Na impossibilidade de darmos maior desenvolvimento á descripção da tragedia immortal do Eschylo britannico remettemos os leitores para essa bella e genial obra de William Shakespeare, talvez a mais portentosa que sa-

hiu do seu cerebro colossal e que gosa de immensa popularidade no theatro moderno.

Vamos findar esta enumeração das principaes obras sobre os dois amantes, apresentando umas ligeiras notas, visto que este artigo já vai muito extenso.

A Hespanha tem tambem dois monumentos litterarios a memoria de Julietta e Romeo: um levantado por Lopez de Vega e se intitula *Castelvines y Montisos*; outro

1859, representa-se na Opera de Paris, o trabalho, em 4 actos, de Bellini; mas antes d'isso, Frederico Soulié, em 1828, faz representar no Odéon, a sua tragedia; em 1867, apparece a opera em 5 actos de Gounod, que foi representada no Theatro Lyrio.

A esculptura e a pintura tem tambem reproduzido com grande sentimento algumas das situações mais patheticas da tragedia shakespeareana.



JULIETTA NA CELLA DO IRMÃO LOURENÇO

dævido á penna de *De las Roxas* e se epigrapha *Los Vandos de Verona*.

Em Portugal lembra-nos ter visto ha annos, em poder d'um nosso amigo, um poema do dr. Patrocínio da Costa, não nos referindo a elle mais desenvolvidamente por o não termos á mão.

Que o seu illustre auctor nos desculpe.

Em 1772, representou-se a tragedia de Ducis: *Romeo e Julietta*; em 1793, representou-se em Feydeau uma opera em 3 actos sob o mesmo titulo; em 1796, Zingarelli fez representar uma opera em Milão; em 1825, apparece em Milão uma opera em 3 actos, musicada por Vacca; em

Assim o escultor Antony Noël expoz no *Salon* de 1875 um soberbo grupo em marmore: Julietta, com o corpo descoberto até ás ancas, está deitada sobre o corpo do amante, depondo-lhe o derradeiro beijo e segurando-lhe com ambas as mãos a cabeça sem vida.

Em pintura, além dos quadros de Franck Dicksee, *Adeus, adeus, um beijo e parto!* de E. M. Ward, *Julietta na Cella do irmão Lourenço* e de Alberto Maignan, *O accordar de Julietta*, os dois ultimos dos quaes o *Branco e Negro* offerece ás suas numerosas leitoras, temos noticia de quadros de Alexandre Colin (salon de 1838); de Chiffart (salon de 1865); de Boulanger, representando

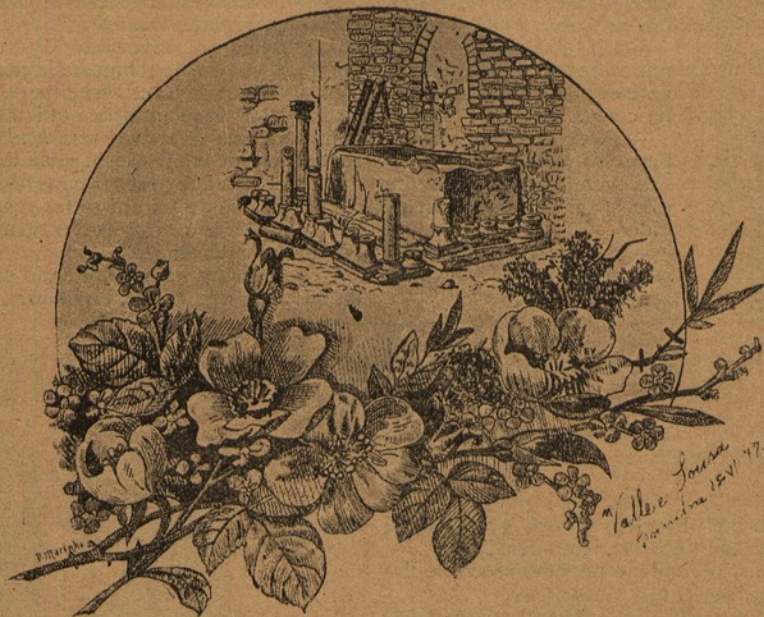
Romeu a comprar veneno (salon de 1857); de Eugenio Delacroix (salon de 1846); de Hermann Goldschmidt; de Galabert (salon de 1857), etc.

Terminaremos este nosso trabalho deixando aqui desenhado o tumulo de marmore roseo onde é tradição estiveram sepultados os dois amantes. Ainda hoje se mostra em Verona, tendo ha annos soffrido uma restau-

ração que não agradou aos olhos da critica. Por esse motivo no desenho que aqui fica, apparece o tumulo de Romeo e Julietta tal como se encontrava antes da restauração.

Coimbra, 25 de julho de 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.



AVÈ-MARIAS

(As raparigas de Ilhavo)

I

A minha canção final
soluçada em noite fria,
será o cicio fatal
d'uma doce Avè-Maria.

E basta para compôr
d'essa oração os resabios,
um só murmúrio de labios,
um simples beijo de amor.

Um beijo que deve andar
suspenso nos labios meus,
beijo que 'inda ha-de ir parar
ao calix dos labios teus.

II

Cantai, cantai raparigas
todas as noites e dias,
as minhas tristes cantigas,
as minhas Avè-Marias.

Hei-de soluçar a beijos,
nas vossas boccas tão lindas,
os sentimentaes harpejos
das minhas maguas infindas.

Solta coração gemidos
coração meu allivia,
todos te prestam ouvidos,
soluçá uma Avè-Maria.

III

Pediste que te cantasse
as minhas canções singellas?...
«Imprime se em tua face
o assumpto de todas ellas.

Satisfaço, sem cantar,
esse teu simples desejo...
para isso basta só dar
nas tuas faces... um beijo.

Um beijo que nos eleve
a regiões sideraes,
onde tudo ficar deve,
d'onde não voltemos mais!»

IV

Vae minha oração errante
de brisa em brisa impellida
e sê por fim recolhida
nos labios d'alguã amante.

Nem o sol nem o luar
nos momentos da agonia,
deixarão de se beijar,
cantando uma Avè-Maria.

Nas horas do meu morrer
na tua bocca aromal,
hei-de com beijos gemer
a minha canção final!

ANTONIO MARIA LOPES.

A "PESTE,"



ORNANDO a si da lethargia em que estava mergulhado, o conde Raymundo de Villamère reconheceu o seu medico que o contemplava com um ar triste.

—D'esta ainda escapei! murmurou o conde sorrindo e erguendo se um pouco na cama.

—Meu pobre amigo! respirou o medico.

E vendo que o doente olhava para elle, surpreendido:

—Coragem! continuou. O senhor é corajoso e devo dizer-lhe a verdade.

—Que verdade?

—Que apresenta todos os symptomas da peste.

—E isso que significa?

—Que depois da lethargia de que accordou agora, tem

tres horas de lucidez... depois do que morre repentinamente!

—Deixal-o morrer!

—Coragem, repito-lhe! E, além d'isso, a vida não é muito alegre! Adeus, meu pobre amigo, adeus!

Dez minutos depois, o conde, a pé, em casaco de flanela, procedia tranquillamente á sua *toilette*.

O medico tinha-se retirado discretamente, para o deixar fazer sósinho as suas derradeiras disposições.

Depois de acabar de se preparar e de limpar as unhas, Raymundo accendeu um charuto e extendeu-se no divan a devaneiar.

Por mais corajoso que podesse ser e por menos mêdo que tivessê da morte, o conde de Villamère achava a sua situação particularmente horrivel.

Na vespera, aos primeiros symptomas de uma grave doença, tinha tomado resolutamente a sua decisão; tinha mandado ir um padre a um tabellião, rasgado a sua correspondencia e posto as suas coisas em ordem. Depois, tinha adormecido profundamente com a ideia de que não acordaria mais.

Mas agora a sua situação assimilava-se á de um condemnado que, depois de lhe ter sido concedido o perdão, se achasse repentinamente defronte do patibulo.

Fôra, na luz alegre do dia, os Campos Elysios tumul-



— Meu pobre amigo, é então verdade!

tuavam da animação dos carros. Emquanto acabava de fumar o seu charuto, extendido no divan, Raymundo evocava todo o seu passado. Muitas impressões da infancia voltavam-lhe ao espirito; depois recordou-se dos seus

amores dos quinze aos vinte e cinco annos e finalmente da alegria dos seus primeiros mezes de casamento.

Como tinham sido felizes! Raymundo recordava-se exactamente n'aquelle momento da sua lua de mel. Seduzido pelos brilhantes encantos de sua mulher, amou-a apaixonadamente. Depois tudo acabou pelo escandalo de um rompimento provocado por um engano de sua parte e por um pouco de teimosia da parte da condessa.

Mas, separados amigavelmente, tinham continuado a amar-se. As suas relações officiaes limitavam-se a frics cumprimentos trocados nos *boulevards*; mas apezar de apparentarem indifferença, quando se informavam um do outro, os seus amigos communs não se enganavam.

O pensamento da morte fez reviver a imagem da mulher adorada e esta obsessão tornou-se insustentavel ao conde de Villamère.

Que arriscava agora, tentando uma reconciliação, ainda que esta não dêsse resultado?



— Mas agora está salvo?

Raymundo foi ao seu escriptorio e fez um telegramma. Tocou depois a campainha e entregou o papel a um creado que appareceu.

Feito isto, olhou para o relógio; restavam-lhe ainda duas horas para viver. A condessa tinha tempo de chegar.

Viria? Aquelle bilhete de supremo adeus commovel-a-hia? Ou, inexoravel na sua dignidade de mulher offendida, recusaria perdoar-lhe mesmo deante da morte?

A angustia d'esta incerteza aggravava a tortura moral de Raymundo, que, mau grado o seu sangue frio, media a um e um, com terior, os minutos que o separavam da agonia.

Passou uma hora n'estas ultimas disposições. Pôz-se a escrever uma longa carta a sua mãe, em que evocava os annos decorridos.

Bruscamente, estremeceu. A campainha electrica acabava de soar. Depois de alguns segundos de ansiosa expectativa, a porta abriu-se. Um creado annunciou:

—A sr.^a condessa de Villamère!

Elle ergueu se, muito pallido.

—Laura! gritou elle.

Mas a mulher não passava da porta, com o rosto caruncado e cheio de indignação.

—E' um laço indigno, senhor! disse ella friamente.

—Um laço? Que quer dizer?

—Telegraphou-me que estava moribundo e venho encon-tral-o de perfeita saude, fazendo a sua correspondencia! Adeus, senhor.

E ia a retirar-se, mas o conde extendeu lhe a carta que escrevia a sua mãe:

—Leia, peço lhe! disse elle.

Ella pegou na carta: e depois de ter lido as primeiras linhas, lançou-se ao pescoço de Raymundo:

— Meu pobre amigo, é então verdade!
Ficaram durante alguns minutos abraçados estreitamente e dolorosamente. Depois sentaram-se, um junto do outro, de mãos dadas e o coração oppresso.

Por fim, o conde recordou-se de que um dos seus antepassados morrera na guilhotina, em 1793, trauteando uma area.

Falaram então do passado, a meia voz, como n'um quarto já funebre. Depois, abordando-se pouco a pouco ás recordações, evocaram os bailes a que tinham ido, os successos que ella tinha obtido, os primeiros tempos felizes do casamento.

Recordaram os passeios da manhã ao Bosque, na frescura das hervas molhadas, as visitas ao Pavilhão Chinez onde almoçavam; voltavam depois pelos Campos Elysiacs, no meio do rumor nervoso do Paris que se divertia. E o seu desejo era voltar então o mais depressa possível para o seu *five ó clock* ou para a intimidade do seu palacio.

Raymundo e Laura acordaram bruscamente d'estas longinquoas recordações em que tinham ficado mergulhados para esquecerem a hora e o terrivel drama que os tinha conduzido um para o outro.

Uma campainhada soou por todo o palacio.
Trocaram um olhar de atroz angustia.

— O senhor doutor Darbois! annunciou o creado.

— Como! A pé? exclamou o medico com um gesto de espanto. E eu que vinha para...

— Vinha para que?

— Mas... em summa, posso dizel o, pois que, graças a Deus, enganei-me... Vinha para verificar o seu obito.

— Obrigado pelo cumprimento! respondeu o conde sorrindo.

— Mas agora está salvo? interrompeu anciosamente Laura.

— Salvo, sim, póde estar descançada. Mas é singular: *O olho da medicina* dava hontem um estudo muito concludente sobre a peste. Mas, acreditem-me, folgo por vêr realisado o contrario...

Era feliz, o bom doutor; mas no fundo do seu pensamento recalrava o despeito de se ter enganado na sua prophécia.

— Laura, — murmurou Raymundo ao ouvido de sua mulher, — se o convidassemos a jantar connosco?

(Trad.)

BOB.

O BEIJA-FLOR MORTO

(*cf* Ex.^{ma} Sr.^a D. Flora Orsini)

A mimosa ávesinha fabricára o ninho no forro da sala de visitas. Hoje, quando a noite descia á terra, arrastando a gaze lactea de um luar esplendoroso, voltando ao ninho, o pobre beija-flor foi, n'um desastre, colhido pela morte.

I

D'aquelle nosso pequenino e amado
Hospede, hoje resta-nos sómente
O lindo corpo tão subitamente
Num gelido cadaver transformado.

Morreu!... E ao vel-o assim, tão sosegado,
Como num sonho embevecido, a gente
Julga estar vendo o descançadamente
Sobre o ninho macio reclinado.

E, tristes, esperamos, a toda hora,
Que elle abra as azas pequeninas, indo
Veloz, n'um ruflo, pelo espaço afóra.

Mas, a pobre ave dorme eternamente
E d'ella só nos resta o corpo lindo
E a saudade mais forte e mais pungente.

II

Quiz, pobre amigo, o fado teu nefando
Que te partisses para o extremo pouso,
Quando um claro luar ia, formoso,
A' terra o beijo embalsamado dando.

Amanhã, quando o sol esplendoroso
Surgir, radiante, o mundo illuminando,
Não mais irás beber, — azas rufando —
Das caçoilas o nectar dulçuroso.

E, em não te vendo: — Ah! como está tardando,
Dirão as flores todas. E, á toda hora,
Ficarão a pensar que vaes chegando.

Mas, te esperam debalde, ave querida,
Pois da jornada, que fizeste agora,
Ninguém mais volta ao ponto da partida.

III

Certo, é bem pungente dôr
Para um coração, o vêr
Um coração, 'inda em flor,
Presto, cessar de bater.

Mas, a que nos punge agora
Ao vermos a ave querida,
Da vida ainda na aurora,
Fugir p'ra sempre da vida;

Mais fica a alma opprimindo,
Quando vemos que, traicoeira,
A Morte o passaro f'rindo,
Ferin uma prole inteira

IV

Tão pequenino!... Certo
Si alguém puzesse um dia,
Sobre elle um lyrio aberto,
O lyrio occultal o-ia.

Tão pequenino!... Em tanto,
Em indo-se do mundo,
Deixa-nos, na alma em prante,
Um vacuo tão profundo.

V

Onde tua alma voeja agora
Das flores todas, ó bem amado?...
Fugindo ao corpo tão delicado,
Ave, para onde foi te a alma, na hora,
Em que allí tombaste inanimado?...

Terá ella ido ao perfumado
Seio das flores, casto e mimoso,
Beber aquelle mel dulçuroso,
Antigamente por ti sugado,
Com a alma cheia de tanto goso?...

Ou terá ella n'um prateado
Raio de lua, que, do alto, desce
Subido ao alto como uma prece,
Indo em procura de gazalhado,
Lá onde a Via Lactea floresce?...

VI

Nada, porém, nos responde
Nosso morto idolatrado.
Ah! que segredo intrincado
O que a cova escura esconde.

Em vão alguém da outra vida
Quer a esta as almas trazer,
Que a loisa não pode ser
Por força humana partida.

VII

O Paraizo das mães é junto
ao berço dos filhos.
COELHO NETTO.

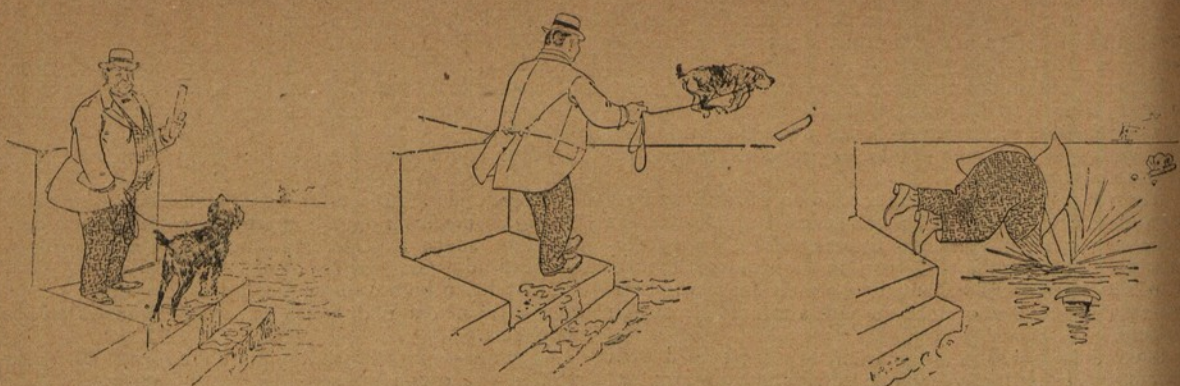
Eu julgo assim, porem: Quando
A tua alma abandonou
Teu corpo, — a triste ficou
Em torno ao ninho adejando.

Pois, (mesmo quando tirada
Da terra), uma alma de mãe
Nunca perde o amor, que tem
A' sua prole adorada.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

(Cidade do Pará, no Estado de Minas Geraes — Brasil.)

UM CÃO BEM AMESTRADO



Um !

Dois !

Tres !

COISAS ALEGRES

Em Paris, Guilherme d'Azevedo, trouxe intrigado por algum tempo um portuguez, frequentador como elle do *Bas Rhin*, com a seguinte pergunta enigmatica:

— Afirmando um proverbio, que *não ha fumo sem fogo*, qual é o caso unico em que ha *fumo sem fogo*?

O interrogado trazia cada noite para o cavaco portuguez do *Bas-Rhin*, uma resposta, qual d'ella mais esta-palardia.

A' é que Guilherme lhe explicou... que era o *fumo* do chapéu de quem está de luto.

* * *

Em Lisboa tambem foi moda, ha alguns annos, estas perguntas enigmaticas. Em grupos certos dos cafés, das cervejarias, do Passeio nas noites de verão, dos foyers dos theatros, da casa Havaneza, era certo haver sempre quem trouxesse perguntas d'estas para espiritar a conversação.

Uma noite, no camarim de Francisco Palha, director do theatro da Trindade, o pequeno grupo dos frequentadores, já tinha esgotado, entre risadas, o peculio de perguntas que levára, quando Eduardo Garrido, já dispondo-se a sair, diz:

— Lá vae ainda mais uma e ultima. Qual é o hymno que nunca se toca?

Ninguém soube responder.

Rematou então elle:

— E' o INNOcencio Francisco da Silva (o distincto bibliographo, que ao tempo ainda era vivo).

* * *

Joaquim Antonio d'Aguiar, o Mata-grades, que por varias vezes foi ministro d'estado (a começar na dictadura militar dos Açores e cerco do Porto), e nas ultimas presidente de ministerio, comprou, na quadra derradeira da sua vida, uma quinta no Barreiro... com a sorte grande que lhe sahiu em meio bilhete.

A's pessoas que lhe visitavam a propriedade e lhe observavam a falta d'agua, respondia sorrindo:

— E' verdade, é. Estou á espera que me saia outra sorte grande, para trazer a agua até á quinta.

Presentemente, parece-nos que isto devia ter succedido

nos tempos ingenuos dos reis pastores; pois succedia em Portugal, ha 40 annos.

Como temos progredido!

* * *

O fallecido medico Sousa Martins, contava d'um outro ministro d'estado, que alguns annos de deanteira lhe levou na morte, e de quem era clinico e amigo, o seguinte:

Um dia succedeu o medico entrar em casa d'aquelle seu amigo, quando elle, no seu quarto de vestir se preparava para ir fardado á assignatura regia. A familiaridade havida entre ambos, auctorisava o dono da casa a convidar o visitante a entrar no quarto reservado.

O medico entrou. O ministro vestia o colete. Auxiliava-o o seu creado particular. Cumprimentaram-se. O doutor assentou-se; e o ministro virando-se novamente ao espelho, abriu conversação gracejadora.

Composto o colete, ouve o doutor dizer o ministro com a maior naturalidade ao creado:

— Traze-me a albarda.

E o doutor, sorrindo, viu o creado tirar do guarda-fato... a farda.

Vestida ella, vagarosamente, sem que o seu dono interrompesse a historia alegre que estava contando, accrescentou:

— Agora a cilha.

E o creado traz a longa fita d'uma gran-cruz, que lhe collocou a tiracollo.

* * *

Reinatemos com um ministro... vivo.

E' actualmente ministro honorario, tem na sua bagagem de letra redonda um volume de versos, e é estimado pela sua probidade e feito democratico.

Costuma frequentar de verão as Pedras Salgadas na sua provincia (*branco é, gallinha o põe*). N'um dos ultimos annos, não sei se por ser ministro, a conta final da despeza no hotel, veiu-lhe... salgadinha.

Elle á despedida escreveu n'um album:

«Adeus Pedras Salgadas
Adeus salgados hotéis,
Por causa das vossas aguas
Vão-se dedos e aneis.»

H.

O MELRO

Por lapso não indicámos no nosso ultimo numero que os trechos da poesia *O melro* que acompanharam as photogravuras que publicámos de pag. 118 a 123 foram transcriptos do livro *Velhice do Padre Eterno*.

Nos estudos physionomicos do actor Augusto Rosa, publicados no nosso numero precedente, temos a fazer uma rectificação com referencia á decima photogravura dos mesmos estudos, devendo a phrase que a acompanha ser em vez de «umas pennugens doces como arminho», a mesma da photogravura anterior «guizados com arroz são excellentes», visto como a expressão de ambos os clichés se refere á mesma passagem do monologo

SECÇÃO RECREATIVA

A ESCADA DE PAPEL

VAMOS indicar o modo de se construir, com uma folha de papel, a elegante escadaria reproduzida pela nossa gravura. O papel deve ser delgado e resistente, e a dimensão basta ser a do papel de cartas.

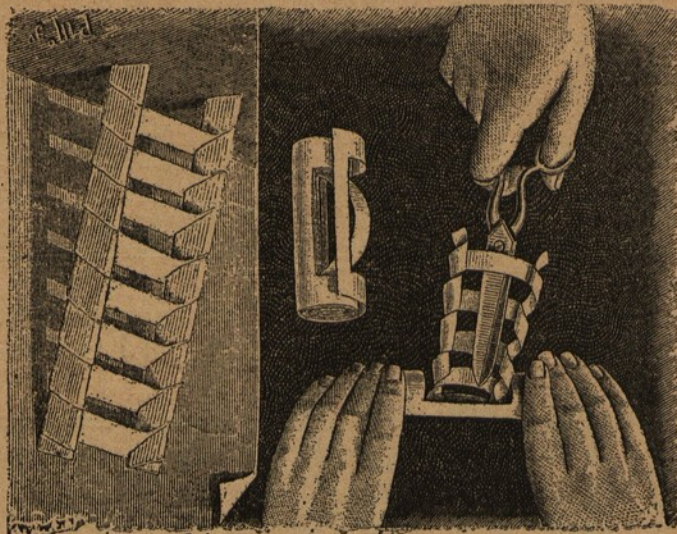
Não é difficil construir uma escada, cortando o papel que se pega em seguida, mas a maneira do fabrico que offerecemos é original, porque deve ser feita d'um só boccaldo, sem gomma de especie alguma, e sómente com a ajuda de tres tesouradas, quaesquer que sejam os tomanhos ou os degraus.

Os detalhes da gravura indicam o processo a empregar : enrole-se a folha de papel, no sentido da largura, fazendo voltas estreitas e regulares. Entalhe-se em seguida o pequeno rôlo com tres tesouradas dadas pela seguinte fórmula : dois entalhesinhos perpendiculares ao rôlo, á direita e á esquerda e a um centimetro approximadamente das beiras ; depois um grande entalhe paralelo ao eixo do rôlo que aperta os dois primeiros entre si. Faça-se assim no rôlo uma massa atravez da qual deve passar a primeira tira de papel. No desenho que representa o rôlo entalhado ver-se-ha que esta tira se tirou levemente.

Se se quer construir só a escada, esta tira deve seguir-se com os dentes, e as duas extremidades do rôlo com as mãos.

Não se deve fechar os dedos, para evitar que o papel se rasgue.

Quando se tirar, lentamente, com as mãos, faça-se sahir da massa tiras parallelas de papel que serão os degraus ; as bordas d'ellas são enroladas em espiraes. Quando está tudo tirado, dobrem-se duas vezes sobre si



mesmas abaixando-as. Serão os montantes da escada

Para começar é preferivel que operem duas pessoas : um dos operantes segura as duas extremidades do rôlo e o segundo vae tirando as tiras com a tesoura como indica a nossa gravura. Com cuidado e attenção, consegue-se bom resultado logo á primeira vez, e, quando se mostre aos circumstantes a obra diga-se-lhes que, para a fazer, bastaram apenas tres córtes de tesoura dados n'uma folha de papel ; elles não acreditam. Depois d'estas tres tesouradas não ha mais do que... tirar a escada

OS ANNUNCIOS



PARA O

Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são : uma pag. 7:000 rs ; 1/2 pag, 4:000 rs. ; 1/4 de pag. 2:000 rs. ; 1/8 de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que pôde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lidó de milhares de pessoas. E a razão é simples : o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitros.

FORMULARIO CIVEL

PARA

Escrivães dos juizes de direito, municipaes e de paz
POR

JOSÉ CASIMIRO DA COSTA QUINTELLA

220 formulas, em harmonia com o código do processo civil, lei do sello, tabela dos emolumentos, regulamentos da contribuição de registo, da decima de juro e da Caixa geral de depositos.

PREÇO 700 RÉIS

A' venda nas Livrarias e em casa do auctor, Largo de Misericórdia, Covilhan.

CASA DOS BORDADOS

DE

SILVA RODA & C.^A

161, RUA AUGUSTA, 165

LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA

E

ATELIER DE ROUPAS BRANCAS

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, malinês, penteadores, saias bordadas, enxovas para noivas, collegiaes e recemnascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

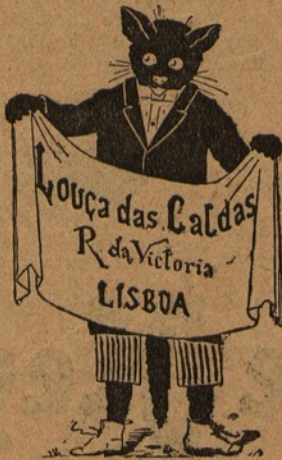
179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu
o record
do Mundo

Grande variedade de peças decorativas executadas sob a direcção do grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO feitas pelo primeiro artista no genero.

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento em tabacoes nacionaes e estrangeiros

Grande variedade em carteiras para todos os preços

Venda de jornaes e diversas publicações nacionaes e estrangeiras

Boquilhas, cigarreiras, cachimbos, charuteiras e outros artigos

Variada collecção de numeros para todas as loterias

Artigos de papelaria, bilhetes de visita, agua de Caneças e Cintra, velas de stearina

Os senhores colleccionadores de sellos encontram sempre n'esta casa um bom fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de todos os artigos do seu commercio por PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

JOSE HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCA BIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA